

**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
CURSO DE ESTADO-MAIOR CONJUNTO**

2016 / 2017



TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO INDIVIDUAL

**ASSURANCE MEASURES: A SOLUÇÃO PARA A ESTABILIDADE NO FLANCO
ESTE DA EUROPA?**

**O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA
DO CURSO NO IUM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO
CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DAS FORÇAS ARMADAS
PORTUGUESAS OU DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA.**

**Marco Paulo Antunes Rafael Lopes
MAJOR INFANTARIA**



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**ASSURANCE MEASURES: A SOLUÇÃO PARA A
ESTABILIDADE NO FLANCO ESTE DA EUROPA?**

Major de Infantaria Marco Paulo Antunes Rafael Lopes

Trabalho de Investigação Individual do CEM-C 2016/2017

Pedrouços 2017



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**ASSURANCE MEASURES: A SOLUÇÃO PARA A
ESTABILIDADE NO FLANCO ESTE DA EUROPA?**

Major de Infantaria Marco Paulo Antunes Rafael Lopes

Trabalho de Investigação Individual do CEM-C 2016/2017

Orientador: Major de Infantaria Paraquedista Rui Jorge Roma Pais dos Santos

Pedrouços 2017



Declaração de compromisso Anti plágio

Eu, **Marco Paulo Antunes Rafael Lopes**, declaro por minha honra que o documento intitulado **ASSURANCE MEASURES: A SOLUÇÃO PARA A ESTABILIDADE NO FLANCO ESTE DA EUROPA?**, corresponde ao resultado da investigação por mim desenvolvida enquanto auditor do **Curso de Estado-Maior Conjunto 2016/2017** no Instituto Universitário Militar e que é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas referências bibliográficas.

Tenho consciência que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética, moral, legal e disciplinar.

Pedrouços, 17 de julho de 2017

Marco Paulo Antunes Rafael Lopes
Major de Infantaria



Agradecimentos

Analisar, averiguar, estudar, examinar, explorar constituem sinónimos de investigação. Todavia, investigar tem também associado outros conceitos como debate, partilha de conhecimento, tempo disponível e acompanhamento. Para todos, e com contributo direto na investigação, diferentes personalidades, militares e civis, colaboraram de forma desinteressada e objetiva.

O meu primeiro agradecimento consubstancia-se na pessoa do meu Orientador, Major de Infantaria Rui Pais dos Santos. Através de uma ação diretiva, mas flexível, fomentadora do espírito crítico e sustentada num intenso conhecimento da temática em análise permitiu encontrar caminhos, tomar decisões e cimentar ideias. Estou certo que se algum contributo para o conhecimento advir desta análise, o mérito decorre, também do seu esclarecido posicionamento. Muito Obrigado e Bem-Haja.

Para que uma investigação seja considerada consistente, consequente e coerente é fundamental ouvir quem mais sabe sobre o assunto. Neste quadro gostaria de elogiar e reconhecer, não apenas pelo tempo disponibilizado, mas também pela qualidade das entrevistas concedidas, a Sua Ex^a o Embaixador Luís de Almeida Sampaio, à Exma. Professora Doutora Maria Raquel Freire, Exmo. Professor Doutor José Milhazes, Exmo. Coronel de Cavalaria José Fânzeres e o Exmo. *Andrew Radin*. A todos um sentido agradecimento pela colaboração, apoio, disponibilidade e sentido crítico.

Camaradagem e espírito de corpo foram também valores que encontrei uma vez mais na minha casa militar. Nesse quadro gostaria de agradecer a todos os auditores do CEMC 2016/2017, em especial ao Major de Infantaria Jorge Pereira, Major de Cavalaria Marco Cordeiro, Major de Cavalaria Pedro Cabral e Major Artilharia Álvaro Santos. Os vossos contributos foram essenciais. Bem hajam pela camaradagem, paciência e contributos.

A ti, Dina, obrigado pelo amor, companhia, amizade e acima de tudo compreensão. A tua presença, partilha e apoio permitiu que me concentrasse nesta tarefa que também é tua.

Por último uma referência aos esteios da nossa família, Beatriz, Leonor e Maria. Como bem sabem o mote é, foi e será, “*Por Vós e para Vós*”. Sois vós que mais sentem a minha ausência. A lágrima no olho de domingo à noite, os porquês de não ir a casa quarta-feira, à alegria estampada nas vossas caras na sexta-feira à tarde, foi uma rotina que subestivesse vencer. A vossa resiliência, compreensão e apoio foi um combustível enorme para a minha devoção. Obrigado “*picachus*”.

Muito Obrigado.



Índice

Introdução	1
1. Revisão da literatura e Abordagem Metodológica	6
1.1. Revisão de Literatura	6
1.2. Percurso Metodológico	10
1.3. Metodologia de análise	11
1.4. Instrumentos de Recolha.....	12
2. O espaço de empenhamento a Leste	14
2.1. Caracterização do espaço de empenhamento a Leste	14
2.1.1. Antecedentes	14
2.1.2. Caracterização	14
2.2. Síntese Conclusiva.....	19
3. A Federação Russa.....	22
3.1. O Centro de Gravidade da Rússia.....	23
3.2. Estratégia Híbrida	29
3.3. Síntese Conclusiva.....	32
4. A OTAN e a modalidade de ação estratégica	33
4.1. As Assurance Measures	33
4.1.1. Policiamento Aéreo.....	34
4.1.2. Patrulhamento marítimo.....	35
4.1.3. Presença Miliar terrestre e exercícios	36
4.1.4. Informações, Vigilância e Reconhecimento	37
4.2. Potencialidades e limitações	38
4.3. Contributos para a Estabilidade	40
4.3.1. Análise SWOT modificada.....	40
4.3.2. Contributos das AM.....	41
4.4. Síntese conclusiva.....	43
Conclusões.....	44
Bibliografia.....	50



Índice de Apêndices

Apêndice A – Corpo de Conceitos	Apd A - 1
Apêndice B – Percurso Metodológico e Quadro Conceptual	Apd B - 1
Apêndice C – Análise de conteúdo de entrevistas	Apd C - 1
Apêndice D – Readiness Action Plan	Apd D - 1
Apêndice E – Exercícios OTAN para 2017	Apd E - 1
Apêndice F – Afetação CC do ator Rússia pelas Assurance Measures.....	Apd F - 1
Apêndice G – Análise modalidade de ação estratégica	Apd G - 1

Índice de Figuras

Figura 1 – Objetivos de investigação	3
Figura 2 – Síntese da investigação	4
Figura 3 – Localização da minoria Russa.....	15
Figura 4 – Projeção de Capacidades A2/AD Russas	28
Figura 5 – Modelo Russo de Guerra Híbrida na Ucrânia	30
Figura 6 – Níveis de atuação, táticas e características da ameaça híbrida.....	30
Figura 7 – Conceito genérico da eNRF	34
Figura 8 – Número de aeronaves Russas intercetadas no EEL	35
Figura 9 – Mar Báltico	36
Figura 10 – Áreas de atuação para combater ameaças híbridas	38
Figura 11 – Metodologia de tratamento de dados	41
Figura 12 – Percurso Metodológico	Apd B - 1
Figura 13 – Evolução da Resposta da OTAN à Rússia	Apd D - 2
Figura 14 – O RAP como resposta à ameaça híbrida	Apd D - 3
Figura 15 – A presença avançada OTAN.....	Apd D - 4

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Medidas práticas de dissuasão	8
Tabela 2 – Coesão e ameaças internas e externas	9
Tabela 3 – Técnicas de recolha de dados a utilizar na investigação.....	12
Tabela 4 – Potencialidades do Espaço de Empenhamento a Leste	19
Tabela 5 – Vulnerabilidades do Espaço de Empenhamento a Leste	20
Tabela 6 – Análise do CoG do ator Rússia.....	24
Tabela 7 – Objetivos do programa de modernização Russo para 2020.....	27



Tabela 8 – Afetação das Capacidades Críticas da Rússia pelas Assurance Measures	39
Tabela 9 – Contributos das Assurance Measures para a dissuasão	42
Tabela 10 – Quadro Conceptual	Apd B - 1
Tabela 11– Matriz de análise de entrevistas	Apd C - 1
Tabela 12 – Exercícios OTAN para 2017 no Espaço de Empenhamento a Leste... Apd E - 1	
Tabela 13 – Afetação das CC do ator Rússia pelas Assurance Measures	Apd F - 1
Tabela 13 – Metodologia de análise SWOT.....	Apd G - 1
Tabela 14 – Forças e Fraquezas do EEL (Ambiente Interno)	Apd G - 1
Tabela 15 – Ameaças ao EEL (Ambiente Externo)	Apd G - 1
Tabela 16 – Resultados da Análise SWOT - Potencialidades	Apd G - 2
Tabela 17 – Resultados da Análise SWOT - Vulnerabilidades.....	Apd G - 2



Resumo

O relacionamento entre a Organização do Tratado do Atlântico Norte e a Federação Russa tem sido marcado por processos disjuntivos, de onde se destaca a questão da Ucrânia em 2014. A dinâmica entre estes dois atores, fomentada por líderes e estratégias próprias, coloca à prova a estabilidade do Sistema Político Internacional, especialmente quando se observam interesses antagónicos.

A presente investigação tem como objetivo analisar como é que a Aliança, através das *Assurance Measures*, contribui para a Estabilidade do Leste Europeu, delimitado à região dos países Bálticos. Seguindo um raciocínio dedutivo e uma estratégia qualitativa, procurámos identificar as dinâmicas internas dos Países Bálticos, as capacidades e intenções da Rússia naquele espaço e posteriormente verificar como as *Assurance Measures*, enquanto objeto do nosso estudo, contribuem para dissuasão das ameaças percebidas e da coesão interna.

Verificámos que o contributo essencial das *Assurance Measures* para a Estabilidade do Leste Europeu centra-se no domínio interno da coesão da Aliança, reforçando a defesa do território e das populações dos Países Bálticos e demonstrando o comprometimento na Defesa Coletiva. No domínio externo da dissuasão as *Assurance Measures* não afetam o Centro de Gravidade Russo existindo, outras medidas no âmbito do *Readiness Action Plan* com capacidades para tal.

Palavras-chave

Rússia, OTAN, Estabilidade, Dissuasão, Coesão e *Assurance Measures*.



Abstract

The relationship between the North Atlantic Treaty Organization and the Russian Federation has been marked by disjunctive processes, highlighting the issue of Ukraine in 2014. The dynamics between these two actors, fostered by their own leaders and strategies, is testing the stability of the International Political System, especially when opposing interests are observed.

The present research aims at analyzing how the Alliance, through the Assurance Measures, contributes to the Stability of Eastern Europe with focus in the Baltic region States. Following deductive argument and a qualitative strategy, we sought to identify the internal dynamics of the Baltic States, the capabilities and intentions of the Russian Federation in that space and later to verify how the Assurance Measures, as object of our study, contribute to deterring the perceived threats and to the internal cohesion.

We have found that the essential contribution of the Assurance Measures to the Stability of Eastern Europe focus on the internal cohesion domain of the Alliance, reinforcing the defense of the territory and populations of the Baltic States and demonstrating the commitment in Collective Defense. In the external domain of deterrence, the Assurance Measures do not affect the Russian Center of Gravity, although there are other measures within the scope of the Readiness Action Plan with the capacity to do so.

Key Words

Russia, NATO, Stability, Deterrence, Cohesion and Assurance Measures.



Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

A

AdapM	<i>Adaptation Measures</i>
ADM	Armas de Destruição Massiva
AGS	Vigilância Terrestre da Aliança
AJP	<i>Allied Joint Publication</i>
AM	<i>Assurance Measures</i>
ASACS	<i>Air Surveillance and Control Systems</i>
AWACS	<i>Airborne Warning and Control System</i>
A2/AD	<i>Anti-Access/Area Denial</i>

C

CAX	Exercício Assistido por Computador
CC	Capacidade Crítica
CdE	Centro de Excelência
CEI	Comunidade de Estados Independentes
CFI	<i>Connected Forces Initiative</i>
CoG	Centro de Gravidade
COPD	<i>Comprehensive Operations Planning Directive</i>
CPX	Exercício de Postos de Comando
CSM	Conferência de Segurança de Munique
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
C2	Comando e Controlo

E

EEL	Espaço de Empenhamento a Leste
eFP	<i>Enhanced Forward Presence</i>
eNRF	<i>Enhanced NATO Response Force</i>
EUA	Estados Unidos da América

F

FFAA	Forças Armadas
FOPEsp	Forças de Operações Especiais
FTX	Exercícios de Campo

I

IFFG	<i>Initial Follow-on Forces Group</i>
IISS	<i>International Institute for Strategic Studies</i>
IUM	Instituto Universitário Militar
IVR	Informações, Vigilância e Reconhecimento

L

LIVEX	Exercício real com forças
-------	---------------------------

M

m/a	Modalidade de Ação Estratégica
MDN	Ministério da Defesa Nacional
MNE	Ministério dos Negócios Estrangeiros

N

NATO	Organização do Tratado do Atlântico Norte
NEP/ACA	Norma de Execução Permanente Académica
NFIU	<i>NATO Force Integration Unit</i>
NTM	<i>Notice to Move</i>

O

OCS	Órgãos de Comunicação Social
-----	------------------------------



OE	Objetivos Específicos
OG	Objetivo Geral
OI	Organizações Internacionais
ONG	Organização Não-Governamental
OSCE	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
OTSC	Organização Tratado da Segurança Coletiva
P	
PA	Policimento Aéreo
PDD	Postura de Dissuasão e Defesa
PfP	Parceria para a Paz
PIB	Produto Interno Bruto
PIMEB	Plano de Interconexão do Mercado de Energia dos Bálticos
PM	Patrulhamento Marítimo
PMESII	Político, Militar, Económico, Social, Informacional e Infraestruturas
Q	
QC	Questão Central
QD	Questão Derivada
R	
RAP	<i>Readiness Action Plan</i>
RC	Requisitos Críticos
S	
S	Forças
SACEUR	<i>Supreme Allied Commander Europe</i>
SACT	<i>Supreme Allied Commander Transformation</i>
SHAPE	<i>Supreme Headquarters Allied Powers Europe</i>
SNMCMG	<i>Standing NATO Mine Counter-Measures Groups</i>
SNMG	<i>Standing NATO Maritime Group</i>
SPI	Sistema Político Internacional
STRATCOM	Comunicação Estratégica
SWOT	<i>Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats</i>
T	
T	Ameaças
tFP	<i>Tailored Forward Presence</i>
U	
UAV	Aeronaves não-tripuladas
UE	União Europeia
UEB	Unidade de Escalão Batalhão
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
V	
VC	Vulnerabilidade Crítica
VJTF	<i>Very High Readiness Joint Task Force</i>
W	
W	Fraquezas



Introdução

O Sistema Político Internacional (SPI) é caracterizado por um conjunto de atores, estatais e não-estatais, “que interatuam com uma certa frequência e regularidade” (Couto, 1988a, p.19), num quadro de interdependência complexa potenciada pela ubiquidade da internet, pelo recrudescer de novas e diferentes ameaças com origens no plano interno e externo dos Estados e com capacidade de atuação multidimensional e de exploração das “vulnerabilidades das sociedades modernas organizadas em rede” (Santos, 2016, p.13).

Neste ambiente, dois atores geoestrategicamente ativos¹ surgem como antagónicos no Espaço de Empenhamento a Leste² (EEL). De um lado a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), impulsionada por uma política de alargamento e de *open doors*. Do outro, uma Federação Russa, liderada por Vladimir Putin, com recurso a uma retórica assente na assunção de que o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), foi a maior catástrofe geopolítica do século XX (Putin, 2005, cit. por Andrews, 2015, p.189). Esta atuação faz recrudescer receios antigos, que se repercutem especialmente onde se identificam interesses antagónicos, como é o caso da região dos Bálticos.

Nesta relação OTAN-Rússia, John Mearsheimer, divide o passado recente em dois períodos fundamentais: (i) 1990 a 2008, definido como o período de ouro, apesar dos alargamentos da OTAN a Leste e (ii) 2008 ao presente, onde após a cimeira de Bucareste foi demonstrada a intenção de integrar a Geórgia e a Ucrânia na OTAN, e onde se verificou a intervenção Russa na Geórgia (2008) e já em 2014 a anexação da Crimeia (Mearsheimer, 2016, p.28).

Para melhor compreender o atual posicionamento Russo importa recuar a 2007 e atentar ao discurso proferido por Putin na Conferência de Segurança de Munique (CSM), considerado por alguns especialistas como uma verdadeira doutrina (Milhazes, 2017) e que, constituiu o prelúdio para um reposicionamento externo da Rússia enquanto Unidade Política que procura recuperar a influência no SPI com uma dinâmica revisionista implícita que não é nada menor do que a Rússia como Estado comunista (Sakwa, 2010, p.12).

A crise da Ucrânia e a anexação da Crimeia em 2014 por parte de Moscovo constituiu o catalisador específico que marca as atuais relações de tensão entre a Rússia e a OTAN (Mearsheimer, 2016). Neste espaço, a Rússia utilizou diferentes instrumentos de poder e

¹ Segundo Brzezinski um ator geoestrategicamente ativo é aquele que dispõe da capacidade e vontade nacional para exercer poder ou influência para além das suas fronteiras no sentido de alterar as relações estatais existentes (Brzezinski, 1997, p.40).

² Considerado para efeito da presente investigação a Estónia, Letónia, Lituânia e Mar Báltico.



influência, numa atuação classificada pelo Ocidente como híbrida (OTAN, 2016a) e que alargou o sentimento de insegurança a outros Estados, outrora no domínio Soviético e hoje integrantes da OTAN, e.g. Estados Bálticos e Polónia.

Estes factos colocam novos desafios internos (coesão) e externos (ameaças) que orientam a Aliança para o reconhecimento da existência de um arco de insegurança e instabilidade ao longo da sua fronteira e o recentrar no esforço de defesa coletiva, com base no garante da coesão e solidariedade entre Aliados ressurgindo a importância da dissuasão convencional (OTAN, 2014a, 2016a).

A resposta da Aliança consubstanciou-se na aprovação do *Readiness Action Plan* (RAP), após a Cimeira de Gales. Este plano procura, entre outros aspetos, responder aos novos desafios de segurança a Leste colocados pela Rússia e as suas implicações estratégicas, através de uma combinação de medidas de confiança³ dos seus aliados e de adaptação⁴ da postura estratégica (OTAN, 2014a).

O RAP, implementado desde 2014 e reforçado recentemente na cimeira de Varsóvia, tem-se traduzido num aumento substancial de atividades militares dos Aliados na região do Leste Europeu. Da execução de exercícios e atividades temporárias nos Bálticos⁵, a cimeira de Varsóvia de 2016, vem traduzir essa presença de forma permanente através da *Enhanced Forward Presence* (eFP), com recurso ao posicionamento de quatro Unidades de Escalão Batalhão (UEB), nos Bálticos e Polónia e da *Tailored Forward Presence* (tFP) orientada para o flanco Sul.

Apesar da implementação do RAP, o ambiente estratégico no EEL é enformado por diversas questões geopolíticas, quer bilaterais, quer entre Organizações Internacionais (OI) e Estados, conferindo a esta região uma grande importância estratégica e que, portanto, importa analisar e verificar se as medidas implementadas pela OTAN respondem aos novos desafios securitários.

O tema “*Assurance Measures: A solução para a estabilidade no flanco ESTE da Europa?*” procura assim apurar como é que as medidas implementadas pela OTAN, designadamente as *Assurance Measures* (AM), contribuem para a estabilidade do EEL observado em duas dimensões: (i) interna, contribuindo para a coesão e (ii) externa, dissuadindo a ameaça percebida.

³ Tradução livre de *Assurance*.

⁴ Tradução livre de *Adaptation*.

⁵ Geridos através da *Connected Forces Initiative* (CFI) acordado em Chicago. Esta iniciativa tem como objetivo assegurar a coerência da componente de treino e exercícios associado ao RAP (OTAN, 2014b).



O paradigma estratégico, e a necessidade de objetividade, impele-nos a definir como objeto de estudo, as *Assurance Measures*. Para esse efeito, pela abrangência das dinâmicas do SPI e pela área de emprego das medidas no âmbito do nosso objeto de estudo decidimos delimitar: (i) temporalmente entre 2014 e 31 de dezembro 2016, porquanto 2014, marca o início da implementação das AM e (ii) espacial – ao EEL. Ao nível conceptual focar-nos-emos em três conceitos: (i) coesão, (ii) dissuasão e (iii) estabilidade⁶. Este último, decorrendo do tema da nossa investigação, constitui na nossa análise o corolário da observação dos dois primeiros pois, para a Aliança, e por definição, as AM constituem medidas desenhadas para reforçar a defesa e das populações (coesão) e dissuadir uma potencial agressão (dissuasão) (SHAPE, 2017a).

Para a prossecução da nossa investigação, definimos um Objetivo Geral (OG) e três Objetivos Específicos (OE), apresentados na Figura 1.

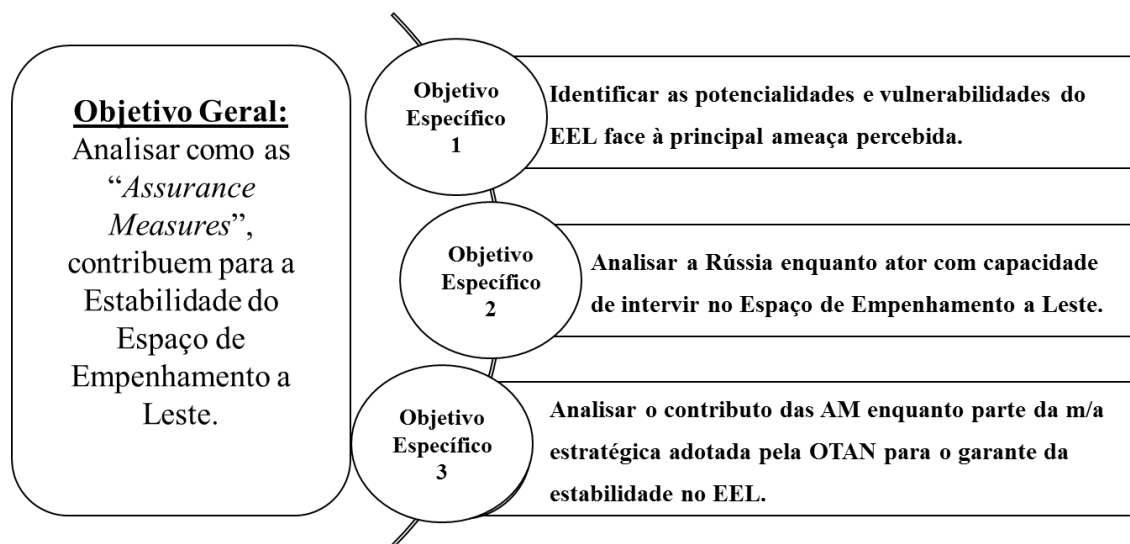


Figura 1 – Objetivos de investigação

Fonte: (Autor, 2017)

No desenvolvimento do nosso argumento considerámos dar resposta às seguintes questões:

- Questão Central (QC) – Como é que as *Assurance Measures*, contribuem para a estabilidade no EEL?
- Questão Derivada (QD) 1 – Quais as potencialidades e vulnerabilidades do EEL face à principal ameaça percebida a Leste?

⁶ Em complemento foi desenvolvido o corpo de conceitos em Apêndice A.



- QD 2 – Quais as Capacidades Críticas (CC) e Vulnerabilidades Críticas (VC) do ator Rússia, no quadro de uma possível intervenção no EEL?
- QD 3 – Como contribuem as AM para a Coesão da Aliança e para a Dissuasão da ameaça percebida a Leste?

O percurso metodológico seguido e descrito em Apêndice B enformou toda a nossa investigação, sintetizada na Figura 2, tendo por base as orientações definidas no Instituto Universitário Militar (IUM) (Santos et al., 2016). Com base no objeto de estudo definido e a sua dependência de diferentes dinâmicas resultantes das Políticas e Estratégias das unidades do SPI, assumiremos um posicionamento ontológico construtivista. Tendo presente as questões apresentadas anteriormente e a existência de um corpo teórico já desenvolvido por conceituados autores, que iremos desenvolver no capítulo um, impeliu que a nossa opção recaísse no raciocínio dedutivo para o qual utilizaremos uma estratégia qualitativa e um desenho de pesquisa de estudo de caso.

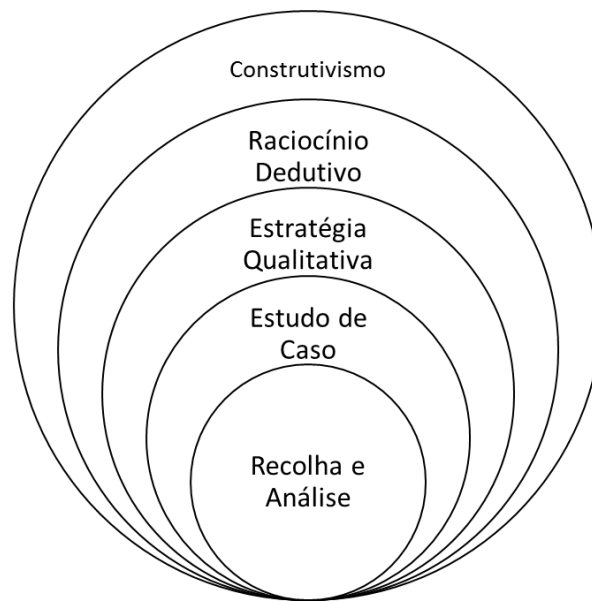


Figura 2 – Síntese da investigação

Fonte: (Autor, 2017)

Para isso organizamos o nosso estudo, para além da presente introdução, em quatro capítulos e conclusões.

No primeiro capítulo procuraremos explicar a revisão literária referente aos conceitos de estabilidade, dissuasão e coesão seguido de uma detalhada descrição do percurso metodológico e modelo de análise.

No segundo capítulo, caracterizaremos e analisaremos o EEL identificando as principais potencialidades e vulnerabilidades deste espaço face à principal ameaça



percebida. Esta ameaça, consubstanciada na política de Moscovo e na postura em 2014 com a anexação da Crimeia e intervenção na Ucrânia será analisada no terceiro capítulo que procurará traduzir as principais CC e VC da Rússia enquanto ator com intenções de intervir no EEL.

Posteriormente, no quarto capítulo, caracterizaremos a Modalidade de Ação Estratégica (m/a) adotada pela OTAN, com especial enfoque nas AM que nos permitirá identificar potencialidades e vulnerabilidades destas medidas. Estas constituir-se-ão no substrato para analisarmos, no mesmo capítulo, como é que as AM contribuem para a estabilidade no EEL.

Por último, tecer-se-ão as conclusões da investigação que procurarão fundir contributos para o conhecimento e fundamentar recomendações no âmbito do nosso objeto de estudo.



1. Revisão da literatura e Abordagem Metodológica

Pretendemos com este capítulo expor de forma detalhada o percurso metodológico seguido e as razões que justificam as opções tomadas. Inicialmente, e tendente a avaliar o estado da arte desenvolvemos uma revisão de literatura. Esta constituirá a base para a definição do modelo de análise que permitirá, nos capítulos subsequentes, responder à QC e QD e, posteriormente, sustentar as conclusões.

1.1. Revisão de Literatura

A presente investigação insere-se no âmbito das Ciências Militares, na área de investigação do Estudo das Crises e dos Conflitos Armados porquanto o debate centrar-se-á na aplicação do instrumento militar de uma Aliança Político-Militar – OTAN, enquanto resposta estratégica a um ator antagónico – Rússia.

“As Relações Internacionais são um processo dinâmico de ajustes e comparação de interesses, de objetivos e de poderes”, dependendo ainda de outros fatores como a geografia, economia, cultura, história e ideologia (Ribeiro, 2009, p.199). Para o efeito, os Estados, definem diferentes estratégias com a finalidade de “atingir os objetivos fixados pela política, utilizando, o melhor possível, os meios de que dispõe” (Beaufre, 2004, p.37). Esses objetivos podem ser ofensivos, defensivos ou apenas garantir o *status quo* podendo, no entanto, em qualquer dos casos, alterar a estabilidade regional e/ou mundial.

Segundo Thomas Schelling e Morton Halperin (1961 cit. por Koblenz, 2014, p.19) a estabilidade estratégica pode ser definida como uma situação em que os riscos de guerra são baixos, dado que os atores não têm qualquer incentivo para desencadear o primeiro ataque e, em paralelo, os seus cálculos em relação ao comportamento do adversário são razoavelmente seguros pelo que, não há necessidade de preocupação. Para Gerson, a ameaça de um ataque de surpresa constituiu o catalisador de análise do conceito de estabilidade estratégica (2013, p.5). Para Karl Deutsch e David Singer, a estabilidade pode ser considerada a partir do nível sistémico ou do nível Estatal. Do ponto de vista sistémico, a estabilidade representa a probabilidade do sistema reter as suas características essenciais, nenhum Estado domina o sistema, a maioria dos Estados que o compõem continua a sobreviver e a guerra em larga escala não ocorre (1964).

Do ponto de vista dos Estados, a estabilidade representa a capacidade para garantir a sua soberania (independência política e integridade territorial) a todo o tempo, a par da probabilidade reduzida do Estado se envolver numa guerra pela sobrevivência (Singer e Karl, 1964, pp.390–391). Para Baylis, a estabilidade estratégica pode ser entendida como



sinónimo de equilíbrio estratégico entre dois ou mais Estados e pela ausência de perceção de ameaças que, criem instabilidade. É um conceito mais político do que militar e pode ser entendida por oposição ao conceito de instabilidade. A instabilidade resulta de uma perceção política. Os Estados olham com desconfiança para as políticas armamentistas de outros Estados, percecionadas como políticas ofensivas e que ameaçam a sobrevivência estatal. A competição militar entre os Estados, e a corrida ao armamento desregulada, favorecem a instabilidade e minam a estabilidade estratégica (Baylis, 2002).

Para além do controlo de armamento, todas as medidas que incrementem a confiança e a transparência entre atores também favorecem a perceção de estabilidade (Baylis, 2002, pp.200–202). Verificamos que transversalmente aos diferentes autores consultados, o conceito de estabilidade encerra: (i) situação de equilíbrio do ponto de vista sistémico ou dos Estados, (ii) baixa probabilidade de guerra e (iii) preocupação com a sobrevivência do Estado. Em suma, e para efeitos da presente análise entendemos que garantir-se-á estabilidade de determinado espaço quando, no domínio interno a coesão desse Estado é garantida e no domínio externo as principais ameaças são dissuadidas de intervir, permitindo-lhe criar condições para o Estado reter as suas características essenciais (independência política e integridade territorial).

A dinâmica geopolítica e geoestratégica entre estes dois atores internacionais (OTAN e Rússia) é já antiga. Como tal a Guerra Fria (1947-1989), “oferece uma perspetiva única sobre as relações internacionais e esclarece a dinâmica de duas opções de política externa que os Estados podem assumir: dissuadir ou conter” (Nye, 2002, p.136).

Frequentemente, associamos o conceito de dissuasão, à estratégia seguida no mundo bipolar do período da Guerra Fria, e concretamente à utilização da arma nuclear. Esta estratégia estava diretamente ligada “com a política de contenção” (Nye, 2002, p.136). Segundo Freedman, a estratégia de dissuasão tem sucesso quando nada acontece e vai muito além do paradigma nuclear (2009, p.46) deixando, por esse motivo, muitas interrogações relativas a causa e efeito de ações implementadas ou não implementadas. Enuncia ainda, a essência da dissuasão com três elementos essenciais: (i) um lado pode impor danos severos no outro, (ii) esse outro não os pode parar e (iii) pode impor danos severos de volta.

Couto traduziu também as ideias anteriormente apresentadas, associando à estratégia de dissuasão uma vertente psicológica sendo necessário, no entanto, “atender à capacidade material do adversário e plausibilidade ou credibilidade” e “fidelidade de comunicação” (1988b, p.60). Beaufre para além dos aspetos anteriormente identificados, nota que, a



dissuasão depende da capacidade de resposta e não tanto da capacidade imediata (2004, p.93). Trata-se de convencer o outro que os eventuais ganhos que terá da adoção de determinada m/a, são menores que os custos que daí advirão, dependendo de três aspetos: (i) capacidade imediata e de resposta, (ii) credibilidade e (iii) comunicação.

Assim, equacionar m/a estratégicas no âmbito da dissuasão convencional encerra uma dicotomia entre uma dissuasão por negação⁷ (capacidade imediata), associada a impedir o ganho, por via da existência de uma capacidade credível, ou impor custos recorrendo a uma dissuasão por punição⁸ (capacidade de resposta), esta última forjada à luz do conceito nuclear (Gray, 2003, p.13; Danilovic, 2002, p.49; Freedman, 2009, p.47; Cimbala, 1998, p.17) que, na sua vertente prática, é “contexto dependente” (Antunes, 2007, p.9).

Freedman (2013, p.9) advoga que a dissuasão contribuiu para a OTAN, porquanto constituiu uma postura natural para uma potência que pretende garantir o *status quo*, e pese embora se centre numa decisão política moldada em linha com determinados objetivos vitais, procura fazer face a uma ameaça. Para isso é fundamental que o agressor saiba qual a linha vermelha, que se ultrapassada, resultará na implementação de uma ação. Essa abordagem é consubstanciada por Gray em medidas gerais e práticas de dissuasão (Tabela 1), entendidas como fundamentais para que determinado ator possa garantir uma efetiva capacidade de dissuasão.

Tabela 1 – Medidas práticas de dissuasão

Medidas Gerais	• Determinar adversários dissuadíveis;
	• Desenvolver uma teoria de dissuasão mais empírica;
	• Aplicar a dissuasão como parte de uma estratégia holística de influência;
	• Tomar as ideias dos outros de forma mais séria;
Medidas Militares	• Não encorajar a perceção de que a OTAN será facilmente dissuadida pelas Armas de Destruição Massiva (ADM).
	• A postura da força deve ser flexível e adaptável;
	• A presença de forças terrestres é essencial;
	• Nenhuma postura militar é unicamente dissuasiva;
	• Capacidade de contribuir para o sucesso estratégico dos conflitos;

Fonte: Adaptado de Gray (2003, p.45)

O conceito de coesão está associado à qualidade de uma coisa em que todas as partes estão ligadas umas às outras (Priberam, 2013). Na OTAN a coesão é, por vezes, considerada como o seu Centro de Gravidade (CoG), a que se associam outros conceitos como

⁷ “Baseia-se na negação dos seus objetivos, convencendo o adversário de que este não os conseguirá atingir, devido à nossa intervenção” (Antunes, 2007, p.6).

⁸ “Baseia-se numa ameaça de punição, envolvendo a destruição de algo que o adversário valoriza” (Antunes, 2007, p.6)



solidariedade, unidade ou vontade política. Segundo Holsti et al. (1973 cit. por Mecum, 2007, p.23) a coesão da OTAN centra-se na capacidade desta em acordar nos objetivos, estratégias e na coordenação de atividades para alcançar os fins sendo, portanto, suscetível de ser colocada à prova quando existem diferentes ameaças e perceções dessas, seja ao nível individual de um Estado-membro ou ao nível da Aliança como um todo.

As ameaças à coesão, segundo Weitsman, apresentam-se na vertente interna e externa, sendo que poder-se-á garantir maior coesão quando a ameaça interna é baixa e a externa é alta. Esta afirmação pressupõe que, para que exista coesão é fundamental a existência de uma ameaça externa alta (Tabela 2) (2004 cit. por Mecum, 2007, p.23), pois esta facilita o encontrar de respostas unânimes.

Tabela 2 – Coesão e ameaças internas e externas

Ameaças e Coesão		
	Ameaça interna baixa	Ameaça interna alta
Ameaça externa baixa	Coesão baixa ou moderada;	Baixa ou nenhuma coesão
Ameaça externa alta	Coesão moderada ou alta.	Coesão difícil de atingir.

Fonte: Adaptado de Mecum (2007, p.37)

Para a OTAN, embora não exista uma definição para coesão, identificam-se diferentes ações que contribuem para ela. A primeira constitui desde logo a consciência situacional comum. Esta assume-se como uma oportunidade para a identificação de desafios permitindo a sincronização do planeamento militar (*ways*), organização e meios (*means*) com os fins políticos (*ends*) (SACT, 2015). Concomitantemente verifica-se a importância da dissuasão convencional, dos exercícios e da Comunicação Estratégica (STRATCOM) enquanto ações passíveis de serem desenvolvidas e que, contribuem para a coesão (OTAN, 2014a, 2016a). Por outro lado, na génese de uma Aliança Militar, para além da partilha de valores comuns e do sentimento de pertença existe, associado, a responsabilidade dos mais fracos ou mais vulneráveis serem protegidos pelos mais fortes o que, configura também um contributo essencial de coesão.

Portanto, do anteriormente referido e com importância para a investigação, centramos-nos no domínio interno da coesão, focados no EEL, e nas potencialidades e vulnerabilidades deste face a uma ameaça externa percebida. Para isso, importa perceber as dinâmicas existentes no EEL e verificar que ações podem ser exploradas ou necessitam ser reforçadas nesse espaço e em que medida essas contribuem para fomentar a coesão da Aliança.



A revisão de literatura sobre os três conceitos nucleares enformadores do nosso argumento impeliu-nos à elaboração de um corpo de conceitos, em Apêndice A, que atuará em supletividade.

1.2. **Percorso Metodológico**

De acordo com as orientações metodológicas utilizadas no IUM, o nosso percurso metodológico seguiu três fases fundamentais: (i) exploratória, (ii) analítica e (iii) conclusiva (Santos et al., 2016).

A fase exploratória teve como objetivo desconstruir o tema de investigação e procurar entender o nosso objeto de estudo. Para o efeito foram realizadas pesquisas bibliográficas centradas em fontes primárias e secundárias, designadamente: páginas oficiais da OTAN, Rússia e países Bálticos focados em documentos estruturantes das políticas e estratégias de cada um dos Estados e organização, e.g. Conceito Estratégico da OTAN, Comunicados de Cimeiras, Conceito de Política Externa Russa de 2016, Estratégias de Defesa Nacional dos Países Bálticos, entre outros. Paralelamente foram efetuadas entrevistas exploratórias a Oficiais Portugueses ligados à OTAN. Esta fase permitiu inicialmente a definição e delimitação do objeto de estudo, dos objetivos de investigação e da QC e QD e o desenho do quadro conceptual (Apêndice B), culminando com a apresentação do projeto de investigação.

Posteriormente, na fase analítica detalhámos o quadro conceptual com componentes e indicadores fundamentais para a recolha de dados. Para isso, organizando o nosso estudo de acordo com as QD definidas procurámos, para além dos dados recolhidos, conduzir entrevistas semiestruturadas que em conjunto possibilitou extrair as informações necessárias para a análise.

Confrontando os resultados obtidos com a base conceptual permitiu, na fase conclusiva, determinar implicações para o objeto de estudo, contributos para o conhecimento e recomendações para possíveis linhas de investigação que se venham a verificar como ajustadas.

Para a consecução da nossa investigação optámos pelo raciocínio dedutivo, porquanto entendemos que existe já conhecimento geral desenvolvido no âmbito dos nossos conceitos estruturantes e que, a partir desses conceitos poderemos verificar a sua aplicação numa realidade em particular. Tendo presente a conceptualização teórica procurámos observar de forma “desprovida de considerações pessoais e de ideias preconcebidas” (Santos et al., 2016, p.20) as dinâmicas ao nível da OTAN, da Rússia e do EEL, com a finalidade última de



identificar como a m/a estratégica da OTAN contribui para a estabilidade no EEL, dissuadindo a ameaça percebida e garantindo a coesão interna.

A estratégia metodológica seguida foi a qualitativa, por se considerar que o nosso objeto de estudo, centrado no domínio da Estratégia, “é indissociável do mundo real, não é passível de ser traduzido em números” (Santos et al., 2016, p.29) e o nosso objetivo é entender de forma mais profunda o contributo das AM para a estabilidade do EEL. Para o efeito, como desenho de pesquisa optámos pelo estudo de caso, pois a dinâmica dos atores em análise pode conduzir a opções por diferentes espaços de análise e a nossa opção recaiu sobre o caso concreto do EEL.

1.3. Metodologia de análise

A construção do nosso modelo de análise orientou-se pelas questões anteriormente formuladas que nos permitiram, com base na revisão de literatura, conceber o quadro conceptual.

Numa primeira fase debruçamo-nos no entender das dinâmicas do ambiente estratégico recorrendo para o efeito à sua análise através dos domínios Político, Militar, Económico, Social, Informacional e Infraestruturas (PMESII) (OTAN, 2013, p.1.8). Esta análise procurou traduzir as características principais do ambiente estratégico, confinado ao EEL e que conjectura um quadro de conflito entre a Rússia e a OTAN, justificando por parte desta última a adoção de uma m/a.

Posteriormente procurámos estudar os atores Rússia e OTAN. No tocante à análise da Rússia, focámos a nossa atenção na identificação do seu CoG⁹, utilizando o modelo apresentado por *Strange*, procurando identificar as CC e enunciar as suas VC, em face dos seus objetivos, análise dos seus instrumentos de poder e documentação estruturante. Estas CC constituirão a base de análise da resposta estratégica da OTAN na vertente da dissuasão.

As AM constituem parte de uma m/a adotada pela OTAN para o EEL, de curto prazo, tendo em vista dissuadir uma possível intervenção Russa e garantir a coesão da Aliança, com foco nos países Bálticos sobre a capacidade de resposta (capacidade¹⁰) e prontidão (credibilidade¹¹). Assim, e para análise da m/a procurámos observar e entender o que está a ser feito pela OTAN e em que medida afeta, diretamente ou indiretamente, as CC e VC da

⁹ O CoG representa a principal força de determinado ator para atingir os seus objetivos estratégicos (OTAN, 2013, p.3.26). O modelo utilizado para a sua análise é o apresentado na *Comprehensive Operations Planning Directive (COPD)*.

¹⁰ Existem meios e forças disponíveis e prontas a atuar.

¹¹ Certeza da intenção de reagir em caso de agressão.



Rússia enquanto ator com capacidade e intenção de intervir no EEL (Dissuasão) e, por outro lado, como contribuem para o garante da coesão interna dos Bálticos. Esta observação permitir-nos-á identificar em que medida as AM contribuem para a dissuasão de Moscovo e coesão dos Aliados, e desta forma para a estabilidade no EEL. Nesse quadro, iremos recorrer à matriz de análise *Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats* (SWOT) (Searce e Fulton, 2004, p.45), que nos possibilitará identificar ações que podem ser exploradas ou necessitam ser reforçadas nesse espaço e em que medida essas contribuem para fomentar a coesão da Aliança. Posteriormente, e com as ações identificadas verificamos de que forma a m/a da OTAN contribui para a coesão interna, para a dissuasão de ameaças e, em conjunto, para a estabilidade.

1.4. Instrumentos de Recolha

Para a prossecução do nosso objetivo de investigação, recorreremos a três técnicas de recolha: (i) entrevistas semiestruturadas¹² (Apêndice C), (ii) análise documental e (iii) páginas oficiais na internet. A opção por estes instrumentos e a razão da sua escolha é consubstanciada na Tabela 3.

Tabela 3 – Técnicas de recolha de dados a utilizar na investigação

Técnica	Pontos Fortes	Pontos Fracos	Razão Escolha
Entrevista	Abordagem diversificada.	Perspetiva do entrevistado.	Possibilidade da recolha e análise de diferentes pontos de vista.
Análise documental	Acesso a informação de teorizadores conceituados; Estudo de documentos oficiais.	Perspetiva do autor.	Base sólida para sustentação de conceitos chave a utilizar.
Páginas oficiais na internet ¹³	Dados oficiais e posicionamento da organização/Estado.	Suscetíveis de mudança durante a investigação.	Demonstração das intenções dos principais atores envolvidos.

Fonte: (Autor, 2017)

Para entender a relação entre estes dois atores (OTAN e Rússia) é fundamental entender a doutrina subjacente à sua atividade externa. Assim, no tocante à OTAN identificamos os seguintes documentos: (i) Conceito Estratégico de 2010, (ii) declaração da

¹² Foram conduzidas cinco entrevistas semiestruturadas. Três a especialistas no âmbito da Rússia (Professora Doutora Maria Raquel Freire, Professor Doutor José Milhazes e Coronel José Fânzeres) e duas a especialistas no âmbito da OTAN (Embaixador Luís de Almeida Sampaio e Professor Doutor Andrew Radin).

¹³ Inclui comunicados de cimeiras, discursos oficiais das lideranças e outros indicadores suscetíveis de apresentarem interesse para a investigação.



cimeira de Gales, 2014 e (iii) declaração da cimeira de Varsóvia, 2016. Relativamente à Rússia, sentimos necessidade de entender numa primeira fase a sua História, o seu posicionamento geopolítico, a sua organização política e social e a sua organização militar. Para esse efeito, focámos a nossa análise nos seguintes documentos base: (i) *A Rússia e a Europa: uma parte do todo* de José Milhazes (2016), (ii) conceito de política externa de 2016, Doutrina Militar Russa de 2014 e a obra *A Rússia de Putin* de Maria Raquel Freire (2011). Concomitantemente, recorreu-se a artigos científicos, monografias e entrevistas que procuraram aumentar a abrangência da análise.

O presente trabalho foi realizado utilizando a ferramenta de referenciação automática *Zotero*.



2. O espaço de empenhamento a Leste

O presente capítulo tem como objetivo caracterizar o EEL. Para esse efeito, recorrer-se-á à análise das variáveis operacionais PMESII. Entender o porquê da crescente intranquilização dos Países Bálticos relativamente às políticas Russas de Putin, procurando identificar as principais potencialidades e vulnerabilidades do espaço em análise face à vizinha Rússia é o nosso intento neste capítulo.

2.1. Caracterização do espaço de empenhamento a Leste

2.1.1. Antecedentes

O EEL constitui, hoje, parte de uma Europa que conheceu ao longo da sua história, um quadro de relações conjuntivas e disjuntivas¹⁴, entre a Rússia e o Ocidente, porquanto a centralidade da sua posição geoestratégica assume especial relevância. Os Bálticos, constituem um vetor de domínio marítimo com acesso ao Mar Báltico abrindo este, as “portas” para o atlântico, já assim entendido por Pedro, o Grande¹⁵ (Milhazes, 2016, p.31; Fânzeres, 2014, p.16).

Possuidores de uma cultura ocidental histórica (Plakans, 2011, p.126; Corum, 2013, p.vii), a sua relação com o bloco Leste materializou-se por mais de 200 anos até à dissolução da URSS (Milhazes, 2016, p.32), embora com alguns períodos de intermitência. Imediatamente pós-independência, em 1991, os Bálticos procuraram consubstanciar a ocidentalização através da apresentação de propostas de adesão à União Europeia (UE) e OTAN, que se viria a materializar em 2004.

2.1.2. Caracterização

Os países Bálticos têm hoje um sistema político consolidado¹⁶ numa democracia representativa. Essa consolidação democrática assumiu especial relevo com a aproximação a Ocidente, designadamente na adesão à OTAN e à UE, apesar das tentativas de Moscovo de continuar a contar com estes territórios no seu espaço de influência (Corum, 2013, p.15).

A decisão política que culminou com a adesão dos Bálticos à UE e OTAN irá marcar o relacionamento destas organizações com a Rússia, num jogo de interesses, que apesar de

¹⁴ Os processos conjuntivos são desenvolvidos numa relação de harmonia, tendo em vista criar vantagens num quadro de relações de cooperação, acomodação e assimilação. Os processos disjuntivos são desenvolvidos numa relação de desacordo, com base em objetivos divergentes num quadro de relações de conflito, oposição ou competição (Ribeiro, 2009, p.200).

¹⁵ Czar Pedro I da Rússia (1672-1725). Durante o seu reinado garantiu a saída da Rússia para o Mar Báltico, após a vitória nas guerras do Norte e fundou a cidade de São Petersburgo (Milhazes, 2016, p.32).

¹⁶ Segundo o índice democrático de 2015, num total de 167 países, a Estónia ocupa o 29º lugar, seguido da Lituânia (38º), Letónia (42º) e Rússia (132º) (*The Economist*, 2016).



tudo, como veremos, nunca foi aceite por Moscovo (Freire, 2011, p.159) e tem moldado o sentimento de segurança destes Estados¹⁷ (Corum, 2013).

Decorrente dos requisitos de integração no eixo euro atlântico, hoje, os Estados Bálticos, são condicionados em algumas das suas opções, pela pertença a uma organização supranacional como a UE. Nesse quadro, e no domínio social, a existência de uma diáspora Russa assinalável, especialmente no caso da Estónia e Letónia¹⁸ (Figura 3) e com ela a representação parlamentar¹⁹, coloca alguma tensão e sobreleva-se como uma fragilidade para os intentos maioritários de aproximação a Oeste e, conseqüentemente, cria espaços para a intervenção indireta de Moscovo.

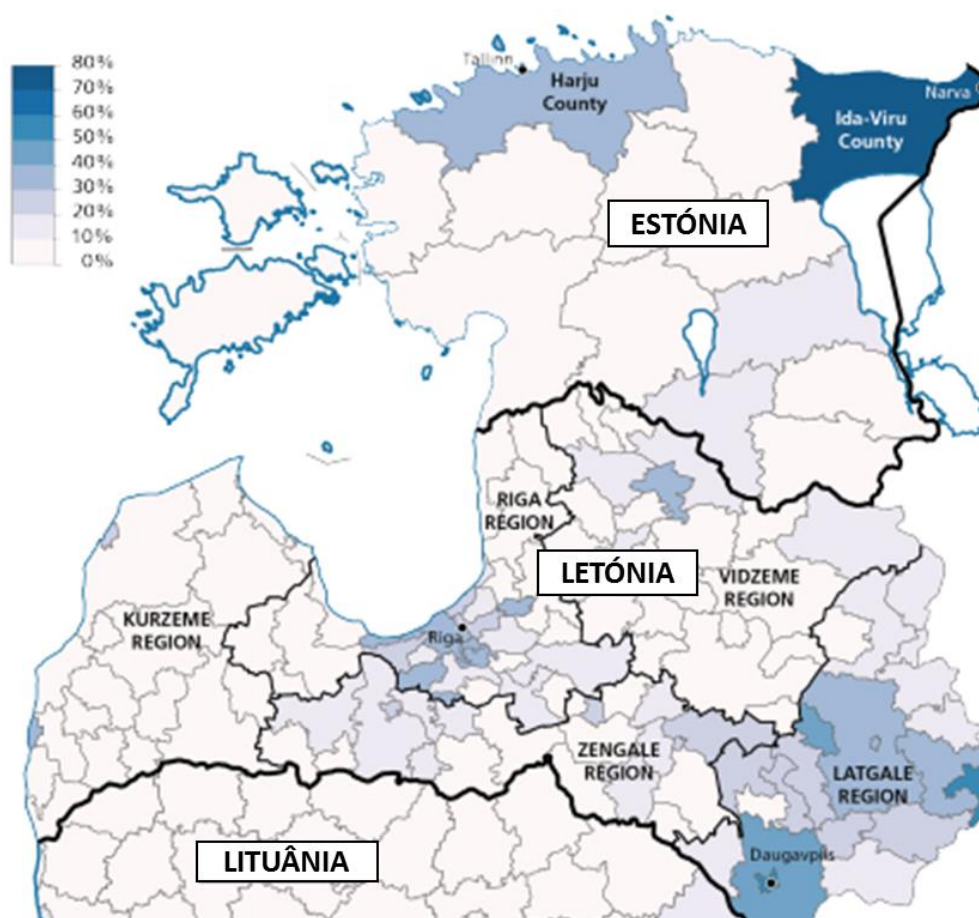


Figura 3 – Localização da minoria Russa

Fonte: (Radin, 2017, p.15)

¹⁷ Em 2015 foi realizado um inquérito a 1000 cidadãos dos Bálticos. À pergunta “Qual a maior ameaça ao seu país?” 69%, 46% e 42% da população responderam que era a Rússia, respetivamente, no caso da Estónia, Lituânia e Letónia (GALLUP, 2016).

¹⁸ 90% a minoria Russa no caso da Estónia reside na cidade de *Navra* e no caso da Letónia 70% reside na região de *Latgale* e *Riga*. A cidade de *Navra*, em 1993 foi sujeita a um referendo sobre a independência e a maioria da população votou a favor, apesar de posteriormente um tribunal da Estónia ter decretado a votação ilegal (Radin, 2017, p.21).

¹⁹ No caso da Estónia o partido *Estonian Centre Party Faction* com 27 lugares (Parlamento da Estónia, 2017) e no caso da Letónia o *Concord Parliamentary Group* com 24 assentos (Parlamento da Letónia, 2017).



Estes, são também criados pela existência de medidas de condicionamento destas minorias especialmente no direito de nacionalidade²⁰, no direito ao voto²¹ e serviço público²². Todavia, e apesar de no período pós-independência se ter verificado uma crescente onda de nacionalismos nesses países, a necessidade do respeito pelas regras comunitárias, por parte dos Bálticos, levou a que paulatinamente as minorias russas tivessem de ser integradas²³ (Plakans, 2011, p.423; Corum, 2013, p.25).

No plano militar, o cerne das preocupações prende-se com a proximidade de Moscovo. Em todos os países pudemos observar uma estratégia nacional de segurança, claramente alinhada com a OTAN. A identificação das ameaças é também idêntica, encontrando-se pontos de convergência, designadamente: (i) Rússia; (ii) ameaças híbridas, (iii) forças irregulares, (iv) ciberataques, (v) terrorismo e crime organizado e (vi) segurança energética (MDN Estónia, 2011; MDN Letónia, 2016; MDN Lituânia, 2016). Para esse efeito, existe uma aposta na modernização das suas Forças Armadas (FFAA)²⁴, maioritariamente profissionais, e para as quais a presença atual na OTAN e a criação da Força Naval Conjunta BALTRON²⁵ se constituem como elementos centrais no âmbito da formação, treino e interoperabilidade.

Outro aspeto de especial relevância prende-se com o controlo do Mar Báltico, e as vulnerabilidades dos Bálticos neste domínio, porquanto as suas FFAA estão maioritariamente assentes nas capacidades terrestres (IISS, 2016). Por este local fluem trocas comerciais entre diferentes países²⁶ e parte das exportações de petróleo e gás através do sistema de gasodutos *Nord Stream*.

As principais vulnerabilidades, observadas de forma isolada da OTAN, prendem-se com a deficiente capacidade aérea, antiaérea, vigilância e forças pesadas pelo que, estas,

²⁰ A Estónia e a Letónia seguiram o princípio de *jus sanguinis* enquanto que a Lituânia seguiu o princípio *jus soli*. No caso da Estónia e Letónia os cidadãos que não provassem a existência de ascendentes naturalizados antes de 1940 para obterem a cidadania eram sujeitos a um exame. Os cidadãos de língua russa que não passassem no exame eram enquadrados em duas categorias: (i) considerados cidadãos russos ou (ii) Apátridas (Radin, 2017, p.15).

²¹ No caso da Letónia 14,1% da população não tem direito ao voto (Reynolds, 2016).

²² A questão da língua constituía fator essencial para se poder ter acesso a empregos no setor público no caso da Estónia e Letónia.

²³ No caso da Estónia e Letónia foi-lhes atribuído um passaporte “cinzento” que lhes permitia votar nas eleições locais, mas não nas nacionais (Corum, 2013, p.25).

²⁴ Em 2016 os gastos com a defesa representaram 2,16%, 1,45% e 1,49% do Produto Interno Bruto (PIB), respetivamente na Estónia, Letónia e Lituânia (OTAN, 2016c, p.2).

²⁵ Força criada em 1998 entre os três países Bálticos com o objetivo de minimizar os perigos decorrentes de minas, aumentar a segurança nas águas territoriais e segurança ambiental. Realiza anualmente exercícios em colaboração com a OTAN (FFAA Estónia, 2015).

²⁶ 95% do tráfego de comunicações intercontinental é efetuado por fibra-ótica. Parte deste percurso é efetuado pelo Mar relevando-se as dificuldades ao nível securitário (Bernard, 2015).



assumem também a principal prioridade no âmbito dos respetivos programas de modernização (IISS, 2016). Estas vulnerabilidades foram, na prática, identificadas num estudo efetuado pela *Rand Corporation*. Neste estudo, é salientada a vantagem estratégica de Moscovo relativamente aos Bálticos não apenas do ponto de vista geográfico, mas também do tempo de resposta da Aliança²⁷ (Shlapak e Johnson, 2016, p.7).

No domínio económico, e apesar de terem sido designados como os Tigres dos Bálticos (Plakans, 2011, p.443) após a integração na UE, e de apresentarem níveis de corrupção muitos baixos²⁸, continuam a depender energeticamente da Rússia, ao nível do petróleo e gás natural, pelo que existe uma tentativa de aposta nas energias renováveis, com vista a diminuir essa mesma dependência (EUROSTAT, 2017). Em termos comparativos, a Lituânia apresenta contudo as maiores vulnerabilidades. O consumo de energia primária é baseado em importações, em especial da Rússia e, portanto, mais vulnerável às flutuações dos preços nos mercados internacionais²⁹. No caso da Estónia e Letónia, a dependência energética pode ser dirimida com recursos a políticas internas (Cesnakas, Jakstaite e Juozaitis, 2016, pp.171–172). Em conjunto, e tendente a diminuir o controlo da malha energética dos Bálticos por parte da Rússia (eletricidade e gás)³⁰, saliente-se o desenvolvimento do Plano de Interconexão do Mercado de Energia dos Bálticos (PIMEB) com o objetivo de garantir maior diversidade nas importações de energia apoiado pelas respetivas infraestruturas (Comissão Europeia, 2017; Grupo de Guerra Assimétrica, 2015, p.21) e a implantação de estações de regaseificação.

No âmbito da balança comercial, a desvalorização da moeda russa em 2014 e 2015 e as dificuldades geopolíticas, têm tido impacto significativo nas economias em estudo, com relevância para a Estónia (UE, 2016, p.22). Salienta-se ainda as sanções³¹ impostas pela UE à Rússia, prolongadas por mais seis meses no passado mês de dezembro (CE, 2016; Milhazes, 2017; Freire, 2017). Estas sanções têm dificultado a atividade de Moscovo em domínios importantes para a sua economia como sejam: (i) a venda de armamento e (ii) o

²⁷ O estudo indica que, no caso de uma operação ofensiva de Moscovo, seriam necessárias entre 36 a 60 horas para tomar as capitais *Riga* e *Tallin*, deixando a OTAN com poucas opções e todas elas com grandes vulnerabilidades (Shlapak e Johnson, 2016).

²⁸ <http://www.business-anti-corruption.com/country-profiles>.

²⁹ A Lituânia decorrente do processo de integração na UE encerrou a central nuclear em 2010 na região de *Ignalina's*, incrementando a sua dependência energética da Rússia (Cesnakas, Jakstaite e Juozaitis, 2016, p.173).

³⁰ Como exemplo, o preço do gás Russo vendido à Estónia, era em 2015 cerca de quatro euros mais caro por megawatt/hora, do que o gás vendido à Europa Ocidental (The Baltic Times, 2017).

³¹ As sanções impostas pela UE foram implementadas por consenso.



recurso a tecnologia ocidental. No entanto, têm também tido um importante impacto nas economias dos Bálticos, designadamente ao nível do PIB, com perdas de 6%, 3.7% e 2.6% no caso da Lituânia, Estónia e Letónia, respetivamente (Grajauskas, 2014, p.17), colocando os desenvolvimentos geopolíticos com Moscovo no centro das suas preocupações económicas. Assim, é evidente que a Rússia tem no EEL uma possibilidade de recorrer à energia como uma forma de influência e alcançar os objetivos políticos³² (Cesnakas, Jakstaite e Juozaitis, 2016, p.155).

No domínio informacional, a televisão Russa chega a cerca de um milhão de cidadãos russos no EEL³³, apresentando uma qualidade de transmissão superior às locais (Zolotarev, 2017). Por essa razão, a principal preocupação tem que ver com batalha das perceções e com o impacto que as capacidades Russas podem ter nas minorias Russas e subsidiariamente, nas comunidades autóctones, sendo mesmo identificado por muitos políticos como um problema sério e uma ameaça (Corum, 2013, p.23).

O foco desta campanha de desinformação (Sampaio, 2017) atinge, contudo, uma dimensão global, procurando passar uma imagem da existência de governos irresponsáveis nos Bálticos para com as minorias russas. Contudo, a comunidade russófona sentiu, desde a independência, grandes dificuldades no acesso à televisão russa, decorrente essencialmente do reduzido *share* e apoio oficial³⁴ (Nielsen e Paabo, 2015; Bergmane, 2016). Por essa razão, e pelas potencialidades que encerra os *media* e a internet continuam a constituir a principal fragilidade dos Bálticos relativamente à ação de propaganda de Moscovo, tendo vindo a ser monitorizados pelas autoridades locais (Zolotarev, 2017).

Na vertente infraestrutural salienta-se a aposta no desenvolvimento em duas áreas fundamentais como sejam: (i) segurança energética através da aposta na construção de centrais nucleares e na edificação de infraestruturas que garantam segurança energética e (ii) no posicionamento de infraestruturas e bases da OTAN e.g. as *NATO Force Integration Units* (NFIU) e o Centro de Excelência (CdE) para STRATCOM em Riga.

³² Segundo o Major-General Arnaut Moreira, existem três condições para a energia ser utilizada como arma por um determinado ator: (i) produtor com expansão significativa, (ii) multidimensionalidade estratégica e (iii) economia interna equilibrada (Moreira, 2017).

³³ A Estónia estabeleceu uma estação televisiva que transmite em Russo, enquanto que no caso da Letónia uma iniciativa idêntica enfrentou dificuldades políticas e económicas (Radin, 2017, p.32).

³⁴ No caso da Letónia, em 2016, as autoridades encerraram a televisão Estatal Russa *Rossija RTR* e o site *SputnikNews.lv*. Esta ação levou à condenação por parte de Moscovo e da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE). Contudo três horas após o corte na transmissão ambas foram novamente colocadas no ar, via internet com recurso a um novo endereço (Bergmane, 2016).



2.2. Síntese Conclusiva

O EEL encontra-se intrincado por dois atores geoestrategicamente ativos. A Rússia, ator central das preocupações securitárias de todos os três estados e OTAN (Corum, 2013, p.18) tem apostado numa estratégia “multivetorial” e “ambígua” (Freire, 2011, 2017), da qual é indissociável a retórica política. Esta estratégia fez recrudescer receios antigos em países com ligações históricas a Moscovo como é o caso dos Bálticos. Estes optaram em 2004 por integrarem a OTAN e a UE, materializando o seu afastamento da Federação, pese embora este nunca tenha sido totalmente aceite por esta última, especialmente a partir de 2008.

Com recurso à ferramenta de análise PMESII, procuramos olhar para o EEL e entender as dinâmicas existentes, que apresentamos agora sob a forma de potencialidades (Tabela 4) e vulnerabilidades (Tabela 5) e, portanto, suscetíveis de serem exploradas num quadro de relacionamento disjuntivo entre a OTAN e a Moscovo.

Tabela 4 – Potencialidades do Espaço de Empenhamento a Leste

Fator	Potencialidades
Político	Sistema político parlamentar consolidado e multipartidário; Integração na UE e OTAN; Políticas de regulação da comunicação social.
Militar	Tratados de cooperação militar entre os três Estados Bálticos; Integração na OTAN; Estratégia de Segurança Nacional Consolidada; Programa de Modernização das FFAA e aumento da percentagem do PIB nos gastos com defesa.
Económico	Economia integrada com os países nórdicos e UE; Níveis de corrupção baixos; Aposta nas energias renováveis e estações de regaseificação.
Social	Sentimento nacionalista; Elevado nível de literacia com um excelente sistema de educação; Presença nefasta na memória de muitos cidadãos do período soviético.
Infraestruturas	Presença das NFIU e bases militares da OTAN; CdE STRATCOM em <i>Riga</i> .

Fonte: (Autor, 2017)



Tabela 5 – Vulnerabilidades do Espaço de Empenhamento a Leste

Fator	Vulnerabilidades
Político	Histórico de ligação com a URSS; Posicionamento geoestratégico relativamente à Rússia; Políticas de condicionamento das minorias Russas; Geobloqueante do oblast de <i>Kaliningrado</i> ; Sanções económicas impostas pela UE à Rússia; Euroceticismo e crescimento de partidos políticos pró-russos; Possibilidade de inexistência de consenso da OTAN no âmbito da decisão de invocar o art.º n.º5 perante o emprego de uma guerra híbrida por Moscovo.
Militar	Proximidade geográfica da Federação Russa; Limitada capacidade interna no âmbito dos sistemas de recolha de informações; Limitada capacidade: de defesa antiaérea, no âmbito das Forças Pesadas e para garantir o controlo do mar nas águas territoriais do Golfo da Finlândia e Mar Báltico.
Económico	Dependência energética; Trocas comerciais com Moscovo.
Social	Diáspora Russa existente nos territórios (especialmente nas regiões de <i>Navra</i> (Estónia) e <i>Latgale</i> (Letónia)).
Informação	Cobertura territorial dos principais órgãos televisivos russos; Ubiquidade da internet.
Infraestruturas	Malha energética (gás e eletricidade) ligada maioritariamente a Moscovo e dependente deste do ponto de vista do fornecimento.

Fonte: (Autor, 2017)

Uma intervenção Russa na região não parece provável (Milhazes, 2017; Freire, 2017; Corum, 2013, p.18). Todavia importa observar que a geografia da região dos Bálticos favorece a Rússia (Deep Cuts Commission, 2016, p.11), a comunidade russófona e a sua expressão política é representativa e o vetor militar, incomparável com o poderio Russo, depende do posicionamento da OTAN. Economicamente e energeticamente dependentes,



com domínio sobre a bacia do Mar Báltico³⁵, e geobloqueantes do *oblast* de Kaliningrado a dinâmica securitária do EEL representa o maior desafio para a liberdade de movimento das forças OTAN (Day, 2016, p.15).

Assim, julgamos poder afirmar que os principais desafios que decorrem da análise do EEL se prendem com as vulnerabilidades identificadas nos domínios Militar e Social e consideramos respondida a QD1, quais as potencialidades e vulnerabilidades do EEL face à ameaça percebida a Leste.

³⁵ Atualmente passa pelo Mar Báltico o gasoduto *Nord Stream I* e está projetado o *Nord Stream II* (Grivach, 2017).



3. A Federação Russa

Hoje, a Rússia excluindo a posição de derrotada da Guerra Fria (Simes, 2007, cit. por Richard Sakwa, 2012, p.12; Karaganov, 2016), procura sob uma liderança vertical combater a unipolaridade do SPI baseada na hegemonia Norte-Americana, defendendo (i) a multipolaridade e (ii) a importância da força no âmbito das relações internacionais. Nesta linha, o discurso de Putin na CSM em 2007 é paradigmático e “constitui uma doutrina” (Milhazes, 2017; Freire, 2017) que veio a consubstanciar-se na prática com as intervenções na Geórgia, Abecásia, Ossétia e mais recentemente na Ucrânia³⁶.

Através de uma política externa “multivetorial e multipolar” (Freire, 2011, p.54), centrada em comportamentos ambíguos procura capitalizar (i) a influência nas populações russas a viver nos espaços pós-soviéticos, (ii) a dependência energética da Europa, e concretamente do EEL, (iii) fomentar a participação em organizações regionais, e.g. Comunidade de Estados Independentes (CEI)³⁷ e (iv) manter o estatuto de membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU).

No domínio estritamente geopolítico as relações com a OTAN são hoje disjuntivas. Este facto é refletido no âmbito do seu conceito de Política Externa e na doutrina militar, porquanto a OTAN é considerada como uma ameaça. Do lado Russo, e como exemplo, as intervenções da Aliança na Líbia, Jugoslávia e Iraque são tidas como ilegais (Karaganov, 2016). Cumulativamente, o alargamento da OTAN tem sido, também, observado como uma tentativa de diminuir a profundidade estratégica para Moscovo. Porém, o “triângulo Eslavo”³⁸, garante-lhe parte dessa profundidade e o acesso à região do Mar Negro e por essa via ao Mediterrâneo. Mais a norte, os Bálticos assumem-se como geobloqueantes do *oblast* de *Kaliningrado*, e um prospetivo impedimento da utilização do único porto Russo a Norte da Europa.

Embora a sua política externa apresente desde 2014 contornos mais ofensivos, no plano interno a realidade é diferente. Para Raquel Freire, é evidente da parte de Moscovo uma preocupação na “questão interna (...) pois precisamos de uma Rússia forte internamente para podermos projetar a nossa imagem externa (...) acompanhando o *soft power* com as medidas *hard power*” (2017).

³⁶ Nesta conferência Putin defendeu entre outros aspetos que: (i) o mundo unipolar é não apenas inaceitável, mas impossível, (ii) o alargamento da OTAN reduz o nível de confiança mútua, (iii) a possibilidade do desenvolvimento nuclear ser transformado em armamento (CSM, 2007).

³⁷ Considerada como área de interesse estratégico em conjunto com a Organização do Tratado da Segurança Coletiva (OTSC) (MNE Rússia, 2016).

³⁸ “Berço da antiga Rússia, e formado pela Federação Russa, Ucrânia e Bielorrússia” (Freire, 2011, p.65).



Um vetor essencial para a projeção da imagem externa é a diáspora russa. Esta tem sido primariamente empregue como um instrumento político (Friedman cit. por Nielsen e Paabo, 2015, p.127), e.g. a intervenção na Ucrânia, em 2014. Este facto é mais evidente no espaço pós-soviético constituindo, por esse motivo, os Bálticos, alvos preferenciais da propaganda Russa. Todavia, no domínio interno a Rússia enfrenta problemas complexos, decorrentes da baixa taxa de natalidade, níveis elevados de corrupção e uma concentração da população a Ocidente que, no entanto, tem na religião ortodoxa um denominador comum, aglutinador de massas, não demonstrando oposição ao autoritarismo de Putin (Fânzeres, 2014, pp.31-34).

No plano económico, embora os salários reais entre 1999 e 2008 tenham aumentado 250% e o desemprego diminuído 50%, a dependência dos preços do petróleo e do gás nos mercados internacionais constitui uma ameaça severa à sua capacidade económica (Fânzeres, 2014, pp.36-37), estando hoje, a Rússia, “estagnada economicamente e em termos científicos” (Milhazes, 2017). A Rússia de Putin, embora com um poderio militar assinalável, com o nuclear a assumir relevância, é contudo extremamente dependente da flutuação dos preços de petróleo e gás nos mercados internacionais (Milhazes, 2017; Freire, 2017).

Como afirma Sampaio, Moscovo procura atuar em dois domínios. Externamente mantendo a sua influência no espaço pós-soviético e testando a reação da OTAN e internamente apelando ao nacionalismo Russo, “apresentando um inimigo comum” consubstanciado na Aliança (2017).

3.1. O Centro de Gravidade da Rússia

Nesta Rússia sobrepõe-se a figura de Vladimir Putin. Recorrendo a uma base autoritária (Fânzeres, 2014; Freire, 2011), assente numa retórica externa perspicaz, numa doutrina objetiva e numa repressão interna restringindo liberdades fundamentais, “em particular a liberdade de imprensa” (Freire, 2011, p. 39), Putin constitui na nossa análise, e de outros autores entrevistados, o CoG Estratégico da Rússia (Freire, 2017; Radin, 2017; Fânzeres, 2017).

Putin na liderança de uma potência nuclear, tem à sua disposição uma miríade de capacidades que lhe permitem “jogar” no xadrez do espaço pós-soviético, com alguma liberdade, no sentido de aumentar a sua influência regional e projetar-se de forma global. No desiderato de alcançar os seus objetivos e traduzidos no conceito de política externa duas CC se relevam pela possibilidade de emprego no EEL: (i) FFAA e (ii) emprego de uma



estratégia híbrida ambas, como vimos, fortemente dependentes do desempenho económico da Federação (Tabela 6).

Para o emprego destas capacidades é fundamental garantir recursos financeiros³⁹, a maioria proveniente da venda de gás e petróleo (Fânzeres, 2014, pp.35-36; Golts e Kofman, 2016, p.7). Assim para projetar as capacidades anteriormente identificadas, e tendo como referência a análise de CoG⁴⁰ importa agilizar alguns Requisitos Críticos (RC) fundamentais, como sejam: (i) manutenção das bases militares no exterior, (ii) aumentar a influência regional e garantir a estabilidade da sua posição no CSNU, (iii) modernizar a rede de gasodutos e renegociar as rendas de travessia dos gasodutos russo⁴¹, (iv) órgãos de comunicação social (OCS) com expressão externa que permitam atuar junto das minorias russas (v) programa de modernização das FFAA e de armas nucleares, (vi) implementar a capacidade *Anti-access/Area Denial* (A2/AD)⁴² e (vii) emprego de uma estratégia híbrida através da existência de Forças de Operações Especiais (FOpEsp), capacidades cibernéticas, apoio aberto ou encoberto a partidos políticos e Organizações Não-Governamentais (ONG) e serviços de informações. No entanto, estes RC apresentam diferentes VC passíveis de serem exploradas por uma m/a desenvolvida pela OTAN.

Tabela 6 – Análise do CoG do ator Rússia

Capacidades Críticas
1) Garantir a coesão das Alianças que integra, designadamente a OTSC, CEI, e a nível bilateral, a Bielorrússia.
2) Manter equilíbrios vários entre os principais polos de poder (a) e aumentar a influência regional; garantir o equilíbrio de poder no âmbito do CSNU.
3) Manipular os mercados de energia (garantir a dependência energética da Europa do gás russo e utilizar a energia como arma estratégica) (b)(c).
4) Executar ações de propaganda (b).
5) Empregar as FFAA: 5.1) empregar Forças Nucleares Estratégicas;

³⁹ A percentagem do PIB empregue em defesa foi de 4,2% em 2015.

⁴⁰ Recorrendo ao método apresentado pelo Doutor *Strange* e utilizado na COPD.

⁴¹ Em 2020 o acordo com a Ucrânia para a passagem do gás russo termina. Cumulativamente para a modernização do sistema atual de gasodutos russos são necessários 20 biliões de dólares (Grivach, 2017).

⁴² Entende-se por *Anti-Access* a ação desenvolvida para dificultar a projeção de forças para determinado teatro (afeta o movimento). *Area Denial* é uma ação desenvolvida para impedir operações de forças amigas em áreas onde a ameaça não pode impedir o acesso (afeta a manobra dentro do teatro) (Departamento de Defesa Norte Americano, 2013, p.2). O termo constitui uma denominação ocidental para tipificar as ações da Rússia na fronteira Leste e da China na região do Mar da China.



- 5.2) implementar o escudo de defesa antimíssil;
 - 5.3) projetar poder embora de forma limitada;
 - 5.4) empregar forças conjuntas em todo o espectro de operações;
 - 5.5) garantir A2/AD na região do Báltico (d);
 - 5.6) treinar, aconselhar e apoiar forças rebeldes (e).
- 6) Empregar uma estratégia híbrida (f)(k)(l):
- 6.1) conduzir atividades de Informação (g)(k)(l);
 - 6.2) executar ciberataques (b)(g)(k)(l);
 - 6.3) empregar proxy (g);
 - 6.4) influenciar economicamente (g)(l);
 - 6.5) influenciar politicamente (h)(g); Subverter práticas e instituições democráticas (b);
 - 6.6) empregar medidas clandestinas (g)(l);

Vulnerabilidades Críticas	Requisitos Críticos
1) Reduzido número de bases militares no exterior;	1) Manutenção das bases militares no exterior (<i>Tartu, Sevastopol, Latakia</i>);
2) Retórica da fundamentação para intervenção na Geórgia e Ucrânia; Reconhecimento da Abecásia e Ossétia como Estados;	2) Aumentar a influência regional e garantir o equilíbrio de poder no âmbito do CSNU; Exportação de armamento (i).
3) Esforço de criação de alternativas que diminuam a dependência energética de Moscovo; Baixa dos preços dos combustíveis fósseis (a)(j);	3) Rede de gasodutos modernizada; Manutenção da dependência energética;
4) Existência de uma diáspora russa;	4) OCS apoiados financeiramente pelo governo e com difusão no espaço pós-soviético;
5) FFAA	
5.1) manutenção das sanções económicas à Federação por parte da Europa (i); Necessidade de importação de tecnologia;	5.1) programa de modernização das FFAA (d); Manutenção do programa nuclear; Forças de Mísseis Estratégicos com elevado grau de prontidão (d);



5.2) Sanções económicas; Baixa dos preços de petróleo e gás nos mercados internacionais;	5.2) programa de modernização das FFAA;
5.3) alargamento da OTAN; limitada capacidade de projeção de poder (apenas dispõe de um porta-aviões);	5.3) bases militares de apoio no exterior; Acordos bilaterais e regionais;
5.4) restrita rede de países que conduzem exercícios militares com a Rússia (OTSC);	5.4) execução de exercícios conjuntos e combinados no seio das OI e no âmbito de acordos bilaterais (Arménia, Bielorrússia e Moldávia);
5.5) Intervenção da OTAN nos espaços internacionais e nos espaços dos Aliados (e.g, Bálticos); Base Tecnológica extremamente deficitária e dependente (Israel) (existem projetos para automatizar o escalão brigada);	5.5) programa de modernização das FFAA; Presença militar no Mar Báltico e no oblast de Kaliningrado (aérea e marítima);
5.6) Espaço para acordos bilaterais a Oeste condicionados ao espaço da OTSC.	5.6) programas de Assistência Militar; Recursos financeiros e liberdade de atuação.
6) Empregar uma estratégia híbrida	
6.1) liberdade de ação para atuação;	6.1) FFAA, especialmente FOpEsp; Diáspora Russa;
6.2) dependência do mercado civil para o desenvolvimento de tecnologia;	6.2) sistemas de ataque cibernéticos;
6.3) reduzida diáspora Russa (exceto nas regiões de Navra e Latgale);	6.3) FFAA, especialmente FOpEsp; Diáspora Russa;
6.4) baixa dos preços dos combustíveis fósseis (a)(h); elevada dependência económica das exportações de petróleo e gás;	6.4) existência de dependência económica da Federação;
6.5) reduzida expressão política de partidos pró-Russos;	6.5) existência de partidos políticos, ONG que permitam o apoio por parte de Moscovo;



6.6) liberdade de ação para atuação; Reduzida diáspora Russa.	6.6) FOPEsp, Forças e Serviços de Informações.
---	--

Fonte: (Autor, 2017), com dados de: (a) (Fânzeres, 2014); (b) (Hunter, 2016); (c) (Moreira, 2017); (d) (Day, 2016); (e) (Pintat, 2015); (f) (Calha, 2015); (g) (Chivvis, 2017); (h)(MNE Rússia, 2016); (i) (Freire, 2017); (j) (Freire, 2011); (k) (Radin, 2017); (l) (Milhazes, 2017)

Na CC das FFAA importa aludir ao atual plano de modernização planeado até 2020 (Tabela 7). Em 2015, o investimento previsto foi excedido, e espera-se que em 2020 a modernização atinja uma percentagem entre 70 a 80% do global das FFAA. Existem programas setoriais para os diferentes Ramos. No caso do Exército salienta-se: carros de combate T-14 e Sistema míssil S400 e S500. No caso da Forças Aeroespaciais salienta-se: novos caças e bombardeiros, aeronaves não-tripuladas (UAV). Todavia, o foco do plano de modernização centra-se nas Forças Nucleares Estratégicas e capacidades de Defesa Aérea (Golts e Kofman, 2016).

Tabela 7 – Objetivos do programa de modernização Russo para 2020

Ramo	Gastos ⁴³	Percentagem	Propostas de desenvolvimento ou aquisição
Forças Terrestres	52	15%	2300 Carros de Combate, 2000 peças de artilharia, 10 dispositivos para brigada do Sistema <i>Iskander</i> e 9 para o sistema S-300V4.
Marinha	100	25%	16 projetos para submarinos nucleares, 12 submarinos não nucleares, 51 navios de superfície.
Força Aérea	94	24%	600 aeronaves e 1100 helicópteros
Forças de Rockets Estratégicos	20	5%	270-280 Mísseis Balísticos Intercontinentais
Forças de Defesa Aeroespaciais	68	17%	56 Batalhões S-400, 38 Batalhões S-500 e 38 S-350,
Outros	54	14%	Novas comunicações para Comando e Controlo e sistemas de reconhecimento.
Total	388	100%	

Fonte: Adaptado de CAST, (2015)

No tocante ao aumento da prontidão de forças o foco tem sido no número de exercícios⁴⁴ e o investimento em modernos sistemas de Comando e Controlo (C2), bem

⁴³ Valor em Mil Milhões de Euros.

⁴⁴ Em 2015, 30% dos exercícios realizados foram conjuntos.



como na reorganização dos cinco Distritos Militares e do Centro Nacional de Defesa em Moscovo. A tendência tem sido a de aumentar a prontidão de forças no Distrito Militar Sul, no Distrito Militar Oeste⁴⁵ e no *oblast* de Kaliningrado.

Aliado a esta capacidade uma outra assume-se como fundamental no âmbito da projeção de poder e de dissuasão. A capacidade A2/AD, assente numa rede de bases exteriores e interiores que, permite executar ações de negação de áreas e acessos (Day, 2016, p.15; Weinberger, 2016). Para o efeito, a Federação projeta capacidades apoiando-se em regiões como: (i) o *oblast* de *Kaliningrado*, (ii) base militar de *Sevastopol* na Crimeia e (iii) *Tartu* e *Latakia* na Síria (Figura 4). Numa hipotética situação em que Moscovo execute uma ação ofensiva pontual, a *Navra* ou *Latgale*, estas capacidades permitem retardar um reforço de forças OTAN, e consolidar ganhos (Radin, 2017, p.28).

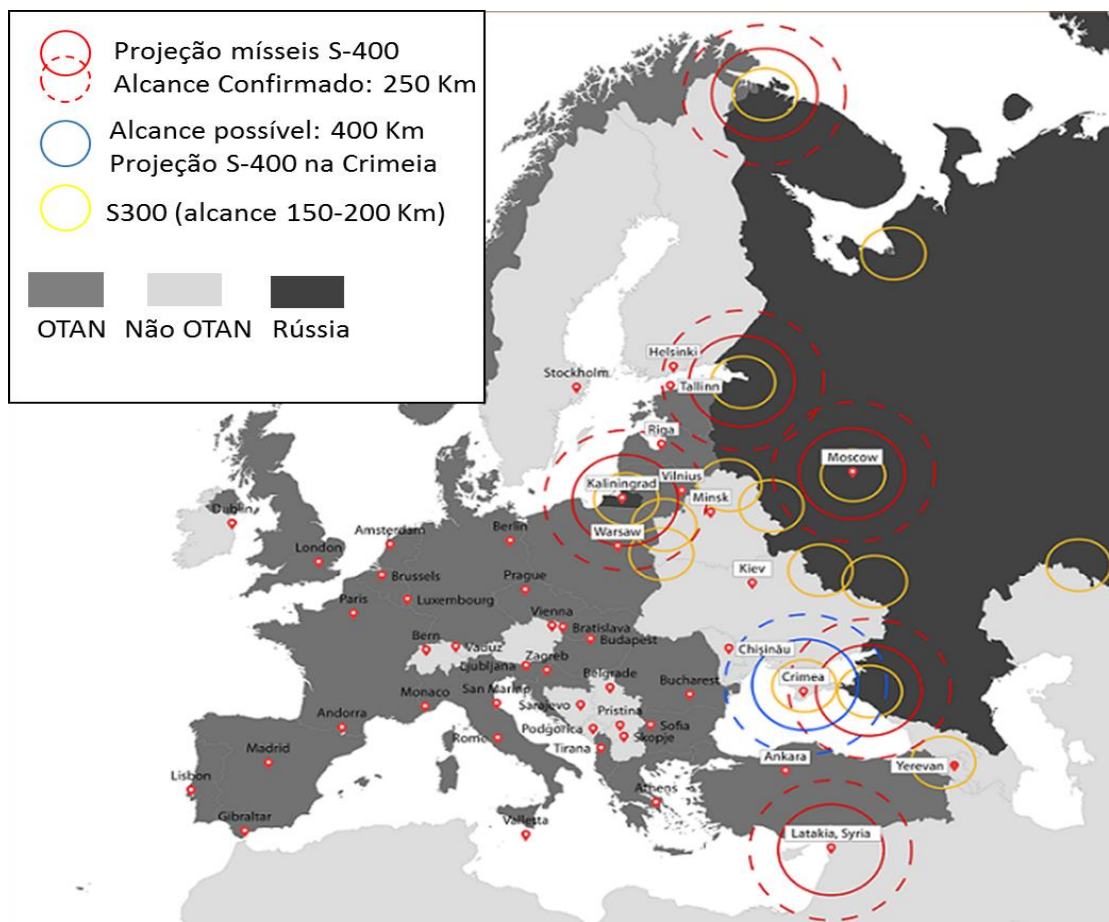


Figura 4 – Projeção de Capacidades A2/AD Russas

Fonte: Adaptado de Weinberger, (2016)

⁴⁵ Em 2015 foram deslocadas para este distrito um Exército de Carros de Combate e três divisões (Golts e Kofman, 2016, p.18).



No tocante a VC, estas constituem oportunidades que podem ser exploradas pela m/a estratégica OTAN. A análise efetuada (Tabela 6) permite-nos concluir que a volatilidade dos preços das energias nos mercados internacionais e a manutenção das sanções económicas por parte da UE cria sérias dificuldades a Moscovo designadamente ao nível da modernização do seu tecido tecnológico e industrial militar. Por outro lado, as intervenções russas na Geórgia e Ucrânia fragilizam o seu poder reivindicativo no plano internacional, condicionando a sua liberdade de atuação no EEL (Milhazes, 2017).

Como percebemos um conjunto intrincado de fatores contribuem para o receio que os Bálticos sentem relativamente ao seu vizinho russo. Cabe-nos salientar dois que nos parecem essenciais: (i) minorias russas existentes nos Bálticos e (ii) isolamento de *Kaliningrado*. Contudo, se uma intenção convencional parece pouco plausível (Milhazes, 2017; Freire, 2017; Golts e Kofman, 2016, p.9; Radin, 2017; Fânzeres, 2017), o recurso a outras abordagens como a estratégia híbrida é provável (Radin, 2017).

3.2. Estratégia Híbrida

A guerra híbrida⁴⁶, conceito singularizado por Frank Hoffman em 2010, tem sido associado, por diferentes autores, à metodologia utilizada por Moscovo para a anexação da Crimeia e intervenção no Leste da Ucrânia (Perry, 2015; OTAN, 2016a; Hoffman, 2016; Bartles, 2016) utilizada com grande sucesso (Wascczykowski, 2015, p.5). Neste caso, a intervenção foi desenvolvida por uma combinação na utilização de forças regulares e irregulares, sanções económicas, desestabilização política, atividades de informação, pressões financeiras e ciberataques (Maigre cit. por Banasik, 2016, p.158), conjugadas com uma postura de negação plausível⁴⁷ e recuperação de conceitos antigos com a *Maskirovka*⁴⁸ (Figura 5).

⁴⁶ Conceito atribuído ao General Russo Gerasimov por um artigo publicado na revista *Voенно-Промышленни Курьер* em 2013. As autoridades Russas advogam que esta terminologia decorre de uma conceção do Ocidente (Monaghan, 2015).

⁴⁷ A negação plausível refere-se a uma circunstância em que uma responsabilidade ou conhecimento de irregularidade não pode ser provada como verdadeira ou falsa devido à falta de provas que comprovem a alegação (USLEGAL, 2017).

⁴⁸ Metodologia orientada para a desorientação, confusão e interferência nos assuntos internos de outros Estados (Smith, 1988).



Figura 5 – Modelo Russo de Guerra Híbrida na Ucrânia

Fonte: Adaptado de Perry, (2015)

Sergej Karaganov, conselheiro político de Putin, definiu a guerra híbrida como a arte da Política na guerra (GIS Geopolitical Talk, 2016), suscitando a ideia de que é desenvolvida com intenções estratégicas, com capacidade de atuação aos níveis político, estratégico, operacional e tático e que procura explorar as fragilidades estatais e legais, utilizando diferentes meios de forma adaptativa e ambígua, recorrendo a ações de propaganda numa batalha pelas narrativas (Figura 6).

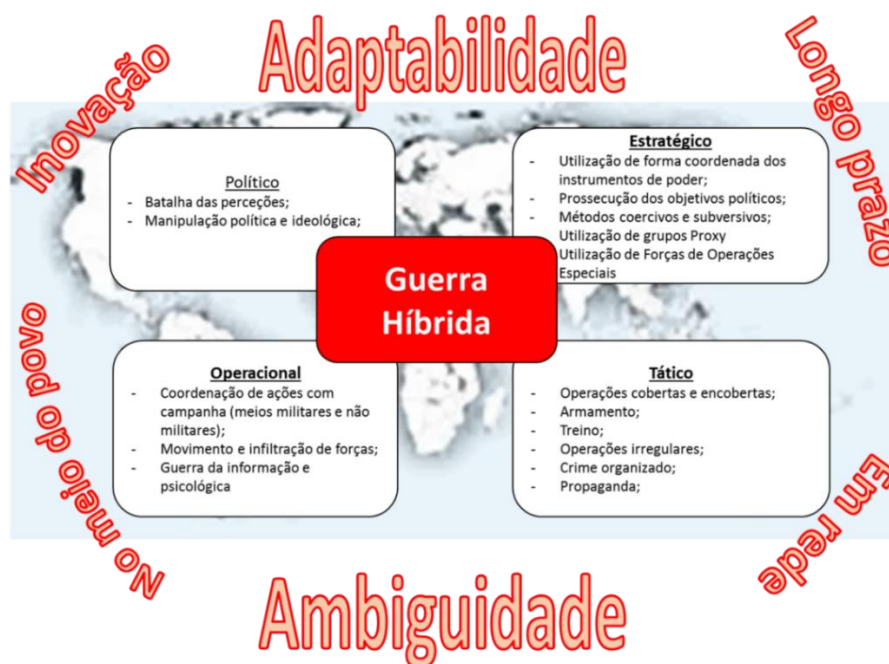


Figura 6 – Níveis de atuação, táticas e características da ameaça híbrida

Fonte: Adaptado de Perry, (2015)



Para o efeito, esta abordagem indireta é baseada em diferentes capacidades como sejam: (i) capacidade de conduzir atividades de informação através de OCS estatais como sejam o *Russia Today* ou o *Sputnik News*, ou explorando as potencialidades da internet (ii) o domínio cibernético afetando as estruturas e sistemas de informação de países ocidentais, (iii) proxys simpatéticos com a regime, (iv) influência económica e política, (v) medidas clandestinas como a espionagem (Chivvis, 2017, pp.3–4) e (vi) financiamento de ONG (Grupo de Guerra Assimétrica, 2015). Concomitantemente, garantir forças convencionais capacitadas que possam garantir a continuidade ou acompanhamento de ações não violentas e/ou cobertas russas (Radin, 2017, p.31).

O recurso a táticas de *Maskirovka*, conjugadas com as características do ambiente operacional atual, permite a Moscovo atuar de forma politicamente objetiva, todavia encoberta, dando espaço para negar a sua intervenção, e garantindo a plausibilidade das suas afirmações, explorar as *grey zones* do espectro de conflito postulado por Hoffman, designadamente ao nível do direito internacional (Hoffman, 2016, p.29). O exemplo dos *little green men* é prova disso mesmo, assim como outras alegadas intervenções russas no espaço transatlântico, e.g. Alemanha, Estados Unidos da América (EUA) e França (Chivvis, 2017, p.5).

Reconhece-se que a guerra híbrida constituiu uma estratégia a longo prazo detalhadamente integrada aos diferentes níveis da guerra e instrumentos de poder, procurando adaptar-se em face das orientações político-estratégicas e moldar-se ao ambiente operacional. De carácter ambíguo e, portanto, difícil de combater impele a aproximações compreensivas que permitam criar respostas necessárias, adequadas e aceitáveis, para as quais percebemos que, o instrumento militar por si só não é suficiente para as dissuadir ou eliminar. Porém é evidente que, sem a existência de uma capacidade militar credível, flexível e adaptável situações como as que aconteceram na Ucrânia em 2014, são plausíveis de ressurgir, especialmente no designado espaço pós-soviético.

No caso dos Bálticos “a Rússia utiliza a todo o vapor” esta estratégia (Milhazes, 2017), procurando explorar as vulnerabilidades do EEL, designadamente: (i) proximidade geográfica, (ii) diáspora russa, (iii) dependência energética, (iv) cobertura informativa por meios russos do EEL, (v) crescente euroceticismo e (v) dependência da OTAN para ações de defesa da sua soberania. As preocupações dos Bálticos relativas à ameaça híbrida de Moscovo tem sido refletida em relatórios, onde se releva a crescente atuação dos serviços



secretos russos em coordenação com os parceiros Bielorrussos, especialmente na *Suwlki Gap*⁴⁹ (Piotrowski e Ras, 2016).

Todavia esta guerra não é nova. O que é novo são os efeitos causados decorrente da inovação nos métodos de aplicação e a crescente interdependência global (Drent, Hendriks e Zandee, 2015, p.11), que possibilitam a atores, aparentemente mais frágeis, afetar os centros decisórios, de forma direta ou indireta.

3.3. Síntese Conclusiva

Neste capítulo traduzimos as CC, RC e VC da Federação Russa enquanto ator que procura recrudescer a sua posição de superpotência (Tabela 6 – Análise do CoG do ator Rússia. Embora fique a ideia de que uma intervenção convencional de Moscovo no EEL possa acontecer, essa possibilidade é, no entanto, pouco provável, porquanto determinava a atuação da OTAN no âmbito da defesa coletiva.

Da nossa análise julgamos que a abordagem preferencial de Moscovo relativamente ao EEL é procurar maximizar o potencial de apoio residente – diáspora russa, através de abordagens indiretas e recorrendo a outros instrumentos de poder como sejam o económico, o político e o informacional, subalternizando a posse do terreno em proveito da influência. Assim, procurará conduzir ações de subversão política com foco nas minorias russas e explorar o recrudescer de movimentos separatistas, que em conjunto possam fomentar uma ação limitada convencional no EEL (Figura 5). Para o efeito a estratégia híbrida é a mais provável permitindo, à Rússia, atuar no limiar da invocação da defesa coletiva da Aliança e desestabilizar e desacreditar OI como a OTAN e UE.

Da análise efetuada considera-se respondida a QD dois, quais as CC e VC do ator Rússia, no quadro de uma possível intervenção no EEL.

⁴⁹ Zona fronteiriça entre a Lituânia e Polónia com uma extensão de 60 Km, no sentido noroeste-sudeste, e que separa a Bielorrússia de *Kaliningrado*.



4. A OTAN e a modalidade de ação estratégica

O posicionamento de Moscovo na Geórgia e Ucrânia teve profundo impacto na postura OTAN. Esta alterou-se no sentido do reforço da sua missão de defesa coletiva (OTAN, 2014a, 2016a).

A nova Postura de Dissuasão e Defesa (PDD), entre outras iniciativas, tem no RAP a sua face mais visível. No entanto, Moscovo tem acusado os Aliados de violarem o Ato Base OTAN-Rússia⁵⁰ de 1979 o que, segundo Radin, não é plausível, porquanto o RAP foi desenhado de forma a respeitar os acordos firmados à época⁵¹ (2017).

O RAP inclui duas medidas interconectáveis, as AM e as *Adaptation Measures* (AdapM) (Apêndice D). As AM, são medidas do curto prazo podendo ser revistas anualmente, constituindo um conjunto diversificado de atividades terrestres, aéreas ou marítimas, no seio ou fora do território dos Aliados. São desenvolvidas para reforçar a defesa e dissuadir uma potencial agressão, implementadas na região Leste e central da Europa em resultado das ações agressivas desencadeadas pela Rússia na Ucrânia, podendo ser incrementadas ou reduzidas em face da envolvente securitária (SHAPE, 2017a). Segundo Sampaio “trata-se de uma presença multinacional e rotativa de carácter dissuasor e que tem como função mostrar claramente a união, coesão e determinação da Aliança na proteção dos seus membros face a qualquer ameaça” (2017).

4.1. As Assurance Measures

Segundo Day, a estratégia no âmbito da OTAN, a Leste, deve prosseguir dois objetivos: (i) dissuadir uma agressão da Rússia e (ii) criar um ambiente estável para o reatar de relações com Moscovo (2016, p.4), constituindo requisitos base para a PDD. Esta resposta implica medidas flexíveis e escaláveis em resposta à envolvente securitária (OTAN, 2016a) e, concomitantemente, a existência de fóruns de diálogo e cooperação.

As AM, enquanto medidas de curto prazo constituem a base de uma dissuasão credível mostrando capacidades e demonstrando credibilidade, numa base rotacional, permitindo contribuir para uma resposta mais robusta, garantindo a antecipação estratégica através da ativação da *Very High Readiness Joint Task Force* (VJTF) e da *Initial Follow-on Forces*

⁵⁰ Tradução livre do autor de *NATO-Russia Founding Act*. Constituiu um acordo, para os mecanismos de cooperação, consulta, decisão e ação conjunta entre a OTAN e a Rússia (OTAN, 1997).

⁵¹ Segundo Albuquerque, a OTAN com a projeção de uma Brigada para o Leste da Europa continua a respeitar os acordos de presenças de forças de combate, de forma permanente, nos antigos países do Pacto de Varsóvia (2016, p.15).



Group (IFFG). Estas forças, de escalão divisão, integradas nas AdapM⁵², cada uma com capacidades e prazos de intervenção diferenciados, constituem a designada eNRF. (Figura 7).



Figura 7 – Conceito genérico da eNRF

Fonte: (Autor, 2017)

As AM, embora tenham outras aplicações a Leste e.g. Turquia, são consubstanciadas no EEL através de quatro vetores essenciais: (i) aéreo, (ii) marítimo, (iii) presença militar e exercícios e (iv) Informações, Vigilância e Reconhecimento (IVR) (Iffert, 2016; OTAN, 2017a).

No ano de 2016, as AM incluíram: (i) projeção de caças para ações de patrulhamento aéreo na região dos Bálticos, Bulgária, Polónia e Roménia, (ii) voos de vigilância ao longo da fronteira leste com o sistema *Airborne Warning and Control System* (AWACS), (iii) patrulhamento marítimo nos Mares Báltico, Mediterrâneo e Negro com recurso aos *Standing NATO Maritime Group* (SNMG) e *Standing NATO Mine Counter-Measures Groups* (SNMCMG) e (iv) projeção de forças terrestres para treinos e exercícios (Stoltenberg, 2017, p.14).

4.1.1. Policiamento Aéreo

O Policiamento Aéreo (PA) da região dos Bálticos é uma missão de rotina que teve início em 2004 após a integração dos três países na Aliança. É conduzido tendo em vista preservar a integridade aérea da Aliança e não como resposta a uma qualquer ameaça, contribuindo para a coesão da Aliança. Esta atividade procura reforçar supletivamente as

⁵² Para além da *enhanced NATO Response Force* (eNRF) as AdapM integram ainda: (i) oito NFIU, (ii) medidas que permitam a rapidez de reforço de forças através da existência de infraestruturas e acordos tipo *Easy Access*, (iii) criação de dois comandos como parte da Estrutura de Comando OTAN na Roménia e Polónia, (iv) reforço das capacidades navais da Aliança, (v) aumento do número de exercícios, (vi) melhorar o planeamento avançado de forma a agilizar o processo de decisão, (vii) acordar uma estratégia contra-híbrida em coordenação com a UE e (viii) estabelecimento de uma metodologia para adaptação da aliança na resposta às ameaças do flanco Sul (OTAN, 2016a).



capacidades residentes dos três países. Porém, desde 2014, após a cimeira de Varsóvia, foi projetado um segundo destacamento estacionado na base aérea de *Šiauliai* na Lituânia, face ao aumento de atividade russa no domínio aéreo do EEL (Figura 8).

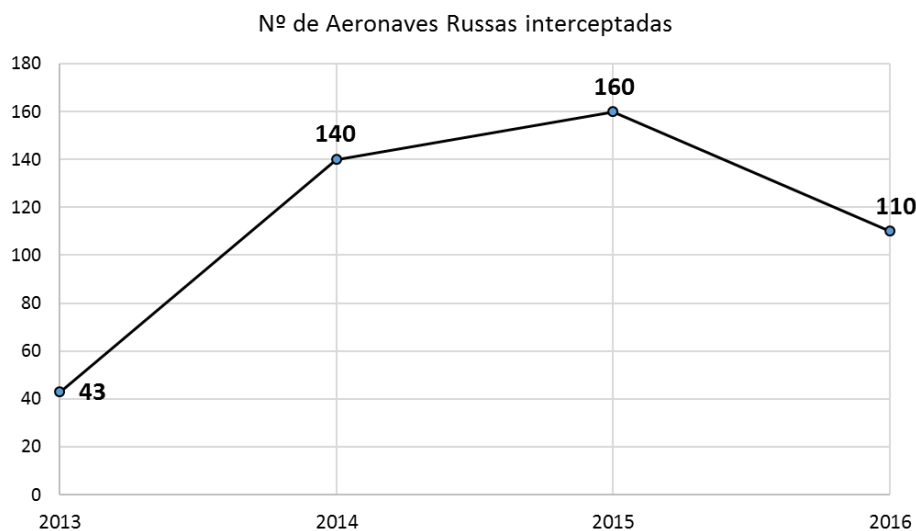


Figura 8 – Número de aeronaves Russas interceptadas no EEL

Fonte: Adaptado de Sharkov (2017)

O PA envolve a utilização das seguintes capacidades⁵³: (i) *Air Surveillance and Control Systems* (ASACS), (ii) *Air Command and Control System* e (iii) caças de intercepção em prontidão permanente (SHAPE, 2017b). No final do ano de 2016, 43 contingentes de 17 países tinham contribuído para o PA (Stoltenberg, 2017, p.16).

Estas medidas de PA, sob a dependência do *Combined Air Operations Centre* em *Uedem*, na Alemanha, têm capacidade de transitar para missões de defesa aérea e garantir C2 que permita apoiar a projeção da VJTF. Conjuntamente com a base aérea e o Centro de Controlo e reporte em *Karmelava*, na Lituânia, existem ainda a base de *Malbork* na Polónia e *Ämari* na Estónia.

4.1.2. Patrulhamento marítimo

O Patrulhamento Marítimo (PM) assume especial relevo no âmbito da m/a da OTAN e da sua PDD porquanto, para garantir o reforço e/ou emprego da eNRF no EEL é fundamental garantir o controlo do Mar Báltico, espaço partilhado por nove nações e com relevância estratégica não apenas no domínio securitário, mas também energético, comunicacional⁵⁴ e comercial. Cumulativamente releva-se as fragilidades, já identificadas,

⁵³ Coordenadas através da existência de acordos militares e civis para utilização do espaço aéreo.

⁵⁴ De acordo com Murphy, 95% das comunicações intercontinentais são efetuadas por fibra-ótica. Estes sistemas, especialmente nos pontos de entrada em terra, apresentam vulnerabilidades ao nível da segurança, podendo ser atacados e condicionar o funcionamento de um Estado (2017).



dos três países Bálticos no garante do controlo do Mar Báltico. Para o seu controlo, três ilhas assumem especial importância: (i) *Bornholm* – Dinamarca, (ii) *Gotland* – Suécia e (iii) *Aland* – Finlândia em contraponto com o *oblast* de Kaliningrado – Rússia (Figura 9). Este último com as capacidades de A2/AD implantadas permite condicionar o acesso das forças da OTAN ao EEL (Figura 4).

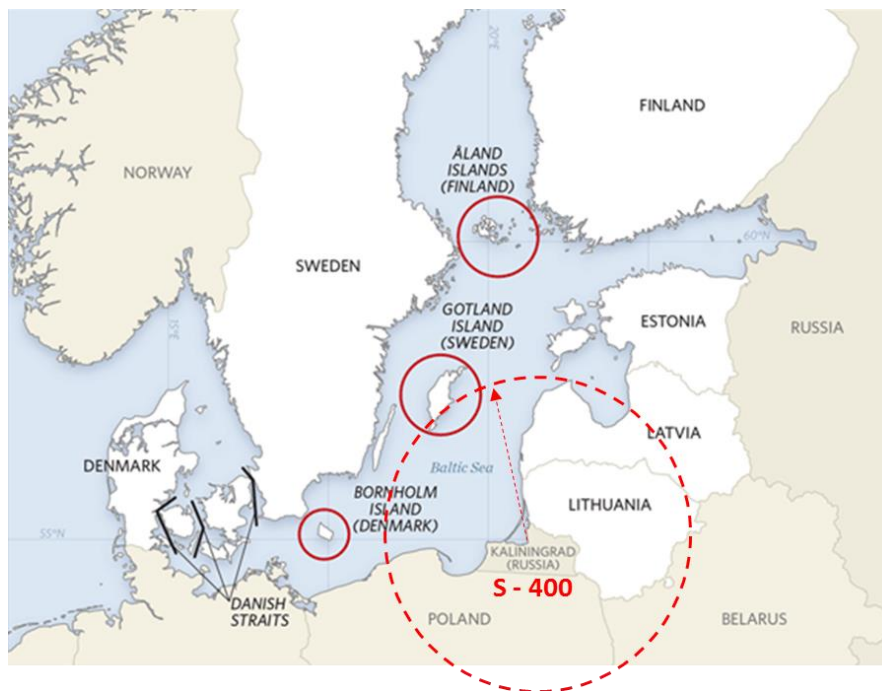


Figura 9 – Mar Báltico

Fonte: Adaptado de Murphy (2017)

Assim, e para além dos contributos nacionais para o controlo dessa região, a OTAN tem projetadas duas forças conjuntas, designadamente: (i) SNMG2 e (ii) SNMCMG1 em conjunto com a execução de patrulhamentos aéreos a partir de unidades navais e a execução de diferentes exercícios. No âmbito do PM, e de acordo com um relatório do Conselho do Atlântico para reforçar a PDD da OTAN é fundamental a edificação de um modelo estratégico que permita integrar as diferentes capacidades da OTAN, com as da Finlândia e Suécia para garantir o efetivo controlo do Mar Báltico mitigando os efeitos das capacidades Russas (2016).

4.1.3. Presença Miliar terrestre e exercícios

Os exercícios constituem um dos pilares fundamentais da PDD OTAN em dois vetores: (i) internamente, garantindo a prontidão das forças e contribuindo para a interoperabilidade e (ii) externamente, demonstrando capacidade e credibilidade da Aliança (Stoltenberg, 2017, p.35).



Em 2016, 83 dos 246 exercícios militares conduzidos pela OTAN foram executados em apoio das AM (Stoltenberg, 2017, p.14). Em dez destes exercícios foram convidados observadores Russos para estarem presentes, contribuindo desta forma para a transparência e redução do risco.

Para o ano de 2017, cfr Apêndice E, estão planeados 23 exercícios militares a decorrer no EEL, seis dos quais contam com a participação de países como a Finlândia e Suécia. Observando a finalidade dos mesmos verifica-se a preocupação da OTAN em (i) garantir a interoperabilidade, (ii) fomentar a coordenação e partilha de informações, (iii) emprego de FOpEsp, (iv) treinar operações convencionais defensivas, (v) treinar a projeção da eNRF, (vi) capacitar as lideranças militares para o planeamento e condução de operações e (vii) integrar diferentes atividades não letais.

Estes exercícios contribuem para a dissuasão das ameaças e para a coesão da Aliança em diferentes fatores, quando enformada por uma comunicação fiável, como sejam: (i) área de execução, (ii) cenários utilizados, (iii) nível de participação e (iv) emprego de diferentes tipologias de capacidades, garantindo capacidade e credibilidade e demonstrando o comprometimento dos Aliados para com os Estados Bálticos.

4.1.4. Informações, Vigilância e Reconhecimento

As IVR constituem um vetor fundamental para garantir a antecipação estratégica através da disponibilização de avisos e indicadores, C2, IVR conjunto e conhecimento situacional, especialmente se a estratégia de dissuasão falhar, ou se esta for reforçada ou adaptada. Nesse quadro três instrumentos são fundamentais⁵⁵: (i) meios – que contribuem para a recolha de informações, e.g. AWACS, Vigilância Terrestre da Aliança (AGS)⁵⁶, satélites de observação, meios eletrónicos e forças terrestres de reconhecimento especial, (ii) analistas e (iii) decisores de nível político e militar.

Esta capacidade, para além de garantir o alerta oportuno que permite à Aliança reagir, possibilita ainda recolher dados para apoio ao *targeting*, fundamental em caso de necessidade para eliminar as capacidades Russas A2/AD existentes na região de *Kaliningrado*.

⁵⁵ Saliente-se a existência do *NATO Intelligence Fusion Center* enquanto órgão de fusão de informações que permite a identificação de crises e apoio ao *Supreme Allied Commander Europe* (SACEUR) (OTAN, 2017b).

⁵⁶ Tradução livre do autor de *Alliance Ground Surveillance*. Capacidade de UAV desenvolvida pela Aliança e terá a sua base em *Sigonella*, Itália (OTAN, 2014c).



No âmbito das AM, as capacidades anteriormente referidas centram-se fundamentalmente no AWACS, sistema que contabiliza mais de 448 voos (Stoltenberg, 2017, p.40) e o AGS cujo primeiro voo no flanco Leste foi efetuado no início de 2017.

4.2. Potencialidades e limitações

Embora o domínio essencial das AM seja a coesão da Aliança (Sampaio, 2017), as AM constituem-se como parte da m/a da OTAN no âmbito da dissuasão por negação (capacidade imediata) garantindo um *trip-wire* estratégico que permita desenvolver, se necessário, uma resposta mais flexível e adaptável por parte da eNRF, enquanto capacidade capaz de combater em todo o espectro do conflito. Todavia, pós cimeira de Varsóvia, a OTAN reforçou a sua PDD designadamente ao nível da dissuasão por negação através da eFP e da dissuasão por punição através do incremento das capacidades da eNRF.

Como vimos para aplicar uma estratégia de dissuasão importa identificar quem. Nesse quadro foi por nós evidenciado duas principais capacidades Russas, designadamente: (i) o emprego de uma estratégia híbrida, mais provável e (ii) uma ação convencional, mais perigosa.

No âmbito das medidas para o combate a ameaças híbridas segundo *Kolakowski* (2017) a estratégia da OTAN prevê três áreas de atuação: (i) preparar, (ii) dissuadir e (iii) defender (Figura 10).



Figura 10 – Áreas de atuação para combater ameaças híbridas

Fonte: Adaptado de Kolakowski (2017)



Em todas as áreas as AM contribuem, através das diferentes atividades, para (i) internamente (coesão), ganhar consciência estratégica, garantir a interoperabilidade e identificar vulnerabilidades, cuja atividade mais importante são os exercícios e as IVR e (ii) externamente (dissuasão), limitar a liberdade de ação de Moscovo através do PA, PM e exercícios e demonstrar o comprometimento da Aliança para com os Estados mais vulneráveis. Concomitantemente, estas medidas permitem ainda que os Aliados e outros parceiros de forma isolada possam desenvolver também iniciativas que contribuam para o desenvolvimento da estratégia global da OTAN para o EEL, e.g. *European Reassurance Initiatives*⁵⁷ dos EUA.

Já no quadro de uma ameaça convencional da Rússia, as AM não dispõem de capacidades que permitam afetar de forma direta, as CC do ator Rússia por nós identificadas no capítulo três⁵⁸, exceto limitar a capacidade da Rússia projetar poder (CC 5.3) e limitar a capacidade A2/AD na região dos Bálticos (CC5.5) (Tabela 8).

Tabela 8 – Afetação das Capacidades Críticas da Rússia pelas Assurance Measures⁵⁹

	CC1	CC2	CC3	CC4	CC5.1	CC5.2	CC5.3	CC5.4	CC5.5	CC5.6	CC 6.1	CC 6.2	CC 6.3	CC 6.4	CC 6.5	CC 6.6
Policimento Aéreo	3	2	3	2	2	3	1	3	1	3	2	3	2	3	3	2
Patrulhamento Marítimo	3	2	3	2	2	3	1	3	1	3	2	3	3	3	3	3
Presença Militar Terrestre e Exercícios	3	2	3	2	3	3	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3
IVR	3	2	3	2	2	3	2	3	2	2	2	3	2	3	3	2

Fonte: (Autor, 2017)

Estas limitações, deixam portanto, espaço à emergência de um risco de antecipação estratégica associado à possível decisão de intervenção convencional de Moscovo no EEL (Shlapak e Johnson, 2016), justificando as decisões de garantir uma presença permanente no flanco Leste por parte da Aliança, através das eFP.

No domínio financeiro, a PDD acarretou também uma inversão nos gastos com a defesa dos Aliados. Dos 28 Estados-membro, 23 aumentaram os orçamentos de defesa em 2016, porém, apenas cinco países atribuem mais de 2% do PIB ao setor da defesa⁶⁰ e dez dedicam 20% ou mais desse orçamento à investigação. Portanto, as AM, pela participação de todos os países da Aliança e pela tipologia de atividades que desenvolve, tem constituído

⁵⁷ Segundo o (Departamento de Defesa EUA, 2016 cit. por Day, 2016, p.5) em 2017 a presença Americana será reforçada com uma Brigada totalizando três unidades de escalão brigada num orçamento global para apoio e sustentação de 507,2 milhões de dólares, garantindo uma presença contínua nos Bálticos e Polónia, e uma presença periódica na Roménia e Bulgária. A Força Aérea Norte-Americana continuará a garantir capacidades intra-teatro, reabastecimento aéreo, resposta a crises, equipamento e pessoal de apoio para projeção na Europa (2016, pp.5–6).

⁵⁸ Ver Apêndice F para uma análise mais detalhada.

⁵⁹ 1 – afeta diretamente; 2 – afeta indiretamente, 3 – não afeta.

⁶⁰ No caso dos Bálticos, a Estónia, Letónia e Lituânia afetaram respetivamente 2,18%, 1,46 e 1,49% do PIB (Stoltenberg, 2017, p.30).



um vetor determinante de aproximação ao acordo de gastos com defesa definido na Cimeira de Varsóvia.

Para já a resposta da OTAN após Varsóvia, foi entre outras medidas reforçar a eNRF e garantir uma presença permanente no EEL. Importa agora verificar como as AM contribuem para a estabilidade no Leste da Europa.

4.3. Contributos para a Estabilidade

O EEL está hoje mais instável. O posicionamento Russo e a sua política externa e política armamentista, associado ao modelo híbrido empregue na Ucrânia em 2014 conduziu a que os três Estados Bálticos percecionem a Rússia como uma ameaça.

Portanto, verificar como as AM contribuem para a estabilidade do flanco Leste da Europa constitui o desiderato essencial da nossa análise. De acordo com a nossa QD três importa identificar como as AM contribuem para a coesão do EEL e, concomitantemente, para a dissuasão das principais ameaças a Leste.

4.3.1. Análise SWOT modificada

A análise SWOT constitui uma ferramenta que permite avaliar as capacidades internas de determinada organização e identificar potenciais ameaças e oportunidades, que poderão ser exploradas em futuros cenários (Scarce e Fulton, 2004, p.46), tendo como objetivo identificar em que medida as forças e fraquezas de determinado ator ou espaço são capazes de fazer face ao ambiente, interno e externo. Contudo, não constitui desiderato da nossa investigação identificar possíveis oportunidades para o desenvolvimento das AM mas sim, como as AM contribuem para a estabilidade do EEL, pelo que optámos por recorrer à matriz SWOT modificada que não contempla as oportunidades.

Logo, importa identificar face às potencialidades e vulnerabilidades do EEL⁶¹ e os cenários das ameaças possíveis da Rússia, o que consideramos poderem constituir ações para reforçar a coesão do EEL (internamente) e por essa via dissuadir a ameaça (Rússia). Assim pudemos observar como as AM contribuem para a estabilidade no Leste da Europa.

Para o efeito seguiremos o esquema apresentado na Figura 11 e a análise efetuada em Apêndice G.

Como resultado do cruzamento das potencialidades do EEL com os cenários colocados pela ameaça, salienta-se as seguintes ações. A fim de explorar potencialidades: (i) reforçar a cooperação em exercícios OTAN e no âmbito da Parceria para a Paz (PfP), (ii) demonstrar

⁶¹ Centradas na componente militar do PMESII.



o comprometimento da Aliança para com a defesa do flanco Leste da Europa, mantendo presença de forças no EEL, (iii) executar exercícios combinados e (iv) apoiar a edificação de capacidades.

No tocante ao cruzamento das vulnerabilidades do EEL com os cenários colocados pela ameaça, verificam-se as seguintes ações: (i) garantir a capacidade de recolha de indicadores e alertas, (ii) garantir a dissuasão convencional com a presença de forças militares, (iii) garantir a capacidade de resposta e prontidão das forças, (iv) reforçar em regime de supletividade as capacidades existentes, (v) reforçar a capacidade de defesa antiaérea, (vi) garantir o PA e a capacidade de interceção, (vii) reforçar a capacidade em forças pesadas, (ix) garantir o controlo do Mar Báltico e (x) garantir liberdade de ação para emprego da eNRF.

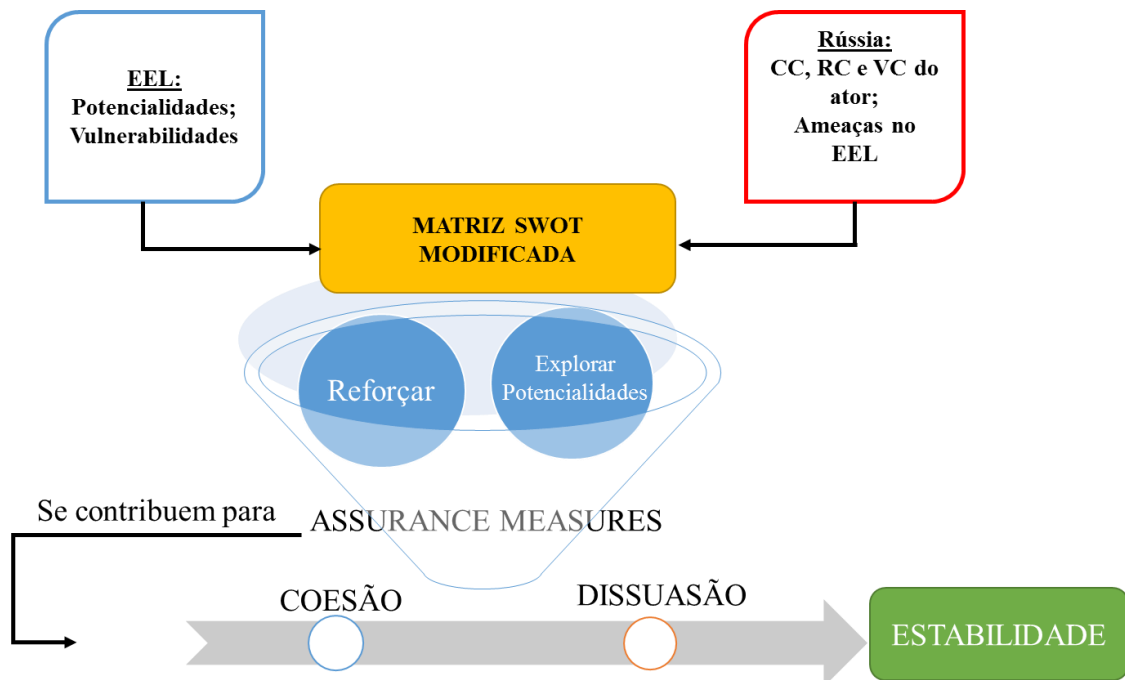


Figura 11 – Metodologia de tratamento de dados

Fonte: (Autor, 2017)

4.3.2. Contributos das AM

Seguindo a nossa metodologia, importa nesta fase observar quais as atividades desenvolvidas no âmbito das AM e escalpelizadas no parágrafo 4.1 que cobrem as ações apresentadas em 4.3.1.

No tocante à dissuasão de ameaças importa ter presente que, conforme observado no parágrafo 4.2, as AM não dispõem das capacidades para atacar as CC ou VC da ameaça Russa, mas fundamentalmente dissuadi-la de intervir. Neste quadro a OTAN dispõe de outras medidas mais robustas e credíveis, englobadas no RAP, assentes na capacidade de



resposta como as AdapM. Concomitantemente, a eFP permite também assumir-se como função *trip wire* assegurando possibilidade de reforço em caso de um ataque. Contudo, consideramos que reforçar a coesão constitui um indicador de dissuasão de ameaças.

O domínio essencial de atuação das AM é a coesão, porquanto é também aqui, como vimos, que a Rússia através da sua estratégia híbrida, procura efetivar as suas intenções. Assim, e observando as potencialidades e vulnerabilidades do EEL face aos cenários da ameaça verificamos que importa desenvolver ações, para explorar as primeiras e mitigar as segundas.

No tocante ao explorar das potencialidades verificámos que em todas as ações as AM desempenham um papel central porquanto, o plano de exercícios em execução compreende todas as áreas identificadas, envolvendo exercícios conjuntos e combinados, com países OTAN e da PfP e compreende cenários que permitem treinar diferentes tipologias de ameaças. Por outro lado, o facto de que 28 Estados-membro participam nas AM demonstram também o comprometimento dos diferentes Aliados para com a defesa das fronteiras a Leste.

No tocante às vulnerabilidades do EEL observamos que as AM não apresentam atividades que as permitam mitigar todas. No entanto, e como anteriormente referido, existem outras medidas implementadas no RAP que atuam em supletividade das AM (Tabela 9).

Tabela 9 – Contributos das Assurance Measures para a dissuasão

Ações	AM	Outras medidas
Garantir a capacidade de recolha de indicadores e alertas;	✓	eFP
Garantir dissuasão convencional com a presença de forças militares;	✓	eFP
Garantir a capacidade de resposta e prontidão de forças;	X	eFP e AdapM
Reforçar em regime de supletividade a capacidade existente;	X	eFP
Reforçar a capacidade de defesa antiaérea;	✓	eFP
Garantir o PA e a capacidade de interceção em caso de violação do espaço aéreo dos Bálticos;	✓	
Reforçar a capacidade existente com forças e meios capazes de deter uma eventual ofensiva Russa;	X	eFP
Garantir o controlo do Mar Báltico;	✓	
Garantir liberdade de ação para emprego da eNRF.	✓	eFP

Fonte: (Autor, 2017)



4.4. Síntese conclusiva

Como corolário da nossa investigação o presente capítulo procurou recorrer à identificação das potencialidades e limitações da m/a da OTAN e verificar de que forma contribui para reforçar a coesão interna da aliança e dissuadir a ameaça percebida a leste.

Inicialmente verificámos que as AM constituem medidas de curto prazo assentes em quatro atividades fundamentais: PA, PM, exercícios e IVR, contribuindo (i) internamente para a coesão da Aliança e (ii) externamente para a dissuasão da ameaça a Leste.

No âmbito da coesão verificámos que as AM atuam em todos os domínios militares das potencialidades do EEL. Já no tocante às vulnerabilidades do mesmo espaço verificámos que as AM contribuem para: (i) garantir a capacidade de recolha de indicadores e alertas, (ii) garantir dissuasão convencional com a presença de forças militares, (iii) reforçar a capacidade de defesa antiaérea, (iv) garantir o PA e a capacidade de interceção, (v) garantir o controlo do Mar Báltico e (vi) garantir liberdade de ação para emprego da eNRF.

No âmbito da dissuasão o carácter não permanente e as capacidades existentes não permitem considerar essas medidas como dissuasórias porquanto não atacam as CC e VC do ator Rússia. Concomitantemente, segundo Beaufre (2004, p.93) a dissuasão depende da capacidade de resposta e não tanto da capacidade imediata, e as AM atuam essencialmente no domínio da capacidade imediata. Contudo, é nosso entender que reforçar a coesão constitui um indicador de dissuasão de ameaças fundamentalmente no domínio psicológico. Desta forma identificámos como contribuem as AM para a coesão da Aliança e para a dissuasão da ameaça percebida a Leste considerando, portanto, respondida a QD três.



Conclusões

Nesta fase apresentamos o resultado final da nossa investigação. Começamos com uma súmula do percurso metodológico adotado, revisitamos os principais conceitos enformadores da investigação e em que medida contribuíram para o desiderato final definido nos OG e OE. Finalmente explanamos os resultados da nossa investigação e elencamos algumas limitações à mesma que permitiram fundamentar as nossas propostas para linhas de investigação subsequentes.

O processo de investigação foi norteado pela QC: “Como é que as AM contribuem para a estabilidade do EEL?”. O percurso metodológico constituiu-se como o esteio orientador da nossa pesquisa, o qual organizámos em três fases essenciais: (i) exploratória, (ii) analítica e (iii) conclusiva. Inicialmente procurámos definir o estado da arte efetuando leituras preliminares de documentos oficiais da OTAN, Rússia e Países Bálticos e artigos científicos e conduzindo entrevistas exploratórias a oficiais do Exército Português. Identificar e delimitar o objeto de estudo e compreender o problema de investigação foi o nosso desiderato, que nos permitiu posteriormente definir o quadro conceptual, o OG e OE e, concomitantemente, edificar o quadro de questões para a organização do presente trabalho.

Decorrente desta abordagem inicial e da problemática em estudo adotámos um posicionamento ontológico construtivista, seguindo um raciocínio dedutivo e uma estratégia qualitativa. Esta abordagem, pelas dinâmicas dos atores em estudo, impeliu que a escolha do nosso desenho de pesquisa recaísse num estudo de caso centrado no EEL.

Para o efeito a recolha de dados orientou-se para a análise de documentos oficiais dos atores em estudo, em entrevistas semiestruturadas a personalidades nacionais e estrangeiras, com conhecimento profundo nas temáticas, em artigos científicos e monografias e em obras estruturantes. Em conjunto permitiram edificar o nosso modelo de análise (Apêndice B).

Os dados recolhidos foram posteriormente analisados e sistematizados em três áreas coincidentes com os capítulos dois, três e quatro, para o qual recorreremos a ferramentas de análise, respetivamente: PMESII, CoG e SWOT. Os resultados obtidos dessas análises sustentaram as respostas às três QD e por essa via à QC.

Como observámos, as AM, objeto do nosso estudo delimitado ao EEL, constituem medidas, de curto prazo, que resultam diretamente das ações agressivas de Moscovo na Ucrânia, e foi decidida a sua implementação pela OTAN, ainda em 2014 na Cimeira de Gales, como parte de uma m/a mais holística designada por RAP. Desde então têm sofrido algumas evoluções, e a OTAN decidiu na Cimeira de Varsóvia, manter as AM, mas



reforçando a sua PDD através de outras medidas como sejam: (i) escudo de defesa antimíssil, (ii) promoção do diálogo e transparência com Moscovo através do Conselho OTAN-Rússia e Ato Base, (iii) implementação da eFP, (iv) agilizar a estrutura de comando, (v) implementação das tFP, (vi) melhorar a antecipação estratégica, (vii) reforçar a estratégia marítima, (viii) promover a interoperabilidade, (ix) garantir a capacidade nuclear como única e de último recurso, (x) promover a STRATCOM, (xi) garantir *enablers* para C2, entre outras.

Face ao objeto, encetamos a nossa investigação procurando analisar três sub-objects que fomentaram a definição de três QD que permitiram alcançar, de forma sustentada, a resposta à nossa QC.

No segundo capítulo, procurámos responder à primeira QD: “Quais as potencialidades e vulnerabilidades do EEL face à principal ameaça percebida a Leste?”. Que nos permitiu alcançar o OE1. Para o efeito analisámos as dinâmicas existentes no EEL recorrendo à análise PMESII, tendo constatado o exposto nos parágrafos seguintes.

No âmbito político verificámos como potencialidades a existência de um sistema político parlamentar consolidado e multipartidário para o qual a integração, dos Países Bálticos, em OI como a OTAN e a UE desempenham um papel decisivo. Como vulnerabilidades, verificámos a existência de políticas de condicionamento de minorias, especialmente na Estónia e Letónia, o crescimento de partidos políticos pró-russos e a possibilidade de inexistência de consenso da OTAN para intervir naquele espaço invocado a defesa coletiva.

No domínio militar e central para a nossa análise, verificámos a dependência dos Bálticos, para efeitos de defesa, da OTAN face à proximidade geográfica com Moscovo e da existência de limitações ao nível das capacidades de recolha de informações, defesa antiaérea, forças pesadas e controlo do Mar Báltico. No entanto, observámos que em todos os Países Bálticos existem estratégias de segurança nacional consolidadas, aliadas a ambiciosos programas de modernização, consubstanciados nos gastos com a defesa em percentagem do PIB. Cumulativamente uma aposta da OTAN na edificação de infraestruturas e capacidades como sejam o CdE para STRATCOM em *Riga* e as NFIU.

No plano económico, apesar da dependência energética dos Bálticos da Rússia existem projetos implementados que permitirão dirimir essas vulnerabilidades assentes essencialmente nas energias renováveis, estações de regaseificação e independência da



malha energética Russa. Neste quadro, a ligação à UE é essencial, designadamente através do apoio na edificação de infraestruturas ao nível do setor energético através do PIMEB.

No plano social o foco essencial são as minorias russas, enquanto vetor facilitador para uma possível intervenção Russa. O legado Russo de mais de 50 anos não desapareceu. Ficaram, entre outros, aspetos culturais e civilizacionais, uma população Russa de 24,8% na Estónia, 26,2% na Letónia e 5,8% na Lituânia. Se no caso da Lituânia o processo de integração das minorias tem sido mais facilitado, no caso da Estónia e Letónia, ainda hoje, existem restrições ao nível do direito de nacionalidade, direito ao voto e serviço público. Intrinsecamente ligado ao domínio social, encontra-se o informacional. Aqui, as vulnerabilidades do EEL por nós identificadas, designadamente ao nível da grande cobertura territorial dos OCS russos e da ubiquidade da internet permite, a Moscovo, passar uma mensagem de irresponsabilidade por parte dos governos dos países Bálticos para com a diáspora Russa. Releva-se, no entanto, o esforço desses governos na supervisão de conteúdos das estações televisivas russas com disseminação no EEL.

No tocante ao domínio infraestrutural salienta-se como vulnerabilidade o controlo da malha energética de gás e eletricidade por parte da Rússia e como potencialidade a presença avançada da OTAN através das NFIU e do CdE de STRATCOM em Riga.

No terceiro capítulo procurámos dar resposta à segunda QD: “Quais as CC e VC do ator Rússia, no quadro de uma possível intervenção no EEL?”, que nos permitiu responder ao OE2.

Focados no EEL identificámos Putin como o CoG estratégico porquanto é quem determina o que acontece na Rússia e onde confluem as decisões no âmbito da Política Externa. Seguindo o método *Strange* apresentado na COPD identificámos as CC, RC e VC do ator Rússia com impacto no EEL. No âmbito das CC as FFAA e o emprego de uma estratégia híbrida são as fundamentais, todavia fortemente dependentes do desempenho económico russo. Indissociável destas CC, identificámos VC passíveis de serem exploradas pela m/a OTAN, das quais salientamos, para o emprego das FFAA: (i) manutenção das sanções económicas por parte da UE a Moscovo, (ii) alargamento da OTAN e limitada capacidade de projeção de poder, (iii) base tecnológica deficitária e (iv) restrita rede de países que conduzem exercícios militares com a Rússia. No tocante à CC, emprego de uma estratégia híbrida, as principais VC são: (i) liberdade de ação para atuação, (ii) dependência económica para desenvolvimento de tecnologia, (iii) reduzida diáspora russa, (iv) baixa dos preços dos combustíveis fósseis e (v) reduzida expressão política de partidos pró-Russos.



Concluimos que Moscovo empregará preferencialmente uma estratégia híbrida no EEL maximizando abordagens através dos instrumentos político-diplomático, económico e informacional, subalternizando a posse de terreno em proveito da influência.

Do anteriormente referido obtivemos a resposta à QD dois identificando as CC e VC do ator Rússia, no quadro de uma possível intervenção no EEL, alcançando assim o OE dois da nossa investigação.

O quarto capítulo foi orientado pela resposta à terceira QD: “Como contribuem as AM para a Coesão da Aliança e para a Dissuasão da ameaça percebida a Leste?” e, concorrentemente para a consecução do OE3. Tendo presente o conceito e as principais atividades desenvolvidas pelas AM, bem como a análise efetuada nos capítulos dois e três, verificámos que estas procuram atuar em dois domínios. Internamente demonstrando a união, coesão e determinação da Aliança e externamente como atividade de dissuasão.

No âmbito da coesão verificámos que as AM atuam em todos os domínios militares das potencialidades do EEL, designadamente através do programa de exercícios existente e do nível de participação dos Estados-membro nas AM. No tocante às vulnerabilidades, do EEL, verificámos que as AM contribuem para: (i) garantir a capacidade de recolha de indicadores e alertas, (ii) garantir dissuasão convencional com a presença de forças militares, (iii) reforçar a capacidade de defesa antiaérea, (iv) garantir o PA e a capacidade de interceção, (v) garantir o controlo do Mar Báltico e (vi) garantir liberdade de ação para emprego da eNRF.

No âmbito da dissuasão, decorrente da organização e estrutura de capacidades das AM estas não afetam de forma clara as CC e VC por nós identificadas. No entanto entendemos que dissuadir Moscovo de intervir no EEL é também intervir no sentido de reforçar a coesão interna, atuando assim, como afirmado por Cabral Couto, no domínio psicológico da dissuasão. Contudo, verificámos que a OTAN, dispõe de outras medidas implementadas no âmbito do RAP vocacionadas para garantir a dissuasão da Rússia, designadamente através das AdapM e da eFP.

Respondemos assim à QD3 e ao OE3.

Estamos, agora, em condições de responder à nossa QC: “Como é que as AM, contribuem para a estabilidade no EEL?”. Como vimos no capítulo um, para garantir Estabilidade do ponto de vista dos Estados era fundamental que esse Estado, ou Estados, garantissem independência política e integridade territorial. Enunciámos também que estas



condições poder-se-iam materializar através do reforço da coesão interna e da dissuasão das ameaças externas.

Tendo presente esta abordagem, concluímos que, as AM atuam fundamentalmente no domínio interno da coesão reforçando a defesa do território e das populações do EEL. Concomitantemente, constituem-se como um veículo privilegiado para reafirmar o comprometimento da Aliança e dos seus membros para com a tarefa de defesa coletiva, tranquilizando os Países Bálticos. Contudo, embora as capacidades das AM não dissuadam o CoG Russo, por nós identificado, de intervir no EEL entendemos que, o reforço da coesão, contribui igualmente para a dissuasão de uma intervenção de Moscovo no EEL. As AM, em conjunto com outras medidas implementadas no âmbito do RAP contribuem para a Estabilidade do EEL, garantindo a coesão interna e dissuadindo as principais ameaças percebidas.

Em resultado da nossa investigação e tendente a maximizar a estabilidade do EEL e dissuadir Moscovo de intervir, dever-se-á privilegiar outros domínios dos instrumentos do poder como sejam: (i) em termos diplomáticos abrir portas ao diálogo para limitar as possibilidades de escalar da crise e o repensar da política de *open doors* da OTAN e (ii) no domínio Informacional uma aposta na STRATCOM com mensagens atinentes a um ambiente seguro e estável na Europa.

Esta investigação demonstrou o posicionamento externo Russo no que respeita ao EEL e as CC que aí podem ser aplicadas, sublevando-se a possibilidade do emprego de uma estratégia híbrida. Esta estratégia tem sido alvo de intenso debate sobre o encontrar de um modelo que permita fazer-lhe face. Pela combinação de instrumentos de poder, adaptabilidade, ambiguidade e capacidades que emprega, esta ameaça coloca diferentes desafios a organizações como a OTAN e aos Estados de forma individual. Assim deixamos como sugestão para investigações futuras o seguinte tema: “Contributos do instrumento militar para o combate à estratégia híbrida”.

Ao nível das limitações da nossa investigação focámos a nossa análise no caso concreto do EEL. Contudo, e como vimos, a geoestratégia multivetorial da Federação Russa e a implementação das AM em outros espaços a Leste, implica que a abordagem por nós efetuada não seja passível de ser utilizada em outros espaços que não o EEL.

Ao nível da qualidade da pesquisa importa primariamente assumir que toda a nossa análise documental foi efetuada com recurso a fontes redigidas em língua Inglesa ou Portuguesa e que, portanto, poderá suscitar a existência de algumas fragilidades,



designadamente ao nível da análise mais clara da perspectiva de Moscovo face à problemática em estudo. Tendente a mitigar esta vulnerabilidade procurámos entrevistar personalidades com forte conhecimento da realidade Russa como sejam o Professor Doutor José Milhazes e a Professora Doutora Maria Raquel Freire.

Por último, estamos convictos que a presente investigação permitiu sistematizar conhecimento sobre o posicionamento de diferentes atores em estudo e observar, à luz de conceitos teóricos, o contributo das AM para a estabilidade do EEL.



Bibliografia

- Albuquerque, W., 2016. Forças de Combate Substanciais no contexto das relações OTAN-Rússia. *Research Division*. [Em linha] Jun16. Disponível em: <http://www.ndc.nato.int/news/news.php?icode=962>, [Acedido em 2 Mai. 2017].
- Andrews, J., 2015. *The world in conflict: Understanding the world's troublespots*. Reino Unido: *Profile Books Ltd*.
- Antunes, P.J. da C., 2007. A alteração do conceito de dissuasão: Contributos para a sua conceptualização. [Em linha] Instituto Universitário Militar. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/11814/1/MAJ%20Antunes.pdf>, [Acedido em 20 Abr. 2017].
- Banasik, M., 2016. *Russia's Hybrid War in Theory and Practice*. *Journal on Baltic Security*. [Em linha] 2. Disponível em: <http://www.css.ethz.ch/en/services/digital-library/publications/publication.html/e-277f7ea-94db-48e2-801d-d9a85005a826>, [Acedido em 31 Mar. 2017].
- Bartles, C., 2016. Para entender Gerasimov. *Revista Militar*. [Em linha] Março-Abril 2016. Disponível em: http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/Portuguese/-MilitaryReview_20160430_art010POR.pdf, [Acedido em 16 Fev. 2017].
- Baylis, J., 2002. *Arms Control and Disarmament*. Em: *Strategy in the Contemporary World: An Introduction to Strategic Studies*. Oxford: Oxford University Press, pp.183–207.
- Beaufre, A., 2004. *Introdução à estratégia*. 1a ed. Lisboa: Sílabo.
- Bergmane, U., 2016. *Latvia's Debate about Russian Propaganda*. *Baltic Bulletin*. [Em linha] Jun. Disponível em: <http://www.fpri.org/article/2016/07/latvias-debate-russian-propaganda/>, [Acedido em 6 Abr. 2016].
- Bernard, D., 2015. *Why is Russia interested in undersea internet cables*. [Em linha] *Voanews*. Disponível em: <http://www.voanews.com/a/russia-interest-in-undersea-internet-cables-raises-alarm/3044819.html>, [Acedido em 19 Mai. 2017].
- Brzezinski, Z., 1997. *The Grand Chessboard*. [livro eletrónico] Washington, DC. Disponível em: http://www.takeoverworld.info/Grand_Chessboard.pdf, [Acedido em 27 Mar. 2017].
- Calha, J., 2015. *Hybrid Warfare: NATO's New Strategic Challenge?*. [Em linha] Bruxelas: OTAN. Disponível em: <http://www.nato-pa.int/default.asp?SHORTCUT=4018>, [Acedido em 5 Jan. 2017].



- CAST, 2015. *Russian Federation State Armaments Programs: The Problems of Execution and the Optimization Potential*. [Em linha] Center for Analysis of Strategies and Technologies. Disponível em: http://www.cast.ru/files/Report_CAST.pdf, [Acedido em 15 Abr. 2017].
- Cesnakas, G., Jakstaite, G. e Juozaitis, J., 2016. *Assessment of political vulnerabilities on security of energy supply in the Baltic States*. *Baltic Journal of Law and Politics*. [Em linha] 9. Disponível em: <http://www.degruyter.com/view/j/bjlp>, [Acedido em 4 Mai. 2017].
- Chivvis, C., 2017. *Understanding Russian Hybrid Warfare*. RAND Corporation. [Em linha] (CT-468). Disponível em: https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/testimonies/-CT400/CT468/RAND_CT468.pdf, [Acedido em 7 Abr. 2017].
- Cimbala, S., 1998. *Coercive Military Strategy*. Texas: Texas A&M University Press.
- Colby, E.A., Gerson, M.S., ed.lit., 2013. *Strategic Stability: Contending Interpretations*. Carlisle: US Army War College Press.
- Comissão Europeia, 2017. Plano de Interconexão do Mercado de Energia dos Bálticos. [Em linha] Bruxelas: Comissão Europeia. Disponível em: <https://ec.europa.eu/energy/en/topics/infrastructure/baltic-energy-market-interconnection-plan>, [Acedido em 19 Mai. 2017].
- Conferência de Segurança de Munique, 2007. Discurso de Putin. [vídeo em linha]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hQ58Yv6kP44>, [Acedido em 18 Fev. 2017].
- Conselho Europeu, 2016. *Russia: EU prolongs economic sanctions by six months*. [Em linha] Bruxelas: Conselho Europeu. Disponível em: <http://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2016/12/19-sanctionsrussia/>, [Acedido em 3 Fev. 2017].
- Corum, J., 2013. *The Security concerns of the Baltic States as NATO Allies*. Carlisle: United States Army War College.
- Couto, C., 1988a. *Elementos de Estratégia - Apontamentos para um curso*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.
- Couto, C., 1988b. *Elementos de Estratégia - Apontamentos para um curso*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.
- Danilovic, V., 2002. *When the stakes are high*. Michigan: Universidade de Michigan.
- Day, J., 2016. *NATO New Deterrence Posture: From Wales to Warsaw*. Bruxelas: OTAN.



- Deep Cuts Commission, 2016. *Back to the Brink*. [Em linha] Hamburgo: *Institute for Peace and Security Police* da Universidade de Hamburgo. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/07/Deep-Cuts-Commission-Third-Report-June-2016-1.pdf>, [Acedido em 21 Fev. 2017].
- Departamento de Defesa Norte Americano, 2013. *Air-Sea Battle: Service Collaboration to address anti-access and Area Denial Challenges*. [Em linha] Washington. Disponível em: <https://www.hsdl.org/?abstract&did=738996>, [Acedido em 1 Mai. 2017].
- Drent, M., Hendriks, R. e Zandee, D., 2015. *Novas Ameaças, Novas Respostas da NATO e UE*. [livro eletrónico] Hague: Instituto de Relações Internacionais da Holanda. Disponível em: https://www.clingendael.nl/sites/default/files/New%20Threats_New%20EU_Nato%20Responses_Clingendael_July2015.pdf, [Acedido em 17 Fev. 2017].
- EUROSTAT, 2017. *Energy production and imports*. [Em linha] Luxemburgo: EUROSTAT. Disponível em: http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Energy_production_and_imports#Further_Eurostat_information, [Acedido em 2 Mar. 2017].
- Exército Português, 2012. *PDE 3-00 Operações*. Lisboa: Exército Português.
- Fânzeres, J.M., 2017. [Entrevista] Lisboa (09 maio 2017).
- Fânzeres, J.M., 2014. *Geopolítica e Geoestratégia da Federação Russa*. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional.
- FFAA Estónia, 2015. *BALTRON*. [Em linha] Tallinn: MDN. Disponível em: <http://www.mil.ee/en/-defence-forces/international-co-operation/BALTRON>, [Acedido em 29 Jan. 2017].
- Freedman, L., 2009. *Framing strategic deterrence old certainties, new ambiguities*. *The Rusi Journal*, 154, pp.46–50.
- Freire, M.R., 2011. *A Rússia de Putin: Vectors Estruturantes de Política Externa*. Coimbra: Almedina.
- Freire, M.R., 2017. [Entrevista] Coimbra (01março 2017).
- GALLUP, 2016. *Países de Leste e cidadãos na CEI observam a Rússia e os EUA como uma ameaça*. [Em linha] GALLUP. Disponível em: <http://www.gallup.com/poll/190415/eastern-europeans-cis-residents-russia-threats.aspx>, [Acedido em 1 Abr. 2017].



- GIS Geopolitical Talk: the Russian view*. 2016. *Geopolitical Intelligence Services*. [vídeo em linha]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cGmJsVLXJZM>, [Acedido em 14 Mar. 2017].
- Golts, A. e Michael Kofman, 2016. *Russia's Military*. Washington: Center on Global Interests.
- Grajauskas, R., 2014. *Baltic economies in 2015-2016*. [Em linha] Copenhaga: *Danske Bank*. Disponível em: [http://danske-research.danskebank.com/link/Baltic-economies-in-2015-2016/\\$file/Baltic economies in 2015 2016.pdf](http://danske-research.danskebank.com/link/Baltic-economies-in-2015-2016/$file/Baltic%20economies%20in%202015%202016.pdf), [Acedido em 26 Mar. 2017].
- Gray, C., 2003. *Maintaining Effective Deterrence*. [livro eletrónico] Carlisle: Strategic Studies Institute. Disponível em <https://ssi.armywarcollege.edu/pdffiles/PUB211.pdf>, [Acedido em 12 Jan. 2017].
- Grivach, A., 2017. *National Energy Security Fund of Russia*. Em Instituto de Defesa Nacional, 2017. *Geopolítica da Energia e Segurança Energética*. Lisboa, 12 Jan 2017.
- Grupo de Guerra Assimétrica, 2015. *Ambiguous Threats and External Influences in the Baltic States*. [Em linha] Morrison: Grupo de Guerra Assimétrica. Disponível em: <https://info.publicintelligence.net/AOWG-ThreatsBalticStates.pdf>, [Acedido em 7 Abr. 2017].
- Hoffman, F., 2016. *The contemporary spectrum of conflict: Potracted, Gray Zone, Ambiguous, and Hybrid Modes of War*. [Em linha] Heritage Foundation. Disponível em: <http://index.heritage.org/military/2016/essays/contemporary-spectrum-of-conflict/>, [Acedido em 16 Mar. 2017].
- Hunter, R., 2016. *OTAN em contexto: Geopolítica e o problema do poder Russo*. Prism. [Em linha] 6. Disponível em: <http://cco.ndu.edu/Publications/PRISM/PRISM-Volume-6-no-2/>, [Acedido em 23 Dez. 2016].
- Hyde-Price, A., 2016. *NATO and the European security System*. Em: *Theorising NATO. New perspectives on the Atlantic Alliance*. Abingdon: Routledge, pp.41–60.
- Iffert, R., 2016. *Allied Command Operations overview and Current Operations*.
- IISS, 2016. *Military Balance 2015*. Londres: IISS.
- Infopédia, 2017. *Língua Portuguesa com acordo ortográfico*. Infopédia. [Em linha]. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/vulner%-C3%A1vel](https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/vulner%C3%A1vel), [Acedido em 06 Jun. 2017].



- Karaganov, S., 2016. *Global Challenges and Russia's Foreign Policy*. [Em linha] Disponível em: <http://eng.globalaffairs.ru/pubcol/Global-Challenges-and-Russias-Foreign-Policy-18468>, [Acedido em 25 Jan. 2017].
- Klein, M., 2015. *Russia's new military doctrine*. [Em linha] Disponível em: <https://www.swp-berlin.org/fileadmin/contents/products/comments/2015C09kle.pdf>, [Acedido em 1 Jun. 2017].
- Koblentz, G., 2014. *Strategic Stability in the Second Nuclear Age*. [Em linha] Nova Iorque: *Council of Foreign Relations*. Disponível em: http://i.cfr.org/content/publications/attachments/Second%20Nuclear%20Age_CSR71.pdf, [Acedido em 18 Abr. 2017].
- Kolakowski, Z., 2017. *Countering Hybrid Threats NATO Perspective*.
- Kramer, F. e Craddock, B., 2016. *Effective Defense of the Baltics*. [Em linha] Washington: *Atlantic Council*. Disponível em: http://www.css.ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-securitiesstudies/resources/docs/Effective_Defense_of_the_Baltics_0516_web.pdf, [Acedido em 9 Fev. 2017].
- Kramer, F. e Nordenman, M., 2016. *A Maritime Framework for the Baltic Sea Region*. [Em linha] Washington: *Atlantic Council*. Disponível em: https://www.files.ethz.ch/isn/196510/Maritime_Framework_Baltic_Sea_0405_web.pdf, [Acedido em 9 Fev. 2017].
- Lapo, A. e d'Inverno, M., 2017. *NATO's enhanced Forward Presence: reassurance and deterrence*. [Em linha] Disponível em: <https://www.iiss.org/en/militarybalanceblog/blogsections/2017-edcc/february-7849/-natos-enhanced-forward-presence-d261>, [Acedido em 27 Mar. 2017].
- MDN Estónia, 2011. *Estratégia Defesa Nacional da Estónia*. [Em linha] Tallinn: MDN. Disponível em: http://www.kaitseministeerium.ee/sites/default/files/elfinder/-article_files-/national_defence_strategy.pdf, [Acedido em 7 Fev. 2017].
- MDN Letónia, 2016. *Conceito de Defesa Nacional*. [Em linha] Riga: MDN. Disponível em: http://www.mod.gov.lv/~/_/media/AM/Par_aizsardzibas_nozari/Plani,%20konceptijas/2016/AIMVAK_260516_EN_2.0.ashx, [Acedido em 29 Jan. 2017].
- MDN Lituânia, 2016. *Estratégia Militar da Lituânia*. [Em linha] Vilnius: MDN. Disponível em: https://kam.lt/en/defence_policy_1053/important_documents/strategical_documents.html, [Acedido em 7 Fev. 2017].



- Mearsheimer, J., 2016. *Defining a new security architecture for Europe that brings Russia in from the Cold*. *Military Review*, Maio-Junho 2016, pp.27–31.
- Mecum, M., 2007. *Solving Alliance Cohesion: NATO cohesion after cold War*. [Em linha] Ohio: Universidade de Ohio. Disponível em: https://etd.ohiolink.edu/-rws_etd/document/get/ohiou1180549294/inline, [Acedido em 12 Mai. 2017].
- Milhazes, J., 2017. [Entrevista] Lisboa (08 fevereiro 2017).
- Milhazes, J., 2016. *Rússia e Europa: uma parte do todo*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- MNE Rússia, 2016. *Conceito de Política Externa da Federação Russa*. [Em linha] Moscovo: Ministério dos Negócios Estrangeiros da Federação Russa. Disponível em: http://www.mid.ru/foreign_policy/official_documents/-/asset_publisher/CptICk-B6BZ29/content/id/2542248, [Acedido em 10 Mar. 2017].
- Monaghan, A., 2015. *Putin's Way of War. Parameters*. [Em linha] 45, pp.65–74. Disponível em: http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pubs/para-meters/issues/Winter_2015-16/9_Monaghan.pdf, [Acedido em 7 Fev. 2017].
- Moreira, A., 2017. *Geopolítica da energia e segurança energética*. Em Instituto de Defesa Nacional, 2017. *Geopolítica da Energia e Segurança Energética*. Lisboa, 12 Jan 2017.
- Murphy, M., 2017. *The Baltic: Grey-Zone threats on NATO's Northern Flank*. [Em linha] Maryland: Center for International Maritime Security. Disponível em: <http://cimsec.org/baltic-grey-zone-threats-natos-northern-flank/31529>, [Acedido em 25 Abr. 2017].
- Nielsen, K. e Paabo, H., 2015. *How Russia soft power fails in Estonia*. *Jornal da Segurança nos Bálticos*. [Em linha]. Disponível em: <https://www.degruyter.com/downloadpdf-/j/jobs.2015.1.issue-2/jobs-2016-0023/jobs-2016-0023.pdf>, [Acedido em 6 Abr. 2017].
- Nye, J., 2002. *Compreender os conflitos internacionais*. Lisboa: Gradiva.
- OTAN, 1997. *Ato Base OTAN-Rússia*. [Em linha] Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_25468.htm, [Acedido em 2 Mai. 2017].
- OTAN, 2002. *Comunicado da Cimeira de Praga*. [Em linha] Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_19552.htm?, [Acedido em 23 Nov. 2016].



- OTAN, 2010. Conceito Estratégico NATO. [Em linha] Disponível em: <http://www.nato.int/lisbon2010/strategic-concept-2010-eng.pdf>, [Acedido em 2 Mar. 2017].
- OTAN, 2013. *Comprehensive Operations Planning Directive Interim V2.0*. Bruxelas: SHAPE.
- OTAN, 2014a. Comunicado da Cimeira de Gales. [Em linha] Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_112964.htm, [Acedido em 23 Nov. 2016].
- OTAN, 2014b. Conferência de imprensa Pré Cimeira de Gales. [Em linha] Conferência de imprensa Pré Cimeira de Gales pelo Secretário-Geral da NATO Anders Fogh Rasmussen no Palácio *Residence*, Bruxelas. Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natohq/opinions_112238.htm, [Acedido em 7 Fev. 2017].
- OTAN, 2014c. *Alliance Ground Surveillance*. [Em linha] Disponível em: http://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/pdf_2014_09/20140901_140901-Factsheet-AGS_en.pdf, [Acedido em 25 Abr. 2017].
- OTAN, 2016a. Comunicado da Cimeira de Varsóvia. [Em linha] Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_133169.htm, [Acedido em 23 Nov. 2016].
- OTAN, 2016b. *Connected Forces Initiative*. [Em linha] Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_98527.htm, [Acedido em 10 Nov. 2016].
- OTAN, 2016c. *Defence Expenditures of NATO Countries (2009-2016)*. [Em linha] Bruxelas: OTAN. Disponível em: http://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/pdf_2016_07/20160704_160704-pr2016-116.pdf, [Acedido em 14 Abr. 2017].
- OTAN, 2016d. *Deterrence and Defence*. [Em linha] Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_133127.htm, [Acedido em 21 Mar. 2017].
- OTAN, 2016e. Relações com a Rússia. [Em linha] Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_50090.htm#, [Acedido em 24 Mar. 2017].
- OTAN, 2016f. *Allied Administrative Publication AAP-06*. Bruxelas: *NATO Standardization Office*.
- OTAN, 2017a. *Readiness Action Plan*. [Em linha] Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_119353.htm, [Acedido em 7 Fev. 2017].
- OTAN, 2017b. *NATO Intelligence Fusion Centre*. [Em linha] Disponível em: <http://web.ifc.bices.org/about.htm>, [Acedido em 25 Abr. 2017].



- OTAN, 2017c. AJP-3.10. *Allied Joint Doctrine for Information Operations*. Bruxelas. NATO Standardization Agency.
- OTAN, 2017d. *Harmel Report*. [Em linha] Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_67927.htm, [Acedido em 11 Abr. 2017].
- OTAN, 2017e. Programa de Treino e Exercícios Militares da OTAN. [Em linha] Disponível em: <https://emtep.exonaut.com/ExonautWeb/cal/#/rmp/start>, [Acedido em 26 Abr. 2017].
- OTAN, 2017f. Defesa e Dissuasão OTAN. [Em linha] Disponível em: <https://twitter.com/NATO/status/845284375935770625>, [Acedido em 27 Mar. 2017].
- OTAN, 2017g. *Cyber Defence*. [Em linha] Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_78170.htm, [Acedido em 05 Jun. 2017].
- Parlamento da Estónia, 2017. Parlamento da Estónia. [Em linha] Tallinn: Parlamento da Estónia. Disponível em: <https://www.riigikogu.ee/en/parliament-of-estonia/>, [Acedido em 29 Jan. 2017].
- Parlamento da Letónia, 2017. Parlamento da Letónia. [Em linha] Riga: Parlamento da Letónia. Disponível em: http://titania.saeima.lv/personal/deputati/saeima12_depweb_public-.nsf/structureview?readform&type=2&lang=EN, [Acedido em 29 Jan. 2017].
- Perry, B., 2015. *Non-Linear Warfare in Ukraine: The Critical Role of Information Operations and Special Operations*. *Small Wars Journal*. [Em linha] Disponível em: <http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/non-linear-warfare-in-ukraine-the-critical-role-of-information-operations-and-special-opera>, [Acedido em 15 Mar. 2017].
- Pezards, S., Radin, A, Szayna, T. e Larrabee, S. *European Relations with Russia*. [Em linha] Santa Monica: Rand Corporation. Disponível em: https://www.rand.org/pubs-research_reports/RR1579.html, [Acedido em 23 Abr. 2017].
- Pintat, X., 2015. *NATO'S Readiness Action Plan: Assurance and Deterrence for the post-2014 security environment*. [Em linha] Bruxelas: OTAN. Disponível em: <http://www.nato-pa.int/default.asp?SHORTCUT=4021>, [Acedido em 05 Fev. 2017].
- Piotrowski, M. e Ras, K., 2016. *Baltic States' intelligence services report increased threat from Russia*. [Em linha] Polónia: Instituto de Relações Internacionais da Polónia. Disponível em: https://www.pism.pl/files/?id_plik=22128, [Acedido em 7 Abr. 2017].
- Plakans, A., 2011. *A concise History of the Baltic States*. Cambridge: Cambridge University Press.



- Priberam, 2013. Priberam. [Em linha] Disponível em: <https://www.priberam.pt/dl-po/coes%C3%A3o>, [Acedido em 17 Mai. 2017].
- Radin, A. 2017. [Entrevista]. Lisboa (27 abril 2017).
- Radin, A., 2017. *Hybrid Warfare in the Baltics: Threats and Potential Responses*. [Em linha] Santa Monica: Rand Corporation. Disponível em: http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_reports/RR1500/RR1577/RAND_RR1577.pdf, [Acedido em 13 Abr. 2017].
- Reynolds, R., 2016. *Baltic Air Policing, and it's impact on the Nordic States*. [Em linha] The Baltic Post. Disponível em: <https://themodelgallery.wordpress.com/2016/05/24/baltic-air-policing-and-its-impact-on-the-nordic-states/>, [Acedido em 25 Abr. 2017].
- Ribeiro, A.S., 2009. Teoria Geral da Estratégia - o essencial do planeamento estratégico. Coimbra: Almedina.
- SACT, 2015. *Framework for Future Alliance Operations*. [Em linha] Norfolk: OTAN. Disponível em: <http://www.act.nato.int/images/stories/media/doclibrary/ffa-2015.pdf>, [Acedido em 10 Fev. 2017].
- Sakwa, R., 2010. A política externa Russa Contextualizada. Em: *A Rússia de Putin: Vectors Estruturantes de Política Externa*. Coimbra: Almedina.
- Sampaio, L. de A., 2017. [Entrevista] Lisboa (24 maio 2017).
- Santos, L., 2016. *A Guerra no meio de nós*. Lisboa: Clube do autor.
- Santos, L.A.B. dos, Garcia, F.M.G.P.P, Monteiro, F.T, Lima, J.M.M.V, Silva, N.M.P, Silva, J.C.V.F, Piedade, J.C.L, Santos, R.J.R.P e Afonso, C.F.N.L.D.A, 2016. *Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação*. Lisboa: IUM.
- Scearce, D. e Fulton, K., 2004. *What if? The art of scenario thinking for nonprofits*. [Em linha] Disponível em: http://www.monitorinstitute.com/downloads/what-we-think/what-if/What_If.pdf, [Acedido em 27 Abr. 2017].
- SHAPE, 2017a. *NATO Assurance Measures*. [Em linha] Disponível em: <https://www.shape.nato.int/nato-assurance-measures>, [Acedido em 22 Mar. 2017].
- SHAPE, 2017b. *NATO Air Policing*. [Em linha] Disponível em: <http://www.shape.nato.int/page142085426>, [Acedido em 22 Mar. 2017].
- Sharkov, D., 2017. *NATO: Russian aircraft intercepted 110 times above Baltic in 2016*. [Em linha] Disponível em: <http://www.newsweek.com/nato-intercepted-110-russian-aircraft-around-baltic-2016-538444>, [Acedido em 11 Abr. 2017].



- Shlapak, D. e Johnson, M., 2016. *Reinforcing Deterrence on NATO's Eastern Flank*. [Em linha] Santa Monica. Rand Corporation Disponível em: http://www.rand.org/pubs/research_reports/RR1253.html, [Acedido em 9 Fev. 2017].
- Singer, J.D. e Karl, D., 1964. *Multipolar Power Systems and International Stability*. *World Politics*. [Em linha] Disponível em: <http://users.metu.edu.tr/utuba/Deutsch.pdf>, [Acedido em 18 Abr. 2017].
- Smith, C., 1988. *Soviet Maskirovka*. *Airpower*, [Em linha]. Disponível em: <http://www.airpower.maxwell.af.mil/airchronicles/apj/apj88/spr88/smith.html>, [Acedido em 15 Fev. 2017].
- Stoltenberg, J., 2017. Relatório Anual do Secretário Geral da OTAN. [Em linha] Bruxelas: OTAN. Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natohq/opinions_142149.htm#, [Acedido em 14 Mar. 2017].
- The Baltic Times, 2017. *Estonia seeks fine for Gazprom*. [Em linha] Riga: *The Baltic Times*. Disponível em: <http://www.baltictimes.com/estonia-seeks-fine-for-gazprom/>, [Acedido em 06 Jun. 2017].
- The economist, 2016. Índice democrático 2015. [Em linha] Londres: *The Economist*. Disponível em: <http://www.yabiladi.com/img/content/EIU-Democracy-Index-2015.pdf>, [Acedido em 2 Fev. 2017].
- UE, 2016. Relatório da Estónia 2016. [Em linha] Bruxelas: UE. Disponível em: http://ec.europa.eu/europe2020/pdf/csr2016/cr2016_estonia_en.pdf, [Acedido em 05 Fev. 2017].
- USLEGAL, 2017. Definição Legal da negação plausível. [Em linha] Disponível em: <https://definitions.uslegal.com/p/plausible-deniability/>, [Acedido em 7 Abr. 2017].
- Waszczykowski, W., 2015. *The Battle for the Hearts and Minds: Countering propaganda attacks against the Euro-Atlantic Community*. [Em linha] Bruxelas: OTAN. Disponível em: <http://www.nato-pa.int/default.asp?SHORTCUT=4012>, [Acedido em 5 Jan. 2017].
- Webber, M., 2016. *Is NATO a theory-free zone*. Em: *Theorising NATO. New perspectives on the Atlantic Alliance*. Abingdon: Routledge, pp.1–21.
- Weinberger, K., 2016. *Russian A2/AD Range*. [Em linha] Disponível em: <http://www.understandingwar.org/backgrounders/russian-anti-access-and-area-denial-a2ad-range>, [Acedido em 1 Abr. 2017].



Zolotarev, G., 2017. *The Baltic Times and media development in the Baltic States*. [Em linha]
Riga: *The Baltic Times*. Disponível em: http://www.baltictimes.com/the_baltic-times_and_media_development_in_the_baltic_states/, [Acedido em 6 Abr. 2017].



Apêndice A — Corpo de Conceitos

Atividades de informação – Ações designadas para afetar a informação ou sistemas de informação (OTAN, 2017c, p1-5).

Assurance Measures – Constituem um conjunto diversificado de atividades terrestres, aéreas ou por mar, no seio ou fora do território dos Aliados OTAN, desenvolvidas na região Leste e central da Europa, desenhadas para reforçar a sua defesa, das suas populações e deter uma potencial agressão. Constituem medidas que resultam diretamente das ações agressivas desencadeadas pela Federação Russa na Ucrânia (SHAPE, 2017b).

Capacidade Crítica do CoG – Constituem as principais capacidades que garantem ao CoG a sua força. Passíveis de serem influenciadas ou negadas a um oponente e exploradas num ator amigo (OTAN, 2013, p. 3-27).

Centro de Gravidade – Características, capacidades ou localidades, a partir da qual uma nação, uma aliança, uma força militar ou outro grupo derivam a sua liberdade de ação, força física ou vontade de combater (OTAN, 2013, p.L-1; Exército Português, 2012, p.5–7).

Connected Forces Initiative – Iniciativa que combina num programa um conjunto diversificado de atividades de formação, treino, exercícios e avaliação, com o objetivo de aumentar a interconectividade e interoperabilidade entre as forças da OTAN (OTAN, 2016b).

Controlo do Mar – Condição que existe quando um ator dispõe de liberdade de ação numa determinada área marítima para prosseguir os seus propósitos, por um período de tempo no espaço de superfície, subsuperfície e aéreo (OTAN, 2016f, p.122).

Dissuasão – “Visa impedir uma potência adversa de, numa situação dada, recorrer a determinados meios de coação em virtude da existência de um conjunto de meios e de disposições capazes de constituírem uma ameaça suficientemente desencorajadora”(Couto, 1988b, p.59).

Espaço de empenhamento – Parte do ambiente estratégico relevante para uma crise em particular, no qual a Aliança pode decidir, ou decidiu empenhar-se. Este espaço pode ser analisado seguindo o modelo conceptual PMESII (OTAN, 2013, p. L-3).

Instrumentos de Poder – Meios nacionais ou organizacionais para forçar uma vontade ou exercer influência noutros. Ao nível da OTAN são considerados os instrumentos Diplomático, Informacional, Militar e Económico (OTAN, 2017c, p.1-3).

Interceção Aérea – Operação desenvolvida por uma aeronave quando estabelece contacto visual ou eletrónico com outra aeronave (OTAN, 2016f, p.5).

Operações de Informação – Função de Estado-Maior para analisar, planear, avaliar



e integrar atividades de informação a fim de criar efeitos desejados na vontade, conhecimento e capacidades de adversários, potenciais adversários ou em audiências aprovadas pelo Conselho do Atlântico Norte, em apoio aos objetivos da Aliança (OTAN, 2017c, p1-5).

Potencialidade – Qualidade de um sistema, estrutura, local ou capacidade de um Estado que pode ser explorada por este na defesa dos seus interesses.

Readiness Action Plan – Plano que assegura à OTAN a capacidade para responder de forma rápida e firme aos novos desafios de segurança, incorporando as *Assurance Measures* voltadas a leste e as *Adaptation Measures* que permitam à OTAN “adaptar-se” ao surgimento de uma situação de crise (OTAN, 2017a).

Requisito Crítico – Condições, componentes ou recursos essenciais para que um CoG possa empregar uma determinada capacidade crítica. Deve ser negado a um oponente e disponibilizado a um ator amigo (OTAN, 2013, p. 3-27).

Vulnerabilidade – De acordo com o dicionário online da Porto Editora, vulnerável significa “que pode ser atingido ou ferido; frágil” ou “que tem poucas defesas” (Infopédia, 2017). Para a presente investigação entendemos vulnerabilidade como o sistema, estrutura, local ou capacidade de um Estado sobre o qual um ator antagónico pode aplicar determinadas capacidades tendo em vista provocar-lhe dano ou desequilíbrio.

Vulnerabilidade Crítica – Existem quando um requisito crítico é deficiente, encontra-se degradado ou inexistente, expondo uma capacidade crítica à perda ou degradação. Devem ser atacados num ator antagónico e protegidos num ator amigo (OTAN, 2013, p. 3-27).



Apêndice B — Percurso Metodológico e Quadro Conceptual

1. Percurso Metodológico

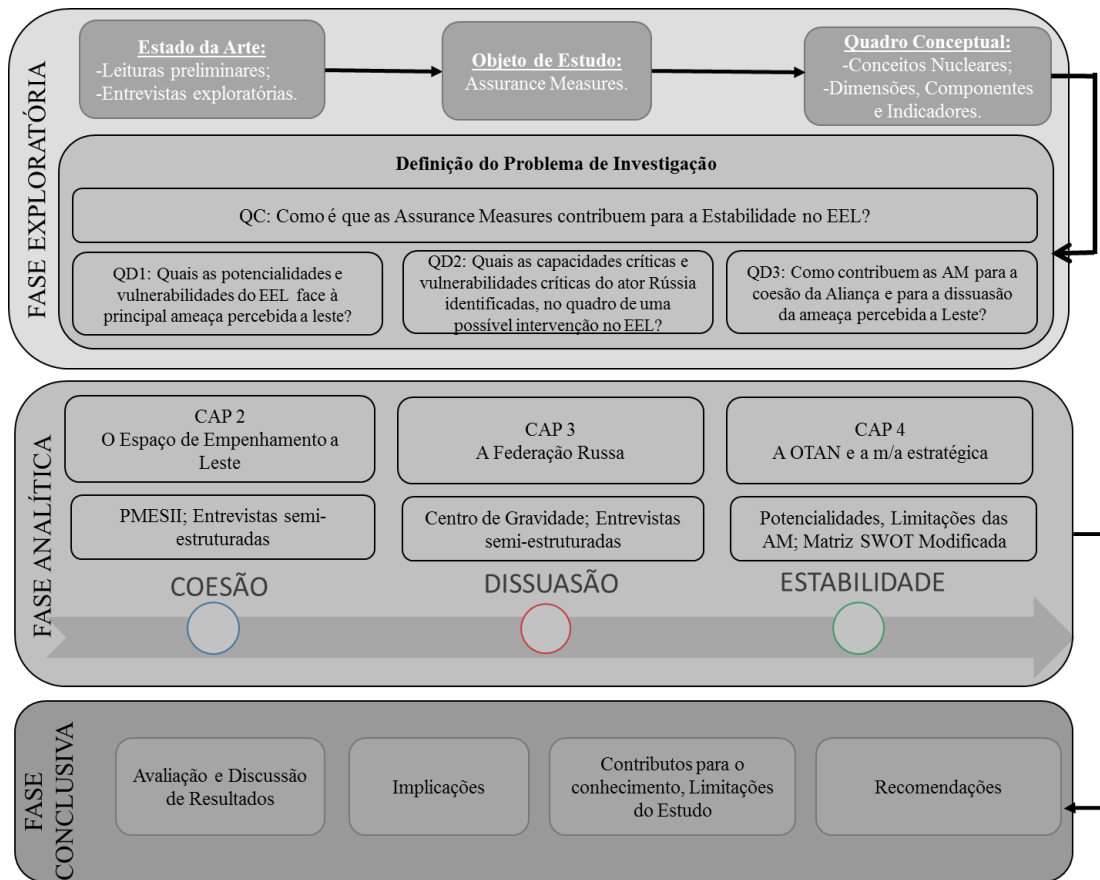


Figura 12 – Percurso Metodológico

Fonte: (Autor, 2017)

2. Quadro Conceptual

Tabela 10 – Quadro Conceptual

Conceito	Dimensão	Componentes	Indicadores
Coesão	Espaço de Empenhamento a Leste	Política	Potencialidades Limitações
		Militar	
	OTAN	Económica	<i>Assurance Measures</i> <i>Adaptation Measures</i> <i>Enhanced Forward Presence</i>
		Social	
Dissuasão	Rússia	Informacional	Capacidades Críticas Requisitos Críticos Vulnerabilidades Críticas
		Ameaça Híbrida	
	OTAN	Ameaça Convencional	<i>Assurance Measures</i> <i>Adaptation Measures</i> <i>Enhanced Forward Presence</i>
	Ações		

Fonte: (Autor, 2017)



Apêndice C — Análise de conteúdo de entrevistas

Tabela 11– Matriz de análise de entrevistas

QUESTÕES COLOCADAS	ENTREVISTADOS ⁶²					ANÁLISE	Ideias Chave
	1	2	3	4	5		
Considera plausível uma possível intervenção Russa no EEL?	X	X	X			É plausível equacionar uma possível intervenção russa no EEL embora não em termos convencionais. A intervenção Russa naquele espaço a efetuar-se procurará descredibilizar a OTAN e a UE.	“Não em termos militares. Sim a outros níveis. Em termos políticos e culturais”. (1) “uma possível intervenção militar no Báltico é altamente improvável”. (2) “o controlo daqueles atores (Países Bálticos) não constitui, de todo, um interesse nacional vital ou importante russo”. (3)
Quais as principais vulnerabilidades e potencialidades que pode identificar no Espaço de Empenhamento a Leste?					X	A dependência energética e a presença de minorias russas no território materializam as principais vulnerabilidades do EEL.	Energia, minorias russas e grupos pró-russo a atuar no EEL. (5)
Considera que as Forças de Operações Especiais, reconhecimento ou ciber podem ser utilizadas para encorajar as minorias locais Russas para declarar movimentos separatistas, especialmente em <i>Navra</i> (Estónia) e <i>Latgale</i> (Letónia)?			X		X	A utilização destes meios está à disposição da Federação e poderão ser utilizados numa tentativa de testar a resiliência dos Estados do EEL e a determinação da OTAN em apoiar os Estados mais vulneráveis a essas ameaças.	“um cenário da sua destabilização será de baixa probabilidade de concretização”. (3) “Em teoria sim, mas muito improvável”. (5)
3.1.2 Moscovo tem sido “acusado” de utilizar táticas indiretas, designadas por ameaças híbridas para executar ações nos países da sua esfera de influência. Foram também já reportados ciberataques, designadamente à Estónia. Qual o desiderato por detrás destas ações por parte da Federação Russa?					X	Moscovo procura atuar em dois domínios. Externamente procura manter a sua influência no espaço pós-soviético e através disso afirmar-se como potência regional e mundial. Cumulativamente procura testar a OTAN atuando no limiar da invocação do artigo 5º (as designadas <i>grey zones</i>). No domínio interno procura através dos apelos ao nacionalismo explorar uma retórica assente na ideia do Ocidente enquanto ameaça e da necessidade da Federação se defender.	Poderão ser equacionados dois tipos de motivação político estratégica. “A externa – que inclui a tentativa de manutenção da “tradicional esfera de influência” russa, servindo-se, inclusive, de campanhas de desinformação junto de minorias russófonas residentes em alguns dos nossos Aliados. Esta vertente externa, para além da tentativa de afirmação enquanto potência regional e mundial, tem ainda como motivação testar a reação da OTAN, tomando as precauções devidas para que as ações não possam chegar a ser consideradas atos hostis que possam espoletar a invocação do artigo 5º do Tratado de Washington; e ii) a interna – galvanizando a população russa, apelando ao seu nacionalismo, apresentando um inimigo comum, externo ao espaço ex-Soviético e que trata agora de “ocupar” as antigas Repúblicas com o Alargamento. O mesmo tipo de discurso e ações estão agora a ser replicados nos Balcãs a propósito da adesão do Montenegro à Aliança, desta feita apelando à “irmandade eslava” e aos laços culturais e religiosos entre a Rússia e a Sérvia”. (4)

⁶² (1) Maria Raquel Freire, (2) José Milhazes, (3) José Fânzeres, (4) Luís de Almeida Sampaio, (5) Andrew Radin.



					<p>Para garantir a dissuasão de uma ameaça, é fundamental garantir capacidade e credibilidade. Considera que as AM constituem um elemento central de dissuasão, ou constituem apenas atividades que permitem garantir a necessária antecipação estratégica (focada na recolha de informação)</p>	<p>X X X</p>	<p>As AM de carácter não permanente, procuram atuar em dois domínios. Internamente demonstrando a união, coesão e determinação da Aliança e externamente como atividade de dissuasão. O seu carácter de presença permite garantir um conhecimento situacional e o acompanhamento da ameaça percebida facilitando o consenso no âmbito da necessidade de aprovar uma possível intervenção.</p>	<p>“um eventual posicionamento de forças naqueles territórios por parte da Aliança (...), será sempre considerado pela Federação como uma ameaça ao seu flanco Norte/Nordeste e desencadeará como tal uma reação natural”. (3) “Trata-se de uma presença multinacional e rotativa de carácter dissuasor e que tem como função mostrar claramente a união, coesão e determinação da Aliança na proteção dos seus membros face a qualquer ameaça. Poderá dizer-se que o objetivo é demonstrar onde está a “linha vermelha” que não convém atravessar”. A antecipação estratégica advém do conhecimento situacional que a Aliança retira da sua presença no terreno, o que permite, também ter uma perceção mais unificada da ameaça – todas estas ações contribuem para a coesão da Aliança e são facilitadoras de consenso ao nível político no processo decisório. (4) São os dois. As AM não são forças substanciais e não são permanentes. (5)</p>	
OTAN					<p>As AM procuram criar efeitos em dois domínios. No domínio externo dissuadindo Moscovo de intervir de forma convencional ou híbrida no EEL e no domínio interno, contribuindo para a coesão da Aliança. Destes dois domínios qual considera o mais determinante, no quadro dos contributos das AM?</p>	<p>X X</p>	<p>O domínio essencial de atuação das AM é a coesão, porquanto é também neste domínio que a Rússia procura efetivar as suas intenções estratégicas.</p>	<p>“Tudo o que possa representar ou configurar uma quebra da coesão da Aliança será sempre encarado por Moscovo como uma “vitória” e, consequentemente, um contributo para o reforço das suas intenções estratégicas”. (3) “Analisando os contributos nacionais para as AM desde 2014, diria que o mais determinante, para Portugal e para os Aliados de Leste, é a dimensão da coesão. Portugal demonstrou inequivocamente a sua solidariedade para com os Aliados de Leste e suas preocupações de segurança, contribuindo ativamente para a sua defesa. Isso permite-nos chamar a atenção desses Aliados para as nossas preocupações de segurança, nomeadamente para os desafios e ameaças oriundos do Flanco Sul”. (4)</p>	
					<p>Considera que a OTAN através da intervenção no EEL por via das AM tem desestabilizado a região? Se sim porquê?</p>	<p>X</p>	<p>X X</p>	<p>A presença de forças no EEL pela dimensão e natureza não configuram um elemento desestabilizador. Todavia, a Rússia enquanto estado autoritário tem tendência a reagir.</p>	<p>A Rússia como “estado autoritário não pode deixar de reagir e necessita de inimigos externos para justificar a sua existência”. (2) “A projeção de Forças para o Flanco Leste da Aliança, pela dimensão e natureza das mesmas, não constitui um elemento desestabilizador (embora seja invocado pela Comunicação Estratégica de Moscovo enquanto tal)”. (4) Não. Não julgo que tenha desestabilizado a região. Existem benefícios da presença de forças na região para reforçar a dissuasão e indicam que a Aliança está comprometida com a defesa dos Bálticos. (5)</p>
					<p>Considera que esta nova PDD constitui uma violação do ato base OTAN-Rússia e do acordo de presença de forças de combate na Europa?</p>		<p>X</p>		<p>Não. As medidas foram desenhadas de forma cuidada no sentido de não violar o ato base OTAN-Rússia. (5)</p>
					<p>Considera que a OTAN tem atualmente uma estratégia concertada e consensual, no seio dos 28, para fazer face às ameaças a Leste?</p>	<p>X X</p>		<p>No seio da OTAN existe uma estratégia concertada, para a qual o RAP, contribui como elemento aglutinador. Todavia o posicionamento de alguns dos membros da Aliança, em termos bilaterais, com a Federação poderá condicionar algumas</p>	<p>“são visíveis alguns conflitos de interesses entre alguns dos principais membros da Aliança”; “A linha de orientação estratégica claramente seguida por alguns deles (Alemanha, França, Itália) consiste na progressiva normalização do relacionamento político e económico com a Rússia”; <i>Business as usual</i> de grande número de atores Europeus com a Federação</p>



			das decisões que possam vir a ser necessárias.	mantém-se, como é demais evidente no setor energético” “a geoenergia e a geoeconomia estão a sobrepor-se à geopolítica e geoestratégia”. (3) “A OTAN, neste momento, tem uma estratégia concertada e consensual para fazer face às ameaças, não apenas a Leste, mas também de outras direções estratégicas que afetam a segurança das populações Aliadas, nomeadamente o Sul e o Atlântico Norte”. (4)
No quadro da aplicação dos instrumentos de poder da OTAN (Diplomático, Informacional, Militar e Económico), para além do Militar, que outro considera como mais determinante para garantir a estabilidade do EEL?	X	X	A Rússia tem demonstrado uma política externa assertiva e multivetorial lidando mal com demonstrações de força. Assim em termos diplomáticos dever-se-á privilegiar o diálogo. No domínio Militar a opção deverá centra-se nas capacidades de dissuasão e no domínio Informacional uma aposta na STRATCOM com mensagens atinentes a um ambiente seguro e estável na Europa.	“a diplomacia será certamente indispensável e inalienável, já que a liderança forte de Putin e do seu círculo de poder não lida da melhor forma com propostas ou cenários musculados” “constituindo porventura o exercício de maior complexidade e dificuldade, este binómio <i>softpower / hardpower</i> terá ele mesmo de ser harmónico, orientado (desejavelmente) pela vontade de normalização do relacionamento euro-russo, ser o mais livre possível de constrangimentos que atores externos lhe possam impor, e sem que da sua aplicação resultem fraturas entre os principais pesos pesados europeus”. (3) “Para o flanco Leste em particular, considero que a combinação principal de instrumentos de poder serão i) Diplomático (equilíbrio entre a postura de dissuasão e o diálogo com Moscovo é fundamental para evitar mal-entendidos e escalada desnecessária); ii) Militar (com uma pequena presença de carácter dissuasor); iii) Informacional – com uma campanha de Comunicações Estratégicas que torne bem claro os objetivos de manutenção de um ambiente estável, paz e segurança para as populações aliadas, numa postura apenas defensiva e proporcional”. (4)
A projeção de forças, de forma permanente, para os Bálticos e Polónia através da eFP, vem eliminar a necessidade da existência das AM?		X		“A natureza rotativa destas Forças, isto é, o seu carácter não permanente, faz com que existam flutuações nos números e nas suas características. As AM são de natureza adaptativa e serão diminuídas ou aumentadas conforme seja determinada necessidade política para tal. De qualquer forma, a eFP já eliminou algumas AM”. (4)
Esta alteração referida anteriormente configura uma alteração na estratégia de dissuasão da OTAN, de uma perspetiva de negação para punição?		X		“Esta alteração configura uma alteração na Postura e não na Estratégia, que continua a ser numa perspetiva de negação”. (4)

Fonte: (Autor, 2017), com base em (Fânzeres, 2017), (Freire, 2017), (Milhazes, 2017), (Sampaio, 2017) e (Radin, 2017)



Apêndice D — *Readiness Action Plan*

A OTAN tem procurado, desde a sua fundação em 1949, adaptar-se aos diferentes ambientes estratégicos. Essa adaptação é formalmente traduzida nos Conceitos Estratégicos aprovados em 1991, 1999 e 2010⁶³. Conjugado com essa adaptação estratégica a Aliança tem vindo a estender o seu espaço de influência a Leste numa política de “*open doors*”, consubstanciada na ideia central da procura da estabilidade na Europa. Esta política apresenta, contudo, entendimentos antagónicos especialmente por parte de Moscovo que observa nesta aproximação a principal ameaça (Klein, 2015; MNE Rússia, 2016).

A dissolução da URSS em 1991 e com ela a Aliança militar do Pacto de Varsóvia criou um vazio estratégico que configurou um recentrar naquela que constituía, até então, a génese da Aliança Atlântica – a defesa coletiva. Contudo, a ausência de uma ameaça estatal declarada, reorientou, a partir de 1999, a Aliança para a atuação nas designadas Operações de Resposta a Crises em regiões como os Balcãs e a República Federal da Jugoslávia (Hyde-Price, 2016, p.42).

Posteriormente, em 2001 após os ataques às torres gémeas e à invocação, pela primeira vez, do art.º nº5 do Tratado de Washington, observou-se as debilidades da OTAN. A intervenção no Afeganistão iniciada em 2001 foi comandada pelos EUA, e apenas em 2003 a Aliança assumiu o comando da *International Security Assistance Force* (Hyde-Price, 2016, p.51). Em 2002, na Cimeira de Praga, são tomadas um conjunto de decisões com impacto no EEL, designadamente: (i) criação da NATO Response Force e (ii) decisão do alargamento aos Bálticos, Bulgária, Eslováquia, Eslovénia e Roménia⁶⁴ (OTAN, 2002). Desde então e até à anexação da Crimeia pela Rússia em 18 de março de 2014, as principais ameaças, e que são traduzidas no Conceito Estratégico de 2010, são: (i) terrorismo, (ii) ciberataques e (iii) instabilidade provocada pelo tráfico de armas, narcóticos e pessoas. No mesmo documento é ainda reconhecido que um ataque convencional contra a Aliança é baixo (OTAN, 2010, pp.10–13).

Moscovo, como vimos, tem-se posicionado na cena internacional de forma multivetorial, ambígua e adaptável colocando novos desafios à relação OTAN-Rússia, dos quais a estabilidade do EEL é paradigmático Este posicionamento, provocou na Aliança a

⁶³ O relatório conhecido como “*Harmel Report*” constituiu um contributo essencial para a adaptação da Aliança e introduziu dois conceitos essenciais: (i) dissuasão e (ii) diálogo. Advogou ainda a adoção de uma política dual baseada na promoção da dissuasão política enquanto mantinha a capacidade de defesa (OTAN, 2017d).

⁶⁴ Atualmente o alargamento da OTAN a países como a Geórgia, Ucrânia ou Moldávia não é percecionado favoravelmente por todos os Aliados, porquanto alguns consideram que poderá exacerbar as tensões com Moscovo, dos quais se excluem os membros a leste (Pezards et al., 2017, p.72).



necessidade de intervir, sob pena de perder a sua credibilidade e finalidade (Niblet 2014; Wolfson 2014 cit. por Webber, 2016, p.1).

Em resposta à anexação da Crimeia e intervenção no leste da Ucrânia em março de 2014, e após uma avaliação estratégica por parte do SACEUR, em abril do mesmo ano, são aprovadas as *Immediate Assurance Measures*. Em setembro, decorrente da Cimeira de Gales (OTAN, 2014b), a Aliança aprova duas iniciativas de grande importância para fazer face aos desafios emergentes impostos pelo posicionamento de Moscovo e das suas implicações estratégicas e dos riscos e ameaças que emanam da região do Médio Oriente e Norte de África, designadamente: (i) o RAP enquanto m/a e (ii) compromisso de gastos com defesa⁶⁵ (OTAN, 2014a) (Figura 13).

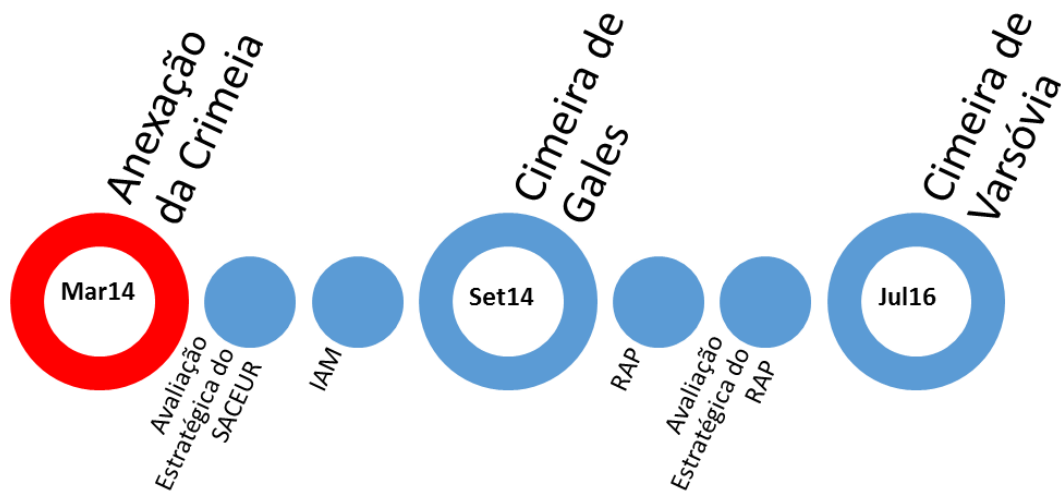


Figura 13 – Evolução da Resposta da OTAN à Rússia

Fonte: Adaptado de Perry, (2015)

A resposta a estes novos desafios seria o RAP como m/a fomentadora da nova PDD assente num equilíbrio entre capacidades nucleares, convencionais e de defesa antimíssil, com o objetivo de tranquilizar os Aliados e dissuadir uma possível intervenção da Rússia (OTAN, 2014a). Esta nova postura reorientou o esforço da aliança para a Defesa Coletiva, em contraponto com o que tinha vindo a constituir a sua postura após a queda do muro de Berlim (Stoltenberg, 2017, p.6).

O plano permite à Aliança dispor de um conjunto sincronizado e flexível de opções de resposta militar para fazer face a qualquer ameaça, num ambiente securitário mais diverso, complexo, rápido e exigente (OTAN, 2016d). Compreende um conjunto de medidas de prontidão e capacidade de resposta e é fundado em dois pilares estruturais: (i) AM e (ii)

⁶⁵ Os 28 países membros comprometeram-se a aumentar gradualmente as despesas com defesa até ao mínimo de 2% do PIB, dos quais 20% deve ser orientado para a Investigação e Desenvolvimento até 2024 (OTAN, 2014c).



AdapM. Contribuindo para a reorientação da PDD a OTAN tem vindo a implementar um conjunto de outras iniciativas, designadamente: (i) o escudo de defesa antimíssil, (ii) promoção do diálogo e transparência com Moscovo através do Conselho NATO-Rússia⁶⁶ e Ato Base, (iii) implementação da eFP⁶⁷, (iv) agilizar a estrutura de comando, (v) implementação das tFP, (vi) melhorar a antecipação estratégica, (vii) reforçar a estratégia marítima, (viii) promover a interoperabilidade, (ix) garantir a capacidade nuclear como única e de último recurso, (x) promover a STRATCOM⁶⁸, (xi) garantir *enablers* para comando e controlo, e.g. NFIU, entre outras. (OTAN, 2016a) (Figura 14).

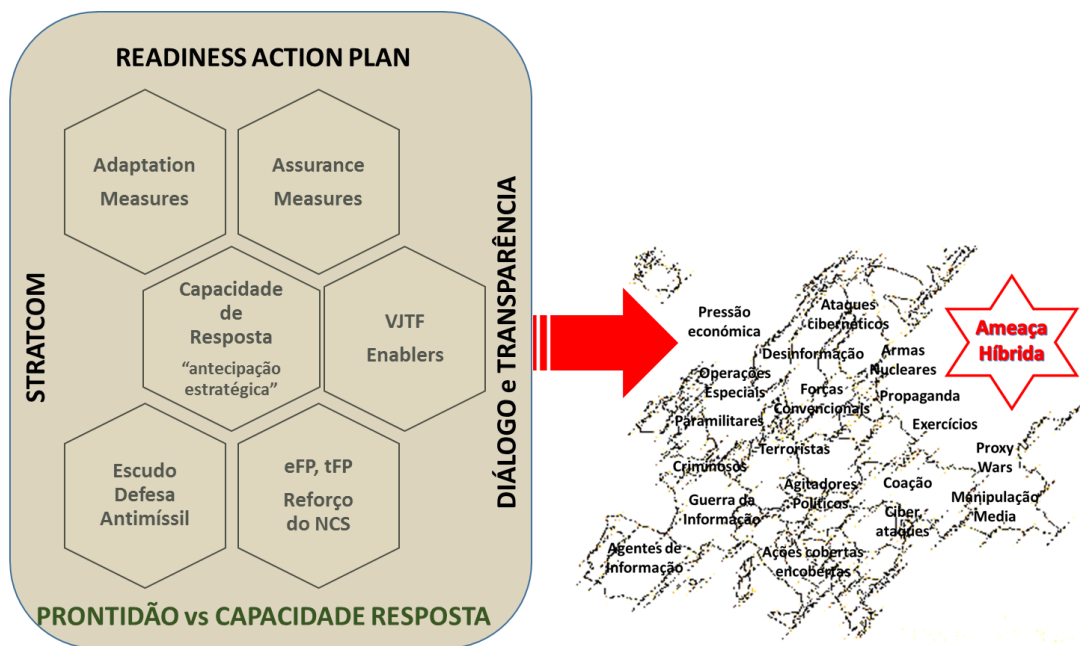


Figura 14 – O RAP como resposta à ameaça híbrida

Fonte: (Autor, 2017)

No entanto ainda antes da cimeira de Varsóvia de 2016 diferentes estudos, e.g. (Shlapak e Johnson, 2016; Kramer e Craddock, 2016), indicam a necessidade de reforçar a postura de dissuasão e defesa, através por exemplo de medidas que prevejam: (i) melhorar a capacidade de alerta e análise para permitir aumentar a capacidade de resposta – antecipação estratégica, (ii) reforçar a defesa dos Bálticos, (iii) estabelecer capacidades contra A2/AD,

⁶⁶ Foi criado em 2002 e constitui um fórum para consulta sobre assuntos de segurança e dirigir a cooperação em diferentes áreas entre a OTAN e a Rússia. Em 2010, numa declaração conjunta foi reafirmado o respeito pelo Ato Base e a necessidade de contribuir para a paz e estabilidade no Espaço Euro-Atlântico respeitando os princípios da confiança recíproca, transparência e previsibilidade (OTAN, 2016e).

⁶⁷ Projeção para os países Bálticos e Polónia de quatro UEB de forma permanente, com capacidade de operar de forma combinada com as Nações Hospedeiras e com a existência de uma estratégia de reforço. Cumulativamente, estabelecer um *Multinational Division Headquarters* na Polónia.

⁶⁸ Em janeiro de 2014 foi estabelecido o Cde para a STRATCOM em Riga.



(iv) a criação de estruturas para resposta a ameaças híbridas e (v) reforço da estrutura de comando e controlo.

Essas propostas vieram a traduzir-se, na generalidade, nas decisões tomadas na cimeira de Varsóvia, das quais se destacam: (i) aumento das capacidades da eNRF para uma Unidade de Escalão Divisão, (ii) criação de uma nova VJTF, (iii) estabelecer as NFIU's, (iv) criação do *Multinational Corps Northeast* na Polónia e o QG multinacional *Division Southeast* na Roménia, (v) estabelecer uma presença avançada⁶⁹ (Figura 15) e (vi) implementação de uma estratégia contra a ameaça híbrida em coordenação com a UE (OTAN, 2016a).

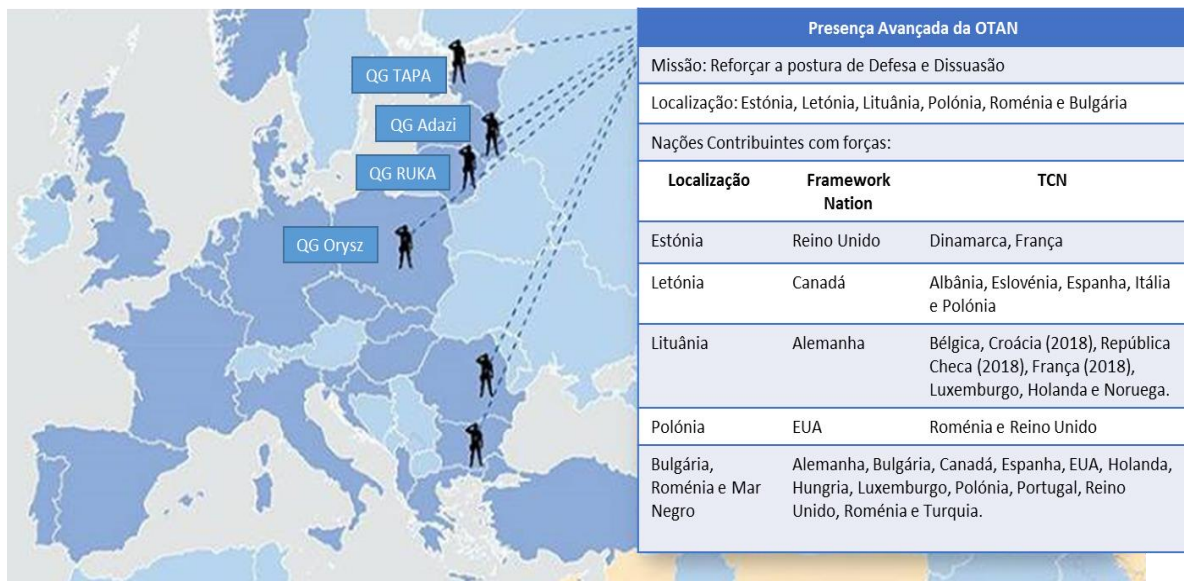


Figura 15 – A presença avançada OTAN

Fonte: Adaptado de OTAN, (2017f) e Lapo e d'Inverno, (2017)

⁶⁹ Tradução livre do autor de *forward presence*. Radin defende que apesar da projeção de forças para o EEL possa tornar uma guerra convencional menos provável, paradoxalmente aumenta o risco de um conflito de baixa intensidade (2017, p.35).



Apêndice E — Exercícios OTAN para 2017

Tabela 12 – Exercícios OTAN para 2017 no Espaço de Empenhamento a Leste

Exercício	Descrição/Objetivo	Tipologia	Localização Eventos	Países OTAN Participantes	Países Participantes não OTAN	Tamanho das Audiências de Treino
BALTIC HOST	Exercitar as capacidades das Nações Hospedeiras com os Aliados	Exercício de Postos de Comando (CPX)	Lituânia Letónia Estónia	Lituânia Letónia Estónia		51-200
BALTIC ZENITH	Exercício de nível tático para testar os Sistemas terrestres de Defesa Aérea.	Exercício real com Forças (LIVEX)	Letónia	Lituânia		51-200
BALTOPS	Exercício Marítimo no âmbito da PFP.	LIVEX	Polónia Mar Báltico	Dinamarca Estónia França Alemanha Letónia	Lituânia Noruega Polónia EUA	Finlândia Suécia
DYNAMIC MERCY - L	Exercitar cenários de atividades <i>Search and Rescue</i> fomentando a cooperação e interação regional entre autoridades militares e civis.	LIVEX Exercício Assistido por Computador (CAX)	Reino Unido Mar Báltico			51-200
FLAMING SWORD	Exercício de Operações Especiais procurando fomentar os esforços de coordenação, partilha de informações, apoio ao planeamento, sincronização de campanhas, atividades em ambientes semi e não permissivos. Cumulativamente procura testar a interoperabilidade das forças de operações especiais da OTAN durante operações de defesa coletiva na região dos Bálticos.	LIVEX	Lituânia Letónia	Letónia Estónia Polónia EUA	Noruega Dinamarca Reino Unido	Ucrânia Geórgia
FLAMING THUNDER	Treinar a integração de unidades de artilharia e morteiros em operações defensivas, procurando aumentar a interoperabilidade entre as nações OTAN	LIVEX	Lituânia	Estónia Polónia Letónia	EUA Lituânia Holanda	
GRIFFIN FORCE I e II	Testar, melhorar e integrar os procedimentos de RSOM da VJTF.	Seminário Académico de Interoperabilidade	Polónia Estónia Lituânia Letónia	Estónia Hungria Letónia	Lituânia Polónia Eslováquia	51-200



Assurance Measures: A solução para a estabilidade no flanco ESTE da Europa?

HUNTER	Treinar guarnições de Armas anticarro para bater alvos em posições defensivas e aumentar a interoperabilidade entre as unidades participantes.	LIVEX	Lituânia	EUA Letónia Estónia Polónia	Lituânia Alemanha Holanda	
IRON WOLF	Treinar a avaliar os Batalhões Multinacionais no planeamento e conduta de operações ofensivas e defensivas e aumentar a interoperabilidade.	LIVEX	Lituânia	Alemanha EUA	Holanda Lituânia	2501-5000
KEVADTORM (SPRING STORM)	Executar as tarefas operacionais ao nível do Estado-Maior e das unidades, focado em ações desenvolvidas num cenário de conflito convencional militar.	Exercício de Campo (FTX)	Estónia	Canada França Alemanha Letónia	Lituânia Holanda Polónia Reino Unido	Finlândia
KOBRA	Incrementar a interoperabilidades entre as forças de operações especiais da região dos Bálticos e da OTAN na condução de operações no âmbito da defesa coletiva.	FTX	Lituânia Polónia Mar Báltico		Lituânia Polónia	201-500
NORTHERN COASTS	Exercício focado em operações conjuntas com foco nas operações especiais, forças navais tendo em vista aumentar a interoperabilidade.	LIVEX	Suécia Mar Báltico	Alemanha	Suécia	
Ramstein Alloy 1/2/3	Promover a coordenação entre a OTAN e a PFP, melhorar as relações entre as Forças Aéreas da região e aumentar a interoperabilidade; Exercitar a rotação de forças no âmbito do Policiamento Aéreo dos Bálticos e as forças de interceção.	LIVEX	1 - Lituânia 2 - Letónia 3 - Estónia		Finlândia Suécia	0-10
RAMSTEIN GUARD 9	Orientado para o treino do Comando Aéreo de <i>Ramstein</i> e as suas unidades subordinadas na resposta a um diversificado conjunto de ameaças no âmbito da Guerra Eletrónica.	LIVEX	Estónia Letónia Lituânia			51-200
SABER KNIGHT	Treinar os Comandos de Brigada na execução de operações e desenvolvimento do planeamento paralelo.	CPX	Estónia			
SABER STRIKE	FTX do escalão companhia ao escalão brigada e ligado ao exercício BALTOPS 17.	CPX/CAX FTX/LIVEX	Estónia Letónia Lituânia Polónia	Canada Lituânia Letónia	Polónia Reino Unido	501-1000



Assurance Measures: A solução para a estabilidade no flanco ESTE da Europa?

SILVER ARROW	Treinar UEB no planeamento e execução de operações convencionais.	FTX	Letónia	Alemanha Estónia Lituânia	Noruega Reino Unido EUA	Finlândia	1001-2500
STEADFAST COBALT	Avaliar e documentar o nível de interoperabilidade nos sistemas de comunicações e informações para a projeção da NRF	Exercício de Interoperabilidade	Lituânia				
STEADFAST PINNACLE	Exercício de estudo focado em desenvolver as capacidades dos Comandantes e elementos do Estado-Maior para planear e conduzir operações através da aplicação da arte operacional.	<i>Study</i>	Letónia				11-50
SUMMER SHIELD	Exercício de nível tático. Treinar UEB na integração de fogos conjuntos e outros elementos de apoio de combate como: reconhecimento, engenharia, artilharia e nuclear, biológico, químico e radiológico.	LIVEX FTX CPX	Letónia	Dinamarca Estónia Alemanha Lituânia EUA	Canada Luxemburgo Eslováquia Roménia Bulgária	Suécia	501-1000
THUNDER SHIELD	Coordenar o Plano nacional de defesa e mobilização das FFAA com os planos de outras instituições da Lituânia quer de forma isolado quer com o apoio dos Aliados	<i>Joint Conflict e Tactical Simulation Events</i>	Lituânia	Letónia Lituânia	Estónia EUA		51-200
TOBRUQ LEGACY	Aumentar a interoperabilidade ao nível do Comando e Controlo e comunicações da Componente terrestre de defesa aérea sob a aplicação do artigo 4º da OTAN.	Exercício de Comunicações LIVEX	República Checa Lituânia Roménia				
TRAINING BRIDGE	Assegurar a presença da unidade de formação Húngara na Estónia e reforça a presença das forças OTAN e da iniciativa <i>viseguard</i> no âmbito das AM. Conduzir treino combinado com a Estónia e as forças Aliadas projetadas na região. Planear e conduzir projeção estratégica para o EEL.	CPX LIVEX	Estónia	Hungria Polónia	República Checa Eslováquia		51-200

Fonte: Adaptado de OTAN (2017e)



Apêndice F — Afetação CC do ator Rússia pelas Assurance Measures

Tabela 13 – Afetação das CC do ator Rússia pelas Assurance Measures

Capacidade Crítica	Como?	Medidas Assurance Measures				
		Com quê? (Afetação) ⁷⁰				
		PA	PM	Exercícios	IVR	
1	Garantir a coesão das Alianças que integra, designadamente a OTSC, CEI, e a nível bilateral, a Bielorrússia.	Dada a área de atuação das AM (Países Bálticos), não se considera que estas medidas tenham capacidade de afetar esta CC. Por outro lado, nenhum dos Países do EEL, integram as organizações identificadas.	3	3	3	3
2	Manter equilíbrios vários entre os principais polos de poder e aumentar a influência regional; garantir o equilíbrio de poder no âmbito do CSNU.	A presença de Forças Convencionais na fronteira Leste demonstra o comprometimento da Aliança para com os Estados Bálticos limitando a liberdade de ação de Moscovo naquele e noutros espaços.	2	2	2	2
3	Manipular os mercados de energia (garantir a dependência energética da Europa do gás russo e utilizar a energia como arma estratégica).	Esta CC depende essencialmente do instrumento diplomático e económico, pelo que não se considera que as AM tenham capacidade de afetar esta CC.	3	3	3	3
4	Executar ações de propaganda (Retórica das lideranças Russas).	As ações de propaganda Russa procuram atuar, preferencialmente, na minoria Russa designadamente através de OCS financiados pelo governo de Moscovo, com recurso a campanhas de desinformação. A presença da OTAN, embora não afete diretamente as CC Russas, diminui as suas possibilidades. Saliente-se aqui a existência do CdE de STRATCOM em Riga.	2	2	2	2
Empregar as Forças Armadas:						
5	5.1) empregar Forças Nucleares Estratégicas	Embora as AM não afetem diretamente esta capacidade, considera-se que através do PA, PM e IVR, a OTAN limita a liberdade de ação no emprego desta tipologia de forças.	2	2	3	2
	5.2) implementar o escudo de defesa antimíssil;	Esta capacidade Russa depende essencialmente de financiamento e tecnologia, pelo que não se considera que as AM tenham capacidade de afetar esta CC.	3	3	3	3

⁷⁰ 1 – afeta diretamente; 2 – afeta indiretamente; 3 – não afeta.



Assurance Measures: A solução para a estabilidade no flanco ESTE da Europa?

5.3) projetar poder embora de forma limitada;	As ações de PM e PA no EEL condicionam a CC Russa de projetar poder através do vetor aéreo e marítimo. Nesse quadro, as ações de controlo do Mar e de interceção aérea desenvolvidas através do PM e PA, respetivamente afetam diretamente esta CC Russa. Por outro lado, as IVR fornecem indicadores e alertas que permitem orientar o esforço do PM e PA.	1	1	3	2
5.4) empregar forças conjuntas em todo o espetro de operações;	Esta capacidade é desenvolvida internamente pela Federação através de Exercícios conduzidos de forma independente ou no seio de Alianças e acordos bilaterais ou multilaterais. Pelo referido não se considera que as AM tenham capacidade de afetar esta CC.	3	3	3	3
5.5) garantir A2/AD na região do Báltico;	As ações de PM e PA no EEL condicionam a CC da Rússia projetar poder através das ações de controlo do Mar e interceção Aérea, respetivamente. Por outro lado, as IVR garantem indicadores e alertas que permitem orientar o esforço do PM e PA.	1	1	3	2
5.6) treinar, aconselhar e apoiar forças rebeldes.	Esta capacidade, a ser desenvolvida pela Rússia, sê-lo-á através das FOpEsp. Esta tipologia de forças, pelo modelo de atuação, normalmente encoberto dificulta a sua identificação. Neste quadro, considera-se apenas a capacidade de recolha de informações como vetor de influência indireta desta capacidade Russa.	3	3	3	2
Empregar uma estratégia híbrida:					
6.1) conduzir atividades de Informação;	Embora as AM não afetem diretamente esta capacidade, considera-se que as capacidades existentes pela sua presença no âmbito das AM, constituem medidas que limitam o desenvolvimento das atividades de informação por parte da Federação Russa.	2	2	2	2
6	O ciberataque tem associado, desde logo, a problemática da identificação do atacante, bem como a possibilidade de um indivíduo ter a capacidade de atuar de forma isolada para afetar determinado ator. As AM não dispõem de capacidades com possibilidades de afetar esta CC Russa. Contudo, a OTAN reconhece que a resposta a esta tipologia de ameaças é tanto em termos de tecnologia como em termos de pessoas (OTAN, 2017g), pelo que a formação, o treino e os exercícios são um elemento central para a capacidade de resposta dos Aliados.	3	3	2	3
6.2) executar ciberataques;					



Assurance Measures: A solução para a estabilidade no flanco ESTE da Europa?

6.3) empregar proxy;	As AM não dispõem de capacidades para afetar diretamente esta capacidade Russa. Pode, no entanto, limitá-la através do esforço de recolha de informações e de presença através, essencialmente, do PA e IVR.	2	3	3	2
6.4) influenciar economicamente;	As AM não dispõem de capacidades para afetar esta CC Russa.	3	3	3	3
6.5) influenciar politicamente. Subverter práticas e instituições democráticas;	As AM não dispõem de capacidades para afetar esta CC Russa.	3	3	3	3
6.6) empregar medidas clandestinas;	As AM não dispõem de capacidades para afetar diretamente esta capacidade Russa. Pode, no entanto, limitá-la através do esforço de recolha de informações e de presença através, essencialmente, do PA e IVR.	2	3	3	2

Fonte: (Autor, 2017)



Apêndice G — Análise modalidade de ação estratégica

Para efetuar a análise da m/a estratégica da OTAN procurámos recorrer à matriz de análise SWOT modificada (Tabela 14). Para o efeito as potencialidades e limitações do EEL identificadas no capítulo dois serão utilizadas, como entradas, para o ambiente interno, respetivamente como Forças (S) e Fraquezas (W)⁷¹ (Tabela 15). Para o ambiente externo recorreremos aos cenários identificados como ameaças no capítulo três (Tabela 16). O cruzamento entre as potencialidades do EEL e as ameaças indicar-nos-á que a m/a estratégica da OTAN deverá explorar as potencialidades. Já no tocante às vulnerabilidades, o cruzamento com as ameaças indica-nos que a m/a estratégica deverá procurar reforçar as estruturas internas do EEL.

Tabela 14 – Metodologia de análise SWOT

		Ambiente externo
		Ameaças (T)
Ambiente Interno (EEL)	S	SXT (Explorar as potencialidades)
	W	WxT (Reforçar)

Fonte: (Autor, 2017)

Tabela 15 – Forças e Fraquezas do EEL (Ambiente Interno)

Forças (S)	Descrição
S1	Tratados de cooperação militar entre os três Estados Bálticos.
S2	Integração na OTAN.
S3	Estratégia de Segurança Nacional Consolidada.
S4	Programa de Modernização das FFAA e aumento da percentagem do PIB nos gastos com defesa.
Fraquezas (W)	Descrição
W1	Proximidade geográfica da Federação Russa.
W2	Limitada capacidade interna no âmbito dos sistemas de recolha de informações.
W3	Limitada capacidade de defesa antiaérea.
W4	limitada capacidade no âmbito das Forças Pesadas.
W5	Limitada capacidade para garantir o controlo do mar nas águas territoriais do Golfo da Finlândia e Mar Báltico.

Fonte: (Autor, 2017)

Tabela 16 – Ameaças ao EEL (Ambiente Externo)

Ameaças (T)	Descrição
T1	Subversão política – executar ações indiretas com foco nas minorias russas descredibilizando as autoridades locais recorrendo à manipulação energética.

⁷¹ Serão apenas utilizadas as potencialidades e vulnerabilidades militares identificadas no capítulo três.



T2	Santuários Proxy – Explorar o recrudescer de movimentos separatistas e apoiar estes na descredibilização das autoridades locais.
T3	Executar uma ação convencional limitada no EEL, empregando forças conjuntas a fim de garantir a anexação as regiões da Estónia e da Letónia de minorias Russas descredibilizando a OTAN.
T4	Executar uma ação convencional no EEL empregando todo o espectro de capacidades a fim de garantir o controlo dos Bálticos, permitindo o acesso à região de Kaliningrado e descredibilizando a OTAN.

Fonte: (Autor, 2017)

Tabela 17 – Resultados da Análise SWOT - Potencialidades

Ameaça	Potencialidades	SxT – Explorar potencialidades
T1 T2 T3 T4	Tratados de cooperação militar entre os três Estados Bálticos.	Reforçar a cooperação em exercícios e no âmbito da PFP.
	Integração na OTAN.	Demonstrar o comprometimento da Aliança para com a defesa do flanco leste da Europa, mantendo presença de forças no EEL.
	Estratégia de Segurança Nacional Consolidada.	Execução de exercícios combinados.
	Programa de Modernização das FFAA e aumento da percentagem do PIB nos gastos com defesa.	Apoiar a edificação de capacidades.

Fonte: (Autor, 2017)

Tabela 18 – Resultados da Análise SWOT - Vulnerabilidades

Ameaça	Vulnerabilidades	WxT – Reforçar
T1 T2 T3 T4	Proximidade geográfica da Federação Russa.	Garantir a capacidade de recolha de indicadores e alertas; Garantir dissuasão convencional com a presença de forças militares; Garantir a capacidade de resposta e prontidão de forças.
	Limitada capacidade interna no âmbito dos sistemas de recolha de informações.	Reforçar em regime de supletividade a capacidade existente.
	Limitada capacidade de defesa antiaérea.	Reforçar a capacidade de defesa antiaérea; Garantir o PA e a capacidade de interceção em caso de violação do espaço aéreo dos Bálticos.
	Limitada capacidade no âmbito das Forças Pesadas.	Reforçar a capacidade existente com forças e meios capazes de deter uma eventual ofensiva Russa (T4).
	Limitada capacidade para garantir o controlo do mar nas águas territoriais do Mar Báltico.	Garantir o controlo do Mar Báltico; Garantir liberdade de ação para emprego da eNRF.

Fonte: (Autor, 2017)